



**PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL**

JOÃO PAULO CARNEIRO DOS REIS

**MICARETA EM MIRACEMA DO TOCANTINS: SUAS ESPACIALIDADES E
TEMPORALIDADES SOB OLHAR DOS PARTICIPANTES**

PORTO NACIONAL – TO

2020

JOÃO PAULO CARNEIRO DOS REIS

MICARETA EM MIRACEMA DO TOCANTINS: SUAS ESPACIALIDADES E
TEMPORALIDADES SOB OLHAR DOS PARTICIPANTES

Relatório de qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins - UFT, Campus Universitário de Porto Nacional como requisito final das exigências da elaboração da Dissertação de Mestrado em Geografia.

Linha de pesquisa: Estudos Geo-Territoriais

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Balsan.

PORTO NACIONAL – TO

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R375m Reis, João Paulo Carneiro dos.
 Micareta em Miracema do Tocantins: Suas espacialidades e
 temporalidades sob olhar dos seus participantes. / João Paulo Carneiro dos
 Reis. – Porto Nacional, TO, 2020.
 126 f.
 Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
 - Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação
 (Mestrado) em Geografia, 2020.
 Orientador: Rosane Balsan
 1. Micaretas. 2. Geografia Cultural 3. Miracema do Tocantins. 4.
 Territorialidade. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JOÃO PAULO CARNEIRO DOS REIS

**MICARETA EM MIRACEMA DO TOCANTINS: SUAS
ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES SOB OLHAR DOS
PARTICIPANTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Geografia e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 20/03/2020

Banca Examinadora:

Rosane Balsan

Profa. Dra. Rosane Balsan (Orientadora), UFT

Marciléia O-Bispo

Profa. Dra. Marciléia Oliveira Bispo, UFT

PI Rosane Balsan

Profa. Dra. Noeci Carvalho Messias, UFT

Porto Nacional – TO
2020

AGRADECIMENTOS

É com muita satisfação venho agradecer a todos que colaboraram diretamente e indiretamente para a realização desta pesquisa. Agradeço a Deus, o pai de todos aqueles que sonharam que nele acredita.

Ao apoio dos meus familiares, minha Guerreira mãe Antônia Lúcia Carneiro, meu padrasto João Carlos Pereira dos Reis, meu irmão Lucimário Carneiro de Sousa, a minha cunhada Alzira Rodrigues, a minha amada sobrinha Sarah Gabriely, ao meu irmão Mauricio Carneiro, a minha irmã Iracema Carneiro e da Nayanny Brunno, mulher que Deus colocou na minha vida deu muita força durante essa caminhada de 02 anos.

A Dr^a. Rosane Balsan, pelo apoio e força durante toda a pesquisa, mediante tantos desafios ela apoiou e concedeu forças para que este estudo se realizasse.

Aos meus colegas que ingressaram comigo no mestrado acadêmico em Geografia do Programa de Pós Graduação em Geografia - PPGE em 2018. Zélia, Nayara, Robson, Glilbson, a todos os colegas da UFT de Porto Nacional/TO.

De maneira especial agradecer a todos aqueles tanto da academia como também do dia a dia que contribuíram para a realização desse estudo.

E de uma maneira bem especial, minha colega Sandra Gomes, compartilhamos várias experiências e momentos de angústia sobre nossas pesquisas.

Ao colega Wagner L. Martins por ceder à produção do mapa utilizado neste texto e a todos os demais colegas que contribuíram com a realização deste estudo.

À Capes – (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por conceder a bolsa de estudo durante um ano e cinco meses, auxílio tão importante para o desenvolvimento desta pesquisa.

Dizer também, que sou muito grato a todos aqueles cederam o tempo para nos ouvir e falar a respeito do objeto de pesquisa sendo todos os entrevistados tanto o idealizador, o primeiro a realizar o festejo, como também seus organizadores, os vendedores que nos atendeu gentilmente e também aos moradores de Miracema do Tocantins que nos atendeu para a realização desta pesquisa.

Aos servidores da Prefeitura Municipal de Miracema do Tocantins. Kadja Fernandes, Leandro Oliveira, Genes, e a todos os demais, sintam-se abraçados.

Afinal, só chegamos onde desejamos nesta vida, quando deixamos de trilhar velhos caminhos e começamos a pensar em novos horizontes e possibilidades para então alcançar a direção desejada! Gratidão a todos!.

“Um festival é um excesso permitido, ou melhor, obrigatório, a ruptura solene de uma proibição. Não é que os homens cometem os excessos por que se sentem felizes em consequência, de alguma injunção que receberam. O caso é que o excesso faz parte da essência do festival, o sentimento festivo é produzido pela liberdade de fazer o que via regra é proibido” (FREUD em TOTEM E TABU 1913).

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar as espacialidades e temporalidades de uma manifestação carnavalesca, a partir do olhar dos organizadores, vendedores, moradores e participantes do festejo. A micareta, denominada *Miracaxi*, tem 22 anos de existência e é realizada anualmente na cidade de Miracema do Tocantins, localizada 76 quilômetros da capital, Palmas do estado do Tocantins. No primeiro instante é discutido o contexto histórico sobre as festas populares, no contexto da Geografia Cultural renovada. O presente estudo apresenta o contexto histórico e espacial das micaretas, também consideradas carnaval “fora de época”. A origem deste tipo de festejo remota ao século XV, na França. Os primeiros relatos sobre as micaretas no Brasil datam do século XX, nas cidades de Jacobina e Feira de Santana no estado da Bahia e, posteriormente, se expandiram para outras cidades do território brasileiro. Foi realizado o estudo bibliográfico e documental, além de aplicação de questionários aos vendedores que atuaram no circuito da festa no ano de 2019 e entrevistas abertas realizadas com quinze pessoas, sendo organizadores, moradores do bairro onde acontece a micareta e com seu idealizador. Dessa forma foi possível perceber o olhar dos participantes desta pesquisa em relação ao *Miracaxi*. Para os moradores entrevistados, em sua maioria, a festividade é um dos momentos em que a cidade recebe diversas pessoas e promove dias de alegrias. Já os vendedores apontaram as oportunidades de trabalho e diversão que a festa propicia. Para os organizadores o festejo é considerado tradicional e importante para a cidade, revelando-se como uma forma de obter renda extra e fonte de diversão. De maneira qualitativa, a pesquisa apontou a opinião dos participantes em relação ao que pensam sobre a micareta são elencados os pontos positivos e negativos. Por um lado, os participantes disseram se tratar de um festejo tradicional e que fomenta a economia local durante aquele período do ano. Por outro, existem problemas na questão da segurança da festa e também a questão do investimento feito pela entidade organizadora, que não consegue captar de volta todo o gasto atribuído a micareta. Portanto, as relações espaciais construídas entre os blocos ao entorno do circuito da micareta em Miracema do Tocantins se manifestam de formas distintas, permitindo que no mesmo festejo existam várias territorialidades, produzidas por diferentes grupos sociais que compartilham suas alegrias e fantasias no mesmo espaço.

Palavras-chave: Micaretas; Geografia Cultural; territorialidade

ABSTRACT

This study aims at investigating the spatialities and temporalities of a carnival manifestation, from the perspective of the organizers, vendors, residents and participants of the celebration. Miracaxi is a micareta that in the last 22 years has been annually held in Miracema do Tocantins, 76 kilometers away from the state capital, Palmas of state Tocantins. This study first brings the historical context of popular festivals while belonging to the on context gives renewed Cultural Geography field. Thus it presents the historical and spatial context of micaretas, also considered an off season carnival. The origin of this type of celebration dates back to the 15th century, in France, while the first reports about micaretas in Brazil are from the 20th century, in Jacobina and Feira de Santana, in the state of Bahia. Those celebrations later expanded to other cities in the Brazilian territory. For this study bibliographic and documentary researches were adopted, in addition to that, we applied questionnaires to the vendors who worked on the party circuit in 2019 and open interviews conducted with people from different scenarios such as organizers, neighborhood residents and the micareta creator. By doing that it was possible to outline the participants view in relation to Miracaxi. On one hand, for most of the interviewed residents the festivity is one of the moments in which the city receives many people and that brings days of joy. On the other hand the vendors pointed out the opportunities for work and fun that the party provides. As for the organizers, the celebration is considered traditional and important for the city, meaning extra income and a source of entertainment. De maneira qualitativa, a pesquisa apontou a opinião dos participantes em relação ao que pensam sobre a micareta são elencados os pontos positivos e negativos. According to the participants it is a traditional celebration that fosters local economy during that time of the year, but there are problems with security and also with the money spent by the organizers, which is not enough to cover the expenses. The participants also indicated some challenges they have such as the need to increase investments and security policies in relation to micareta. Therefore, the spatial relationship built between the blocks around the micareta circuit in Miracema of Tocantins manifest in different ways, allowing that in the same celebration there are there are several territoriality, produced by different social group that share their joys and fantasies in the same space.

Keywords: Micaretas; Cultural Geografia; Territoriality

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa de localização do município de Miracema do Tocantins.....	16
Figura 2. Festa Dionísticas (Deus Dionísios).....	33
Figura 3. Festa das Panateneia (Deusa Atenas).....	33
Figura 4. Festa homenagem a Deusa Grega Artemis.....	33
Figura 5. Exaltação da Micareta nas ruas de Paris-França em 1953.....	50
Figura 6. Capa do Jornal de 11 de março de 2010	52
Figura 7. Fotografia do bloco de rua “assassinos da tristeza”.....	55
Figura 8. Imagem do primeiro Trio elétrico na micareta de Feira de Santana/BA.....	58
Figura 9. A micareta em Feira de Santana na década de 1970.....	59
Figura 10. Demonstração involução das fantasias carnavalescas baianas.....	61
Figura 11. O primeiro trio elétrico presente na micareta de Miracema/TO em 1997.....	74
Figura 12. Notícias no Jornal do Tocantins sobre o <i>Miracaxi</i> em Miracema/TO de 1999.....	76
Figura 13. Primeira noite do <i>Miracaxi</i> em 2000 no Ponto de Apoio em Miracema/TO.....	78
Figura 14. Foliões no <i>Miracaxi</i> de 2007.....	78
Figura 15. Apresentação de uma banda musical no trio elétrico no circuito de 2007.....	79
Figura 16. Cartazes de divulgação do <i>Miracaxi</i> entre os anos de 2014 até 2018.....	81
Figura 17. Divulgação das bandas musicais presentes no festejo em 2019.....	82
Figura 18. Apresentação de uma banda musical no trio elétrico no circuito de 2019.....	82
Figura 19. Localização da micareta na cidade de Miracema do Tocantins.....	83
Figura 20. Homenagem feita pela instituição realizadora do festejo ao seu primeiro idealizador na edição de 2018.....	84
Figura 21. A demarcação do local do circuito – passagem do trio elétrico.....	85
Figura 22. Anúncio dos trios elétricos para micareta em 2017.....	87
Figura 23. O local do percurso do trio elétrico no circuito da micareta.....	87
Figura 24. Os trios elétricos estacionados circuito na edição do festejo de 2019.....	88
Figura 25. Entrada do circuito em 2019.....	90
Figura 26. Frente do Bloco “MARA SETE” presente dentro do circuito.....	92
Figura 27. Frente do camarote estrela e Bloco dos amigos – 2019.....	92
Figura 28. Entrada do camarote do Bloco <i>Zorra-2019</i>	93
Figura 29. Modelo do <i>abadá</i> do Bloco <i>Zorra</i>	93
Figura 30. Vista área do circuito da micareta no ano de 2018.....	95
Figura 31. Vista área do circuito da micareta em 2018.....	95
Figura 32. <i>Banner</i> de divulgação das atrações musicais da Micareta nos ano 2019.....	98
Figura 33. Os vendedores com seus produtos no dia da micareta em Miracema /TO.....	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Etapa da pesquisa.....	20
Quadro 02. A relação das Micaretas pelo Brasil - Espaços públicos e privados.....	67
Quadro 03. Produção da área colhida (em hectares) de abacaxi em Miracema/TO.....	74
Quadro 04. As datas e as atrações musicais presentes nos últimos anos na micareta.....	108
Quadro 05. O tempo de participação dos vendedores na micareta.....	108
Quadro 06. Os motivos da presença dos vendedores no festejo.....	109
Quadro 07. As sugestões dados pelos vendedores atuantes na micareta.....	109
Quadro 08. A localização da micareta na cidade de Miracema/TO.....	110
Quadro 09. Sobre os produtos comercializados na micareta.....	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIAM – Associação Comercial e Industrial e Agropecuária de Miracema do Tocantins.

CEP – Código de Endereçamento Postal

COOPEMIR – Cooperativa de Abacaxi de Miracema - TO

EMPRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PM – Polícia Militar

PRF – Polícia Rodoviária Federal

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UBS – Unidade Básica de Saúde

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)

UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins

UFT – Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1.5. INTRODUÇÃO.....	15
2.0. UMA REFLEXÃO SOBRE AS FESTAS POPULARES.....	25
2.1. Uma discussão sobre as festas populares.....	26
2.2. O carnaval e um pouco da sua história	31
2.3. O carnaval no contexto brasileiro.....	37
3.0. UMA DISCUSSÃO SOBRE AS MICARETAS SEUS ESPACIALIDADES S E TEMPORALIDADES.....	48
3.1. Um diálogo sobre a origem das Micaretas.....	49
3.2. As Micaretas: Para além da Bahia.....	63
3.3. A micareta em Miracema do Tocantins: Suas espacialidades e as temporalidades	71
4.0. RESULTADO DA PESQUISA: O OLHAR DOS PARTICIPANTES SOBRE A MICARETA, EM MIRACEMA DO TOCANTINS.....	102
4.1. O festejo: sob olhar de alguns moradores de Miracema do Tocantins.....	103
4.2. A Micareta: Sob olhar dos seus organizadores (2019) e dos vendedores (2018).....	106
5.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFÊNCIAS BIBLIOGRAFICA.....	118
APENDICE A: Questionário semi estruturado aplicado aos vendedores internos presente no espaço da festa.....	124
APENDICE B: Modelo da entrevista com os moradores.....	126

1.0 INTRODUÇÃO

O estudo na área das festividades é uma temática interessante, pois é uma pesquisa que retrata um pouco a história das manifestações culturais relacionadas com os prazeres e emoções que também fazem parte da vida humana compartilhada por vivências e experiências advinda desde Antiguidade.

Estudar as festas é buscar a sua compreensão, enquanto reflexos de um mosaico cultural existente na sociedade em sua totalidade em suas diferentes maneiras de ser e expressar, nos hábitos e costumes construídos pelos seus participantes diante suas histórias.

É importante conhecermos os significados das diferentes manifestações culturais, desde festas gregas e romanas na antiguidade, a fim compreender este processo histórico que trás com ele as invenções seja das festas e celebrações das colheitas, como também dos carnavais, e as micaretas.

Nesta pesquisa o objetivo é investigar as espacialidades e temporalidades sob olhar dos participantes de uma micareta que ocorre durante mais de duas décadas em Miracema do Tocantins. Os objetivos específicos foram: refletir a respeito das festas populares; o contexto histórico do carnaval e das micaretas no Brasil: reconstruir o contexto histórico da festa considerado uma micareta, ou carnavais “fora de época”, que é realizada desde 1997 no espaço público, em Miracema do Tocantins: analisar o olhar dos (comerciantes, organizadores e moradores da cidade que participam do festejo.

Este estudo parte da inquietude em relação aos vários aspectos imbuídos na realização desta Micareta, conhecida na cidade como *Miracaxi*, que já existe há mais 22 anos na cidade de Miracema - TO, anualmente no mês de julho desde 1997. O propósito aqui é investigar a historicidade desta manifestação que de certa forma contribui na formação da identidade coletiva da população local.

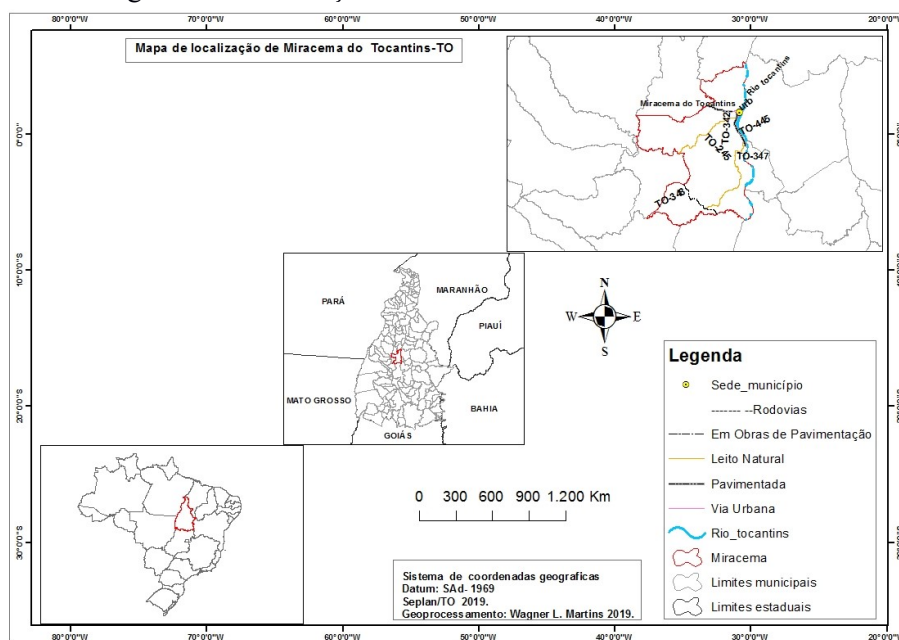
Miracema do Tocantins é uma cidade que surgiu na década de 1920 (embora muito antes desse período já habitavam nesta região vários povos indígenas) e, assim deve sua existência aos homens e mulheres que migraram do Maranhão, Pará, Piauí, Pernambuco e Bahia. As quais vinham na busca de melhores pastagens para a criação de gado bovino e para o comércio com poucos produtos agrícolas produzidos. Considera assim, as sua condição de

cidade localizada às margens do Rio Tocantins e ponto de passagem para quem negociava com o comércio de Belém do Pará.¹

Em relação à população do município a estimativa do IBGE (2020), que a população de Miracema do Tocantins tem uma população total estimada em 18.248 mil habitantes.² As fontes orais nesta pesquisa foram de fundamental importância para compreensão do contexto de como surge o ato festivo a ser estudado. Para esta finalidade, de início, os argumentos construídos são oriundos dos diálogos com os funcionários da instituição pública responsáveis pela concretização desta festividade na cidade de Miracema do Tocantins.³

A cidade de Miracema do Tocantins, no ano de 1997, ainda se recuperava das perdas populacionais e econômicas devido a perda do título de nova capital. O então município havia sediado a primeira capital administrativa do estado do Tocantins entre 1º de janeiro a 31 de dezembro 1989. Na figura 01 tem em destaque a localização do referente município.

Figura 01. Localização da cidade de Miracema do Tocantins



Fonte: Base Cartográfica – SEPLAN, 2019
Org. Wagner L. Martins, 2019

¹ A origem do nome (Miracema), etimologicamente vem do latim, verbo MIRARE = ver, olhar + o sufixo tupi-guarani, CEMA= água, daí Miracema, a cidade. (MIRANDA, 2015).

² Informações, Disponível em: www.ibgeciudades.gov.br. Acesso em: 23 fev.2020.

³ Elevado à condição de Capital provisória do Estado pelo Decreto Federal nº 97.215 de 13 de dezembro de 1989, mais informação no site da prefeitura, disponível em . Acesso em: 27.abr. 2019.

O contexto temporal da micareta teve início no mês de julho de 1997, no mês tradicionalmente das temporadas de praia no município, coincidindo com a semana do abacaxi realizada na referente época. É então realizado o carnaval “fora de época” na cidade de Miracema do Tocantins, denominado pelo o então secretário de Turismo e Lazer do município na gestão municipal do período de 1996 a 2000 com o nome de *Miracaxi*.

Neste estudo foi questionado onde e como surgem as consideradas micaretas? Quando e de que maneira esta festividade começou em Miracema do Tocantins? Em que espaço ocorre o *Miracaxi*? Como são compartilhados estes espaços pelos diferentes grupos responsáveis pela sua realização? Quem são estes grupos? Em relação às pessoas que vão à festa trabalhar e divertir-se, o que eles sabem sobre o *Miracaxi*? De onde são? O que sabem a respeito da micareta? Quanto ao idealizador inicial da micareta e os organizadores do festejo no ano de 2019 e também os moradores participantes o que dizem a respeito deste festejo na cidade? Há quanto tempo participam da festa? O que chama atenção na festa? O objetivo geral proposto aqui nesta pesquisa é investigar a manifestação carnavalesca considerada uma micareta: e suas espacialidades e temporalidades na cidade de Miracema Tocantins, sob o olhar dos participantes - vendedores que atuam no festejo, dos moradores e organizadores.

A análise das festividades consideradas “fora de época” as micaretas, contribui para (re) significação dos lugares onde se realizam, abrange os aspectos gerais e reforça ainda a existência da tradição que por sua vez se reproduz na cultura local. Neste estudo, foi preciso realizar a reflexão de conceitos antropológicos importantes, tais como, festas populares, dos carnavais e das micaretas e os conceitos geográficos, como espaço em sua totalidade e de território. Para assim, fomentar esta discussão, em que visa construir uma relação conjunta entre esses conceitos, para entender sobre os sujeitos que promovem a micareta em Miracema/TO e as espacialidades por eles produzidas.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e pode se considerar que a discussão qualidade *versus* quantidade corresponde muitas vezes a um problema mal colocado que, no fundo, está ligado às características dos pesquisadores. Thiollent aponta que “há uma diversidade de preocupações que não pode se resumir em uma oposição, quantitativo versus qualitativo”.(1984 *apud* TRÉZ, 2012 p.19). Nesta perspectiva, é possível o entendimento que:

“os conceitos de quantidade e de qualidade não são totalmente dissociados”. De acordo com a autora, se de um lado a quantidade é um tipo de qualificação, pois se trata de uma interpretação específica atribuída a uma grandeza de um fenômeno qualquer, de outro a quantidade precisa ser interpretada qualitativamente, dada sua relação com um referencial.(GATTI, 2002, p.11 *apud* TRÉZ, 2012, p. 19).

Na pesquisa mista, (BRYMAN 2007, *apud* TRÈZ, 2012 p.22), reconhece que pode haver conflito entre os dados quantitativos e qualitativos em uma mesma pesquisa que adote questionários e entrevistas. No entanto, de acordo com este autor, é raro que um conjunto de achados confirme outro conjunto em toda sua extensão, e que áreas de convergência podem ser encontradas. Mas no caso de conflito, parece haver uma tendência do pesquisador a dar mais valor aos dados qualitativos – o que, segundo os autores é uma decisão arbitrária.

Junior *et al* (2014), considera como princípio norteador numa pesquisa qualitativa envolvendo os aspectos qualitativos sobre determinado fenômeno a se estudar, que no campo das ideias existente no mundo social não é um dado natural, mas algo construído pelas pessoas em suas vidas cotidianas em condições estabelecidas pelo contexto pesquisado. Estas construções formam a realidade essencial das pessoas, ou seja, seu mundo vivencial. Nesse sentido, o emprego da abordagem qualitativa, seja por meio de entrevistas individual ou coletiva, ou até mesmo questionário semi estruturado, ajuda a mapear e compreender o mundo dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Então, este é o ponto de partida do cientista social, que introduz esquemas interpretativos a fim de deslindar as narrativas dos atores sociais.

A pesquisa é uma investigação sobre um determinado fenômeno, a qual é “permitida a comparação de sociedades diferentes, e ajuda a entender os vazios dos fatos e acontecimentos, apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente reconstituído, que assegura a percepção da continuidade e entrelaçamento dos fenômenos”. (LAKATOS E MARCONI, 2009, p.91 - 92).

Uma das técnicas utilizada com frequência em diferentes momentos no estudo foi a observação, Marconi e Lakatos (2003) afirmam se tratar de um dos instrumentos de coleta de dados, cujo possibilita a apreensão de vários sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consistindo apenas em ver e ouvir, mas também em analisar os fatos ou fenômenos que se deseja estudar. Os autores relatam também ser outro elemento necessário para desenvolvimento da pesquisa é a realização das entrevistas, que é entendida como um instrumento importante na construção do procedimento utilizado na investigação social, a fim de obter informações a respeito de determinado assunto para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI & LAKATOS, 2003).

De maneira ampla, a estrutura da pesquisa parte de vários momentos, dentre eles; pesquisa bibliográfica, levantamentos das matérias jornalísticas, leis municipais, como

também a pesquisa qualitativa realizada em meio à entrevista aplicada com o idealizador da micareta e com os organizadores e moradores com o foco de ouvir os vendedores que atuam no circuito do festejo.

Reforça então foram utilizadas várias técnicas de pesquisas; a observação, entrevista e questionário para alcançar os objetivos traçados. Inicialmente foi realizado levantamento de bibliografia (livros, teses, dissertações, monografias, artigos de jornais e revistas etc.)

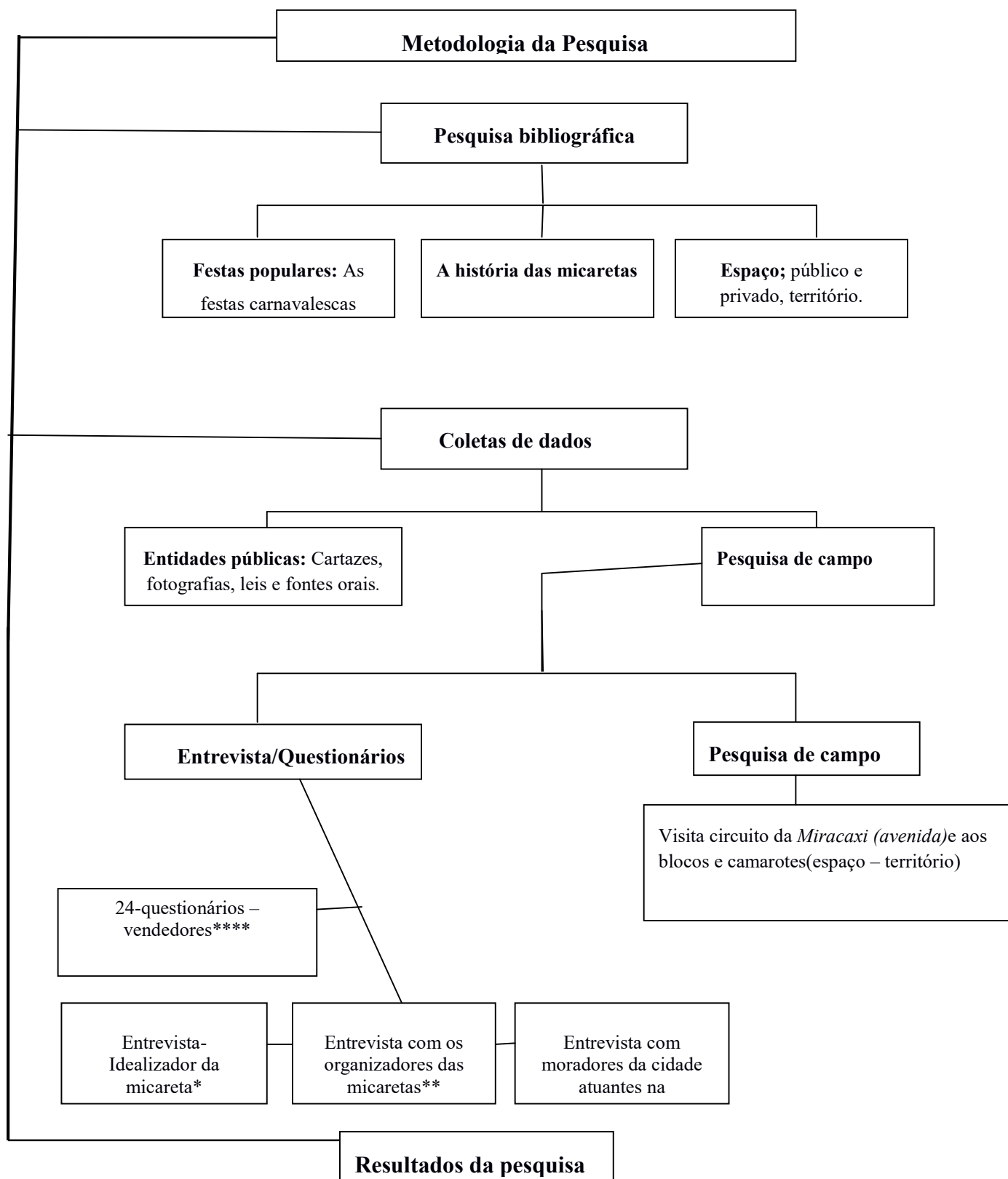
Na busca de informações e evidência sobre o objeto de estudo desta pesquisa, foi necessário recorrer a instituição municipal responsável pela realização do festejo em estudo, na qual foi possível fazer levantamento de vários arquivos, tais como; da legislação específica referente à micareta, aos cartazes de divulgação pertinentes as últimas edições e o *croqui* do espaço onde ela é realizada.

Neste instante da investigação foram coletadas informações sobre a festa em cartazes, folhetos, fotografias, croquis e leis e decretos municipais, na câmara ou na prefeitura, pedido, entrevista estruturada. Realizada com a o idealizador da micareta e 06 pessoas que participaram da organização do festejo nas edições de 2018 e 2019. Em outro momento aplicou-se um questionário com os vendedores que venderam seus produtos dentro do circuito da micareta no ano 2018. Além dos organizadores, também foram ouvidos 08 moradores da cidade de Miracema do Tocantins. Vale salientar que chamamos de sujeitos, os participantes dessa pesquisa.

Então, para o estudo também foi necessário recorrer tanto aos relatos do primeiro idealizador, como também dos organizadores do festejo no ano de 2019 e aos moradores. E também a pesquisa documental baseada nas fotografias antigas e atuais, e a legislação criada e os cartazes de divulgação ao decorrer da história desta festividade que ocorre em Miracema do Tocantins.

Para compreensão simplificada, no quadro 02, sucinta a organização dos passos metodológicos perpassados, cuja finalidade é o alcance dos objetivos para esta pesquisa traçado.

Quadro: 01: A demonstração das etapas da pesquisa



*Idealizador: ex-secretário de turismo e ex-vereador do município entre (1996-2000).

**Organizadores: ex-secretários municipais, ex-veredores e funcionários atuais.

***Moradores: Nos bairros próximos e distantes do circuito da micareta.

****Os vendedores atuantes no circuito da micareta em 2018.

O primeiro momento das entrevistas ocorreu na prefeitura da cidade. Foram entrevistadas seis pessoas, incluindo o ex-secretário da juventude e turismo Frederico Sodré dos Santos e o atual secretário até o momento da pesquisa no ano de 2019, Leandro de Oliveira. Os demais são funcionários da prefeitura que atuaram na organização da festa nos últimos dois anos. As entrevistas ocorreram no dia oito de fevereiro de 2019.

O segundo momento da pesquisa foi a entrevista com o idealizador geral da micareta o senhor Frederico Sodré dos Santos em 25 de março de 2019, na instituição a qual ele trabalha. Entre os dias dezoito e 20 de julho foram entrevistados oito moradores próximos ao local do festejo.

No total foram quinze entrevistas entre fevereiro à julho de 2019 com o (primeiro idealizador e organizador do *Miracaxi*, organizadores atuais e os moradores que atuaram ou que já participaram deste festejo). Os depoimentos dos organizadores do festejo do ano de 2019 foram realizados na instituição mantenedora deste evento, a prefeitura municipal de Miracema/TO. Dos moradores ocorreu em visita a suas residências, e a entrevista com o Senhor Frederico Sodré dos Santos, ocorreu na instituição a qual trabalha em Palmas/TO.

Terceiro momento voltado à pesquisa quantitativa foi a aplicação do questionário semi estruturado nos dias 12 e 16 de junho de 2018 para as pessoas que foram vender os seus produtos no festejo. Na ocasião todas participaram da reunião com a equipe organizadora da micareta. Foram no total 24 questionários, os quais continham 20 questões a respeito de onde eles eram o que vendiam na festa, e o que sabiam sobre a micareta. As questões respondidas foram tabuladas nesta pesquisa.

Em primeiro lugar, o festejo é iniciado no ano de 1997, idealizada na época pelo secretário do turismo e vereador Frederico Sodré dos Santos. O intuito do secretário era promover o turismo na cidade e atrair o maior número de pessoas para prestigiar as festividades. Aproveitando a tradicional semana do abacaxi, incluiu a Micareta no calendário da cidade. Surge então, o *Miracaxi* em Miracema, em que era conhecida no estado e fora do estado nos de 1997 pela sua grande produção de abacaxi.

Em entrevista com um dos organizadores do festejo presente 1997 e também no ano de 2019, Senhor Paulo Sardinha Moraes, ele comenta a cerca do período de grande colheita da fruta no município:

Em 1998, a cidade de Miracema era considerada a capital do abacaxi, havia uma grande produção da fruta na cidade. Na época o abacaxi, daqui era considerado o melhor do Brasil, então na gestão do prefeito Boanerges, contava com o apoio do

vereador, Frederico Sodré. Pensamos em promover alguma coisa que exaltasse esse produto na cidade. Percebeu-se, que o produto só passava pela cidade, e não ficavam. Então resolvemos criar a semana com programações especiais voltadas a exposição da fruta. Logo, criamos esse projeto, onde elegeu a eleição da rainha da festa, palestra com a parceria a EMPRAPA. Fechando ultimo dia do evento, o vereador da época Frederico Sodré, pensa a idéia de cria a festa para fechamento das atividades. Batizando a de Miracaxi. Houve uma criação de uma cooperativa por parte dos produtores, buscando assim ganhar destaca no mercado, nos anos de 1998 até 2000 a COPEMIR, nos anos iniciais atendeu boa parte dos cooperadores, mais ela foi ganhando outros caminhos, passando por uma elitização. (MORAES, 2019)²

A invenção da micareta, em torno da produção do abacaxi, parte da prerrogativa de festejar a colheita desta fruta inicialmente aqui no município de Miracema do Tocantins.

Em primeiro lugar, a ideia era festejar a produção do abacaxi, porém então o idealizador a frente da secretaria de turismo, improvisa e cria um trio elétrico no ano de 1997, e consegue trazer para o primeiro festejo uma banda baiana naquele momento de grande destaque nas micaretas baianas. É diante desta nova maneira de celebrar a grande quantidade da fruta que há a sua reinvenção originando em uma festa estilo micareta.

O sentido original do termo etimológico da palavra micareta, Gaudin (2000), conta “que vem da expressão “*Micareme*” significa em “meio da quaresma” acontecia entre várias categorias da população da capital francesa: os açougueiros, as lavadeiras e os estudantes” [...] cada grupo desfilando num determinado percurso e, em alguns anos, se juntando nas principais artérias de Paris num grande desfile popular.

Gaudin (2000) faz uma longa discussão sobre esta festividade, que segundo ele já era conhecida no Rio de Janeiro desde 1908: “neste ano, a *Fon-Fon*, revista ilustrada mundana, elegante, propunha que se realizassem festas de mi-carême dedicadas aos operários. Cada fábrica elegeria sua rainha e damas de honra que desfilariam pela Avenida no Sábado de Aleluia. A festa mudou de data ao atravessar o Atlântico, numa exemplar ilustração da plasticidade das datas festivas brasileiras evidenciadas por *Bastide* como típica de um folclore de importação.

Outro lugar de destaque deste estilo festivo é no estado da Bahia onde há décadas ocorrem as micaretas. Segundo Pinto (2010), existem certas confusões de onde de fato houve a primeira festa estilo micareta. Ele mostra que há relatos que afirmam ser na cidade de Feira de Santa da Bahia. Segundo o autor, a festa lá ocorre desde 1936. Um grupo de foliões, liderados por Manoel da Costa Ferreira e pelo professor Antônio Garcia, revolucionou a cidade com a criação da *Mica reme*, em substituição ao Carnaval. Houve debates pelos jornais com o grande mestre Antônio Garcia defendendo o nome de Micareta e não “*Micarême*”.

Vencedor, o nome de Micareta, como sendo o carnaval temporão (fora de época), o Sr. Manoel da Costa Ferreira, com a assessoria de João Bojo e outros, convocaram todos os artistas feirenses que entendiam de alegorias e trouxeram operários de Salvador que tinham experiência nos clubes Fantoche e Cruz Vermelha.

Há controvérsias sobre a primeira micareta ter ocorrido em Feira de Santana, vários autores tratam sendo com a pioneira a de Jacobina também na Bahia, entre eles, Clarisse Xavier em sua tese no ano de 2010. Ela defende que a primeira Micareta foi em 1933, na cidade de Jacobina, Bahia, baseados nos relatos e registros do jornal jacobinense “O Lيدador”. Meio de comunicação local que exaltou o festejo da cidade como sendo o primeiro do estado.

O fato é estudar as festividades parte também de uma compreensão sob olhar da ciência geográfica vai de encontro com entendimento da história das manifestações culturais existente em nosso meio social. É o que reforça Corrêa e Rosendhal (2012), para estes autores se trata de um reflexo da prática social e simultaneamente um meio no qual essa prática se efetiva e uma condição na qual essa mesma prática tende a se reproduzir. A cultura é, assim, uma construção social, construída e reconstruída, constituinte e reconstituente, porém, vivida diferenciadamente pelos diversos grupos sociais, resultantes de uma combinação de traços relativos à classe, gênero, idade, etnia e religião, entre outros aspectos.

No primeiro capítulo, trata-se de uma reflexão sobre as festas populares, o Carnaval e um pouco da sua História e o Carnaval no contexto brasileiro. Primeiramente este momento trata-se, de como tem originado as festas no contexto da antiguidade, idade média e momento atual dos carnavais “fora de época” também conhecidos como as micaretas como tem se constituído esse fenômeno festivo no contexto brasileiro.

Segundo capítulo é discutido sobre as micaretas no Brasil, na Bahia e sua expansão para outros estados, e estudando o caso especial da micareta tocantinense a que ocorre em Miracema/TO desde 1997. Compreendendo a sua invenção e como é sustentada a sua tradição diante das fontes orais dos sujeitos participante desta festividade durante esses 22 anos de existência. Saber também como seu espaço é construído durante a festa como é compartilhado pelos seus atores.

Terceiro capítulo é apresentado o resultado da pesquisa realizada com os participantes (idealizador, e os organizadores de 2019, moradores e os vendedores atuantes no festejo) da micareta o que dizem sobre a festa desde quando participam o que sentem. Por fim,

compreensão destas experiências em um evento compartilhado por diferentes sujeitos com suas diferentes intencionalidades sobre esse espaço festivo.

A forma qualitativa, a pesquisa apontou as espacialidades e temporalidades do festejo estudo mediante a opinião dos participantes e o que pensam sobre a micareta são elencados pontos positivos e negativos. De maneira ampla observou mesmo diante os diferentes apresentado pelos participantes. Em sua maioria afirmaram que a micareta é um festejo tradicional e que fomenta a economia local durante aquele período do ano na cidade. embora, tenha também problema quanto a questão de segurança e ainda sobre os gastos que são altos pela entidade pública realizadora e com pouco retorno a essa instituição. Sendo então, mais beneficiados os vendedores atuantes na festa, o comercio da cidade de um modo geral e as pessoas que vão nela para se divertir.

2.0 UMA REFLEXÃO SOBRE FESTAS POPULARES.

Samba Enredo – Festa Profana União da Ilha do Governador (RJ) -1989

O rei mandou cair dentro da folia
Eh! Lá vou eu
O sol que brilha nessa noite vem da Ilha
Lindo sonho que é só meu
Vem, vem amor
Na poesia vem rimar sem dor
Na fantasia vem colorir que a vida
Tem mais cor
Vem na magia
Me beija nesse mar de amor
Vem, me abraça mais
Que eu quero é mais
O teu coração
Eu vou tomar um porre
De felicidade
Vou sacudir, eu vou zoar
Toda cidade
Eh! Boi Ápis
Lá no Egito, festa de Ísis Eh!
Deus Baco, bebe sem mágoa
Você pensa que esse vinho é água
É primavera na lei de Roma
A alegria é que impera Oh!
Que beleza
Máscara negra lá no baile de Veneza
Oi joga água que é de cheiro
Confete e serpentina
Lança-perfume no cangote da menina

(J. Brito, Bujão e Franco, 1989)

2.1 Uma Discussão Sobre as Festas Populares

Este estudo dissertativo está voltado para o entendimento sobre as manifestações carnavalescas a fim desta compreensão houve necessidade aqui de recorrer à história das festividades carnavalescas desde os primórdios. Bem como saber como surgem a histórica do carnaval como também entender um pouco sobre a tradição das micaretas para então chegar ao estudo deste festejo que ocorre anualmente desde 1997, na cidade de Miracema do Tocantins.

É importante destacar que a compreensão de um fenômeno festivo caminha numa relação do entendimento entre o campo abstrato ao concreto. Ou seja, é um caminho que percorre um longo contexto histórico das festas existentes, as quais se tratam de produto humano construindo desde antiguidade aos dias atuais. Que tem como ator principal o homem, enquanto único ser capaz de criar e inventar formas e objetos para representar suas manifestações culturais na sua coletividade.

A partir da análise de Lakatos e Marconi, “o estudo de um fenômeno social parte do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, para isso é importante pesquisar suas raízes para compreender a sua natureza e função.”(2009 p.91).

Na Ciência Geográfica, a cultura também é estudada e relacionada com as diversas áreas do conhecimento científico, tem – se destacado na corrente do pensamento na Geografia Cultural renovada defendida por vários geógrafos, entre eles, o Roberto Lobato Corrêa, o qual discute o conceito de cultura nas diversas categorias geográficas.

Para Corrêa (2010) existem vários conceitos em torno da palavra cultura, mesmo assim ela está aberta a novas discussões em diferentes áreas do conhecimento, dentre elas: antropologia, a geografia, a história, a sociologia, entre outras. Uma questão levantada do próprio pesquisador sobre o fato a ser estudado (CORRÊA, 2010).

A importância social das festas torna-se relevante aos estudos que focalizam a temática. Foram são estudadas por vários segmentos das ciências humanas, a saber, a Antropologia, a Sociologia e a História. Na Geografia, o tema ganhou a atenção dos geógrafos brasileiros, principalmente, nas duas últimas décadas do século passado e na primeira década do século XXI, com a expansão, no Brasil, dos estudos na abordagem cultural da Geografia. (D’ABADIA, 2010).

Gonçalves (2008) faz um breve levantamento de como historiadores e antropólogos que têm trabalhado com o objeto “festa” percebe-se que a maioria dos trabalhos parte da concepção de que festa é vista como um ato coletivo, ritual, em que acontecem inversões, subversões, por vezes, a instauração do caos, marcado principalmente pela alegria. O autor argumenta ainda, no seu estudo em que muitas vezes é marcado pela carnavalização social pelo descarrego de tensões reprimidas, pelo êxtase, pela suspensão da ordem.

A festa assim é um elemento inerente a própria cultura, dita popular, é talvez a combinação de tradições culturais diversas, recriadas e reinventadas pelo seu povo. Para autor, ela expressa em manifestações festivas, tradições e no conjunto de maneiras e jeitos de falar e de ser e de se alegrar nos tipos de músicas, danças e demais modos de representação. (BRANDÃO, 1989).

Eric Hobsbawm (1997) discute o conceito de tradição, segundo ele é entendido como um ato praticado por um grupo social, que geralmente aparecem, e são (ré) criados, o qual existe em um tempo pretérito distante, (ré) surgem no momento atual. E assim, as manifestações culturais até então, consideradas antigas são na verdade recentes ou (re) inventadas. O autor afirma ainda que uma tradição inventada é de fato um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição que implica uma continuidade do passado.

Falar das tradições é referenciar as manifestações culturais, ou seja, as festas em seu contexto geral, elas existem no decorrer da história humana. Sendo um produto de suas ações, Costa (2010) retrata que desde a Idade Média as festas e as feiras tiveram um importante papel na produção do espaço nas cidades, principalmente o intercâmbio promovido pelos comerciantes que viajavam pelo mundo em busca de mercadorias para abastecer as cidades. Sem dúvida, essas práticas tiveram papel de destaque na Revolução Comercial que fundamentou algumas condições necessárias à Revolução Industrial. Assim, as manifestações culturais e sua produção espacial devem ser vista, também, conforme a autora;

Enquanto práticas sócioespaciais que fazem parte da vida cotidiana, são cooptadas pela extensão do valor de troca no processo de reprodução do espaço, da vida que agora tem a uniformidade e a programação como características. Há um processo de transformação das relações, das formas de uso do espaço, agora reproduzindo como mercadoria bem como das práticas sócio espaciais. (COSTA, 2010, p. 54)

Costa (2010) relata em sua tese, “*Cultura, Religiosidade e Comércio a Cidade: A Festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão – GO - 2010*” que no Brasil são

muitas as manifestações festivas como o *oktober fest*, o *Bumba meu Boi*, o *carnaval*, o *maracatu*, as *cavalhadas*, as *congadas*, a *catira*, festa para santos católicos, festa para santos do candomblé, exposições agropecuárias, festa da soja, do milho, do abacaxi, da melância, as micaretas, são vários eventos como feiras de moda, shows musicais, entre tantas outras manifestações culturais ou comerciais. Diante essas festividades, há mudanças e transformações no espaço urbano onde acontecem as festas, é o que conta ainda autora:

Na cidade, a vida dos que fazem as festas populares hoje não é sem exploração e sem exclusão. Fazer a festa é uma forma de ocupar um território e estabelecer outras formas de poder, de uso da cidade, mostrando que está posta a possibilidade da resistência a partir da e na vida cotidiana, na festa. Mas não sem conflitos. (COSTA, 2010, p. 84).

No contexto da vida urbana, um festejo é o universo dinâmico, em meio a este dinamismo, Costa (2010) salienta em que:

as festas populares são completamente transformadas com elementos e componentes que desaparecem ou mudam de forma e função, as bases do mundo festivo são elaboradas e reinventadas a cada nova realização, e estas dinâmicas existências das festas acontecem pelo fato. (2010, p. 51).

Segundo ainda, autora de que:

Muitas festas desapareceram e outras persistem, transformadas, em maior ou menor grau, em espetáculo pela sociedade de consumo, mas, não capturadas totalmente, as festas são essencialmente o espaço e tempo do encontro da alegria do uso mesmo quando programadas conseguem negar a ordem imposta em algum momento alguma forma. (COSTA, 2010, p. 51).

Guarinello (2001) ressalta que as festas são uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Ele argumenta também que:

Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade. O que chamamos de festa é parte de um jogo, é um espaço aberto no viver social para a reiteração, produção e negociação das identidades sociais. Um lapso aberto no espaço e nos tempos sociais, pelo qual circulam bens materiais, influência, poder. [...] A festa unifica, mas também diferencia, tanto interna quanto externamente. [...] A festa não apaga as diferenças, mas antes une os diferentes. A identidade que cria é uma unidade diferenciada [...] Toda festa é uma estrutura de poder, que se inscreve na memória coletiva e individual dos participantes (GUARINELLO, 2001 p. 972).

Ferreira (2000) argumenta que a festa marca e se caracteriza por uma disputa pelo espaço, mais precisamente pelo lugar das emoções e alegrias definidas como festivas. O autor complementa dizendo que festa não pode ser reduzida a um simples confronto entre duas

posições extremas, como querem muitos estudiosos que acreditam que elas devem ser compreendidas como produto de uma oposição entre classes sociais.

A discussão sobre a festa em si situa-se em contextos e temporalidades e espacialidades específicas representada, pelos seus atores, os quais partem também de relação de poder. Pode ser observada nas festas carnavalescas, são alguns embates de entre os diferentes atores oponentes que buscam impor, cada um deles, seu modo de vida ao “inimigo”. Isto é, Tanto pela demarcação de um espaço como também das invenções das suas roupas coloridas, são elementos que faz se sentir exclusivo.(FERREIRA, 2000).

No caso do carnaval e dos blocos e camarotes tem também a questão do valor cobrado por aquele local específico, e por outro você tem os blocos tradicionais, chamado “pipoca” que fazem a folia na rua sem precisar pagar pelo espaço da festa. Então há essas duas condições em um mesmo circuito dividem suas alegrias, tomadas por suas cores e fantasias particulares especifica em cada bloco carnavalesco. (FERREIRA, 2000).

O fato é um festejo representa deste modo uma consistente concentração de pessoas em determinado local e em tempo específico. Ele permite a imposição das redes padronizadas ao mesmo tempo em que propiciam uma viva resposta da negociação local, a qual possibilita o incessante surgimento de espaços de negociação e de novas organizações alternativas que, por sua vez, geram novas formas de ordem e/ou de desordem. (FERREIRA, 2000).

Na relação sobre os vários estudos sobre a história das manifestações culturais no Brasil Messias (2010) em sua tese, “*Religiosidade e Devoção: As festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO*”, apresenta uma abordagem do processo histórico sobre os estudos das festas inicia desde o final do século XIX.

A autora apresenta que “no Brasil, desde final do século XIX, alguns autores pesquisam os temas sobre as festa religiosas e populares, costumes e ritos fúnebres.”(MESSIAS, 2010 p.42). Ela cita também que “são as obras dos memorialistas Melo Moraes Filho, entre elas *Festas e tradições populares do Brasil*, publicada em 1901. Precursor destes estudos. No que diz a respeito as discussões sobre as festas populares ganharam novos horizontes, segundo a autora:

nas primeiras décadas do século XX, com escritores modernistas, a exemplo de Mário de Andrade, reconhecido como um dos notáveis intelectuais brasileiro do século XX. Este intelectual se dedicou às manifestações populares brasileiras, viajando e fotografando, catalogando músicas pelo Norte e Nordeste do território brasileiro, em 1928-1929. Essas viagens estão registradas no livro *Turista Aprendiz* e demonstra uma tentativa romântica de recuperar o passado, quando as tradições

populares eram entendidas como fonte de autenticidade cultural necessárias para o país ingressar na modernidade. (MESSIAS, 2010 p.42).

É, a partir dos anos de 1980, comenta ainda autora que:

começa o aumento considerável sobre os estudos sistemáticos sobre as festas e religiosidades, vistas pelo lado do denominado povo oprimido. Na obra *A cristandade colonial: mito e ideologia*, Riolando Azzi de 1987, ressalta a importância da religião como elemento de coesão social e de aglutinação de diversos povos, constitui “em uma das mais difundidas formas utilizadas pelo ser humano em seus esforço de sobrevivência neste mundo ‘dado’, diante do qual ele se sentia totalmente frágil e indefeso”, Azzi desta que no Brasil, colonial, pelo menos eventualmente, as festas religiosas populares assumiram um caráter de protesto contra a opressão”.(AZZI, 1987, p. 66-68, *apud* MESSIAS, 2010 p. 43).

Messias (explica também que é “no início da década de 90 do século XX, no Brasil, duas importantes obras notabilizaram-se no campo historiográfico, enfocando o tema das festas. *Festa e utopias* no Brasil, colonial, de Mary Del Priore, publicada nos primeiros anos da referida década.”(2010 p.43). esta referente obra é uma das bases do estudo historiográfico sobre as as festas, é o que ressalta Messias:

Del Priore salienta, que a alegria da festa contribuem para que a população suporte o trabalho, o perigo e a exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças. Em 1991, João José Reis, historiador baiano, lançou o livro *A morte é uma festa*. a obra aborda atitudes em relações a morte, de modo especial os rituais fúnebres, na Bahia do século XIX. O autor, em suas análises, salientou que as festas, organizadas pelas irmandades religiosas em homenagem aos santos, se transformavam em momentos para realizações de danças, batuques, mascaradas e banquetes, revelando uma relação entre o sagrado e o profano. (MESSIAS, 2010, p.43-44).

No que diz a respeito à separação entre as festas religiosas e profanas, autora sustenta que:

a tentativa de objetividade não funciona, uma vez que para as autoras, “elas caminham juntas é como se dentro de cada festa religiosa existisse uma profana e vice-versa.” Esta também é a posição de Mello Moraes (1979), destacando que normalmente a música sacra das festas religiosas se misturava com os ritmos populares portugueses e espanhóis, constituindo-se em uma clara evidência de que os territórios entre o sagrado e o profano, o popular e o erudito, não estavam claramente estabelecido.(MESSIAS, 2010 p. 48).

Nesta perspectiva, para refletir a festa enquanto o objeto de pesquisa a ser investigado, “é fundamental observar que as festividades são sempre recriadas e re apropriadas, contendo as paixões, os conflitos, as crenças e as esperanças de seus próprios agentes sociais.” (ABREU, 1999 p.38 *apud* MESSIAS, 2010 p. 44). Seguindo o processo histórico referente à temática em análise, Messias (2010), comenta ainda que “em 2002 a historiografia brasileira sobre as festas ganhou reforço com a publicação da obra *Reis Congos no Brasil escravagista*:

história da festa de Rei Congo, estudada por Marina de Mello e Souza.”(2010, p. 44). A autora destaca ainda a importância desta obra pelo fato dela:

Traçar um processo histórico no qual as festas de coroação de rei Congo se constituíram no território brasileiro; desvelando que algumas situações o catolicismo, por esta presente na região do Congo, desde o final do século XV, serviu de ligação para um passado africano compondo novas identidades das comunidades afrodescendentes no contexto diáspora.(MESSIAS,2010, p. 43-44.)

Ao longo da década de 1990, surgiram os resultados de várias pesquisas referentes aos programas de pós-graduação das universidades públicas brasileiras, que tinham a festa como objeto de estudo. Outro exemplo da difusão dessa discussão em diversos congressos as voltados para as festas, devoções e religiosidades, como o Colóquio Internacional Piedade Popular.(MESSIAS, 2010).

Nessa direção, esta discussão apresentou de maneira breve sobre o contexto histórico referente às obras e autores que tratam da historiografia das festas populares no contexto brasileiro, direciona meio e forma de conduzir essa pesquisa. Na temática sobre as festas populares, é então colocado no debate espacial as festas carnavalescas, é esse estilo festivo que será destinado o foco estudo.

2.2 O Carnaval e um Pouco da sua História

O carnaval é a celebração das coisas abstratas e inclusivas como o sexo, a alegria, o prazer, o canto, a dança e a brincadeira. Ficam suspensas as regras que controla o olhar, o mundo se abre ao poder de ver e de fazer, “com a supressão dos códigos opressores estabelecidos, a partir da negação e do escárnio de todas as formas de coerção e exclusão” (RIBEIRO, 2003).

A festa carnavalesca para Nascimento (2003) costuma ser enfocada como a reunião de várias fases da história humana, é por isso que se torna difícil precisar onde e quando surgiu. A origem do carnaval pode ser atribuída a uma fase remota do curso da História e apresenta diversas versões na literatura especializada sobre o assunto. Segundo autora, há várias pesquisas sobre as evoluções por onde passaram as festividades carnavalescas ao redor do mundo e demonstram a sua diversidade de significados e a multiplicidade de papéis identitários que fazem parte do seu contexto. Neste sentido,

“A história do carnaval pode ter início no antigo Egito, por volta de 4000 a. C em que danças e cânticos e torno de fogueira, máscaras e adereços, orgias e libertinagens compunham festejos que evidenciam de alguma maneira uma

ascendência das comemorações carnavalescas atuais”. (NASCIMENTO, 2003, p. 24).

Em uma análise histórica, sobre o tempo festivo, Lilian Cristina Marcon (2019, p.1)⁴ faz breve apanhado sobre as origens da palavra Carnaval.

Há três definições sobre a origem da palavra Carnaval, em latim Primeiro, que a palavra surgiu de *Carne vale*, que significa adeus a carne, referindo-se a aproximação da Quaresma. Em segundo, de *Carne Levare*, abolindo a carne. E em terceiro lugar de *Carrus Navalis*, navios sobre rodas. A autora, em sua análise, acredita que o Carnaval tem como marco inicial a criação dos cultos agrários e, como ponto final a oficialização das festas a Dioniso, durante o reinado de Pisistrato a Grécia, de 605 a 527^a a.C. (MARCON, 2017 p. 1).

As festas dionísicas de acordo com Marcon (2019), se tratava de “ festividades em homenagem ao Deus do Vinho Dionísio (ou Baco) era uma das mais abundantes em Atenas, na Grécia, marcadas por extravagância e exibicionismo.” (MARCON, 2019 p. 1) Ainda segundo ela, eram “cinco: as Lenéias (janeiro - fevereiro), Antestérias (fevereiro - março), dionísias urbanas (março-abril), Osofórias (outubro) e as dionísias rurais (dezembro - janeiro)”. (MARCON, 2019 p. 1)

“Na antiguidade, os cultos agrários eram forma de homenagem aos cultivos, em especial quando se tinha uma boa colheita. Onde acreditavam que fazendo os rituais aos deuses, estes influenciariam suas colheitas”. (MARCON 2019 p.1). A autora defende que:

Nos rituais as pessoas se apresentavam seminuas ou fantasiadas e eram acompanhadas por festividades com excessos de bebedeiras e sexo. Essas festividades e rituais aconteciam nas quatro estações: Solstício de Inverno, Solstício de Verão, equinócio da primavera, equinócio de outono, equinócio da primavera, equinócio de outono. (MARCON, 2019 p. 1).

Diante esta perspectiva referente ao que pensava e ao mito construído na antiguidade, Marcon (2019), salienta também que estes ritos agrários das primeiras sociedades de classes só existem referências a partir do século XI. Autora comenta ainda que há relatos que apontam que nas festas da Grécia Antiga ocorriam excessos dos mascarados, fantasias e muita bebedeira. Era o caso, de Esparta, em que ocorria o ritual da passagem dos meninos que viravam homens, os quais se fantasiavam de velhos, enquanto as mulheres ou idosos regados a muita bebedeira.

⁴ Ler mais sobre as micaretas existentes no Brasil nos blogs sobre a história do carnaval disponível em <http://www.carnaxe.com.br/history/trio/index.html> .Acesso em: 05 abr.2019.

Ainda sobre os rituais gregos, Marcon (2019), retrata que havia as celebrações chamadas de *Panateneias* ou *Pantaneas*, onde era voltada à deusa mitológica Atenas que ocorre a cada quatro anos, nas ilustrações 02 e 03 é possível ter uma ideia de como era estes momentos na antiguidade, onde é mostrado uma demonstração nos quadros das *panateneias* com lutas semi-nus, desfiles com navios, etc., para agradar a deusa e obter boas colheitas.

Figura 02: Festas Dioniosidiacas(Deus Dionísio) Figura03: Panateneias (Deusa Atena).



Fonte: Disponível em: <http://www.carnaxe.com.br/history/trio/index.html>. Acesso em: 01.fev.2019.

Na Itália também havia celebrações, Marcon (2019) conta que celebravam a Deusa Artemisa, ocorria uma festividade anual em homenagem a Deusa Grega Ártemis (ou Artemisa, ou Diana) onde enfeitavam as cabeças com coroas ou chifres. Deusa da agricultura e da caça e mais tarde associada á lua e a magia. Na figura 04 demonstra uma ideia de como era celebrados estes momentos.

Figura04: Deusa Grega Ártemis -Lwrence Alma Tadem



Fonte: Disponível em: <http://www.carnaxe.com.br/history/trio/index.html>. Acesso em: 01 fev.2019.

Nesta dimensão apresentada entende-se que “quando o indivíduo se sente dotado de poderes que lhe propiciam estabelecer relações diferentes e realmente humanas com os demais, com a finalidade única de plena satisfação de seus desejos”. (CAMARGO *et al*, 2012, p.7), deste modo:

Existe uma grande dificuldade para explicar e definir as origens da palavra carnaval. Muitos estudiosos tentam explicá-la de diferentes formas e divergem entre; os próprios dicionários traduzem tais divergências com diferentes definições. A mais difundida e aceita é a de *carneval* e originada do baixo *latim carnelevamente* que significa adeus à carne. Alguns autores citam *carrus navalis*, palavras conjuntas que se referem às celebrações dionisiacas, em que um carro carregando um grande tonel era conduzido pelas ruas da Roma antiga, distribuindo vinho ao povo, nos séculos VII e VI a.C. (CAMARGO *et al* 2012, p.7).

Ainda segundo o estudo dos autores:

Por volta de 8.000 a.C., os cuidados com a agricultura já tinham inspirado e incentivado a criação de cultos e festejos ligados à fertilidade. Os primeiros agrupamentos humanos de porte, chamados de cidade, permitiram, contudo, que tais festejos fossem estruturados e codificados, como as festas agrárias, que faziam parte do culto e eram realizadas dentro dos templos e que desembocaram no Carnaval. A origem deste evento se perde, assim, na noite dos tempos. Mas certamente uma de suas raízes está ligada à civilização egípcia. Segundo a mitologia deste povo, o carnaval foi inspirado na jovem deusa Isis, protetora da natureza, e seu parceiro Osíris. (CAMARGO *et al* 2012, p.8).

Para Camargo *et al* (2012) as celebrações “ocorriam em sua homenagem aos Deuses Egípcios, os mortais se reuniam ciclicamente, no plantio e nas colheitas agrícolas. Dançavam e festejavam em prol do crescimento das sementes e da saúde dos frutos”(2012, p.8). Conforme os autores, “Osíris era sacrificado após a festa para acalmar os dias de prazeres. A associação do culto à fertilidade com as permissividades praticadas naqueles dias entrevia a inversão do cotidiano com a ideia de renascimento.(CAMARGO *et al* 2012 p. 8)

Gonçalves (2008) em seu estudo reitera que há uma relação entre a religião e o poder, em que ambos se misturaram intrinsecamente em solo romano. Neste sentido, o autor aponta que o calendário de festividades (*feriae*) era imenso e comportava verdadeiros ciclos festivos bastante heterogêneos nas formas de comemoração. As festas misturavam várias formas de agradar aos deuses e aos homens. Numa mesma festividade poderiam ocorrer procissões festivas, sacrifícios de animais, jogos gladiatórios, banquetes públicos, corridas de carros, entre outras atrações.

Neste contexto, durante estas celebrações existia também a figura de um rei sobrenatural, que era o eixo das festividades. E este ser mitológico permitia a realização de

sonhos proibidos e ligava a festa ao sentido da vida e sua transcendência. A satisfação do rei abençoaria os campos e as sementeiras e a sua morte purificaria os espíritos, fundamentos da vida renovados conforme o ciclo da natureza. (CAMARGO, *et al* 2012). Ainda segundo os autores:

tais festejos continham rituais libertadores de atitudes reprimidas; era um período especial em que a quebra da ordem estabelecida e os desejos eram permitidos, com muita comida, bebida e liberação sexual. Seguiu-se um período de recolhimento e, no cristianismo, de cinzas. (CAMARGO, *et al* 2012, p.8).

Sobre o momento pertinente a esta festa pagã na Idade Média, Camargo *et al*(2012) conta que “ em 590 D.C. de Rei Gregório I o primeiro a regulamentar as datas do carnaval e criou a expressão *Domenico ad carne levadas*, derivada de dialetos italianos, e que significa “tirar a carne”, o que seria a liberdade para se ingerir carne à vontade antes da Quaresma.” (CAMARGO 2012, *et al*, p.30). Os autores ressaltam ainda que, “a versão menos conhecida vem de autores alemães que sugerem que a origem viria de *Kane* ou *Karl*, que significa comunidade pagã, os deuses e seus seguidores, e de *Val* ou *Walt*, que significa procissão dos deuses mortos”. (CAMARGO *et al* 2012 p. 30). Percebe – se que:

Embora tendo seu caráter original transfigurado porque totalmente controlado pela Igreja Católica, o carnaval ganhou força pela sua tradição. Mais do que nunca, os festejos tiveram as suas características de contraponto ao cotidiano, acentuadas e transformadas em momentos de “inversão”: (...) “paganismo no lugar de cristianismo, muita comida em vez de fome, muito sexo em vez de abstinência carnal, homens vestindo-se de mulheres e vice-versa”. Todo o período de dezembro até fevereiro era festejado de forma carnavalesca, (CAMARGO, 2012, *et al* p.30).

Nesse sentido, “o carnaval inspirou-se nas outras festas e delas se destacou pela criatividade e capacidade de imaginação, visível em seus temas; esboçou-se não de acordo com um cronograma exato, mas ”mais pela evolução dos costumes” (HEERS, 1987, p.168).

No presente contexto sobre o carnaval, Camargo *et al* (2012 p.12) comentam ainda que “foi tomando maior vulto, sobretudo na área mediterrânea da Europa – em Roma e Veneza, em Paris e Nice, em Nuremberg e Colônia. Os festejos carnavalescos eram ligados ao ciclo litúrgico e as pessoas usavam máscaras e cantavam sátiras e paródias aos rituais da Igreja, aos costumes” . Autores contam como tais celebrações ocorriam “as convenções sociais e às personalidades credenciadas da região. Não eram festas prestigiadas pelas classes privilegiadas, mas constantemente criticadas, e embora proibidas em 1431 pelo Concílio de Basiléia, algumas sobreviveram por mais de um século.”(CAMARGO *et al* 2012 p.12). Neste sentido eles relatam que:

Contrastando com a arraigada hierarquização do regime feudal, a partir da própria hierarquia do trabalho nas corporações profissionais, tendo como pano de fundo a hierarquia social em classes estanques (nobreza, clero e povo), o contato livre e familiar que acontecia nesses dias especiais era vivido intensamente, criando um tipo particular de comunicação grotesca e livre, inconcebível no dia a dia, que proporcionava humanismo nas relações através da percepção carnavalesca do mundo. (CAMARGO *et al* 2012, p.12).

A elite realizava suas festas nos salões de Veneza, também com o uso de máscaras transformadoras. O uso das máscaras traduzia uma alegre negação da identidade, expressão das metamorfoses e das violações das fronteiras. Encarnava o princípio do jogo da vida, baseado na co-relação da realidade com a imagem, criando um ambiente especial, de outro mundo. Entretanto, o seu uso tornou-se rotineiro e elevou a criminalidade executada sob as mesmas. A dificuldade de identificação dos criminosos levou as autoridades a proibi-las. (CAMARGO, *et al*, 2012). Os autores discutem ainda que:

“O carnaval coloca em risco as hierarquias sociais e os princípios governamentais, visto que seus principais temas reais e simbólicos eram comida, sexo e violência, sendo o apelo mais forte para a comida, com destaque para as carnes em geral”. (CAMARGO *et al*, 2012, p. 20).

Os autores destacam ainda que:

a essência festiva carnavalesca não é deixada de lado, pois carnalidade, e sexo, são intensamente praticados durante o carnaval; o pico de casamentos acontecia durante ou logo após o período carnavalesco. Era uma festa também de agressão, destruição e profanação, pois os *tabus* que reprimiam os impulsos sexuais e violentos eram temporariamente suspensos; época de desordem institucionalizada, mas, sobretudo, a festa de todos. Os festejos de carnaval com todos os seus atos e ritos cômicos, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval. A festa tinha a propriedade fundamental de todas as formas de espetáculos cômicos da Idade Média.(CAMARGO *et al* 2012, p. 20),

Camargo *et al*(2012), sustentam que “em relação a data do considerado domingo de carnaval, segunda os autores, ele ocorrerá no 7º domingo que antecede ao domingo de Páscoa”.(2012 p. 20). Isto é “ocorre quando em 1582, o Papa Gregório XIII promove a reforma do Calendário Juliano, transformando-o em Calendário Juliano - Gregoriano, em uso até hoje e estabeleceu definitivamente as datas do carnaval. (CAMARGO *et al*, 2012 p. 20).

Em seu livro *Carnavais e outras festas*, a Maria Clementina Pereira da Cunha (2002) fala sobre história dos carnavais seus mitos e os paradoxos. Segundo ela, os mitos que o carnaval apresenta é algo especialmente veneziano, mas eles não o eram, pelo menos até o século XVII. Antes de 1600, o carnaval não era mais característico de Veneza que de Florença, Roma ou Nápoles na Itália ou de qualquer cidade da região Mediterrânea – Montpellier, por exemplo, Barcelona ou Servilha na Espanha. Para a autora, os eventos menos

formalmente organizados, na periferia dos procedimentos, eram muitos parecidos em todo lugar.

2.3 O Carnaval no contexto histórico Brasileiro

Marcon (2019) trás em seus estudos que os colonos portugueses trouxeram como bagagem os seus costumes. Considerando o poder da igreja, as festas de Portugal eram rigorosamente obedecidas no Brasil colônia. Assim, as festividades que aconteciam em Portugal antes e durante a Quaresma, aconteciam por aqui também. Com o tempo, cada vilarejo comemorava os últimos dias antes da Quaresma (jejum que proibia comilanças, sexo, bebedeiras, etc.) de forma diferente.

Neste contexto amplo Da Matta (1986), contribui em suas várias obras falando como é visto o carnaval no Brasil, entre elas, “O que faz o Brasil, o Brasil”? o qual ele faz uma reflexão sobre como as festas carnavalescas chegam aqui. O autor vai tratar as características peculiares inventadas e reinventadas em diferentes lugares no país. Assim, a festa constrói novos significados, uma identidade própria ao povo que festeja na rua a cada ano no país. O autor retrata ainda que mesmo que parecesse exagero dizer:

Em que é uma ocasião em que a vida diária deixa de ser operativa e, por causa disso, um momento extraordinário é inventado. Como toda festa, o carnaval cria uma situação em que certas coisas são possíveis e outras devem ser evitadas. Não posso realizar um carnaval com tristeza, do mesmo modo que não posso ter um funeral com alegria. Certas ocasiões sociais requerem determinados sentimentos para que possam ocorrer como tais. (DA MATTA, 1986, p. 49).

Neste contexto, com olhar sobre a festa com o povo, ou seja, do povo brasileiro com o carnaval, Damatta (1986), em seu livro ao fazer a respectiva indagação, “como é que o povo define e vê o Brasil no carnaval? e qual a receita para o carnaval brasileiro?”. Após esses questionamentos, ele elenca ainda que o carnaval é definido como “liberdade” e como possibilidade de viver uma ausência fantasiosa, mas também é uma visão utópica de miséria, trabalho, obrigações, pecado e deveres. E por fim, a vida seria para autor, perante estes momentos deixar de viver- lá como fardo e castigo. (DA MATTA, 1986). Assim, o autor, pontua, a respeito da festa que:

O carnaval brasileiro possibilita é a da distribuição teórica do prazer sensual para todos. Tal como o desastre distribui o malefício ou a infelicidade para a sociedade, sem escolher entre ricos e pobres, como acontece normalmente, o carnaval faz o mesmo, só que ao contrário. O Rei Momo, Dioniso, o Rei da Inversão, da anti estrutura e do desregramento, coloca agora uma possibilidade curiosa e, por isso mesmo, carnavalesca e impossível no mundo real das coisas serias e planificadas

pelo trabalho. E que ele sugere um universo social onde a regra é praticar sistematicamente todos os excessos. (DAMATTA, 1986, p. 49).

O autor constata que a dinâmica das festas carnavalescas brasileira, parte:

Entre nós, brasileiros, realizar isso é poder descobrir que o carnaval é percebido como algo que vem de fora, como uma onda irresistível que nos domina, controla e, melhor ainda, seduz inapelavelmente. Algo que chega até nós periodicamente sem que haja possibilidade de resistir. É também descobrir que, por causa disso todos são iguais – ou podem ser iguais – perante o carnaval. (DAMATTA, 1986 p. 49).

Sobre a origem do carnaval no Brasil, é importante destacar o contexto de formação do carnaval do Rio de Janeiro. A esse respeito, Da Matta (1986) relata que o carnaval carioca tem como tradicional característica o desfile carnavalesco, chamado “carnaval de rua”. Para o autor, há uma oposição em relação ao carnaval que ocorre em espaço fechado, aquele realizado em clubes, um carnaval realmente caseiro, isto é, antes desses bailes se tornarem populares a partir de 1840. Ele se inicia nas casas, sem muita ordenação em termos de público. Ainda segundo o autor:

Era uma festa familiar e de bairro, estando muita próxima da própria forma que o originou, o famoso entrudo original de Portugal. O “carnaval de rua” em oposição, ou contraste com um “carnaval de clube” perfaz a segmentação clássica, utilizada todas as vezes que falamos dessa festa. Na rua, o carnaval assume, sobretudo a forma de um encontro aberto, dominado no Rio de Janeiro pelo desfile das escolas de samba; ao passo que, nos clubes, se trata de um ambiente mais bem marcado, pois o próprio espaço físico é privado. Mas tomar essa segmentação como rígida seria um engano. Basta refletir um pouco para ver que existe uma correspondência entre rua e clube, ambos reproduzindo em seus respectivos contextos novamente a mesma posição. (DAMATTA, 1986, p. 109).

As espacialidades de sua realização ocorrem em meio à diversidade, tendo em vista que “o carnaval ocorre seja na rua, na viela, na praça ou na avenida, no clube, na escola ou em casa um espaço próprio. A estrutura dos bailes de carnaval nos clubes, sendo exemplo de um espaço mais ou menos fechado reproduzia a dicotomia rua/casa. (DAMATTA, 1986 p.109).

Diniz (2008) apresenta que uma das mais antigas formas de brincar o carnaval no Brasil é o entrudo, o primeiro relato que se tem dele remonta ao Pernambuco de 1553. Trazido para cá por imigrantes portugueses, ele é caracterizado pela brincadeira de sujar uns aos outros com polvilhos e o pó de sapato ou farinha de trigo e de atirar limões de cheiro, limões recheados de água, urina ou outras coisas, em familiares e vizinhos.

Da Matta (1986) argumenta ainda que o movimento carnavalesco não é diferente de outros movimentos rituais, já que todos exigem um local especial para sua realização. O

contraste marcante, porém, entre o desfile do carnaval e o das paradas militares e procissões é que no carnaval, a área selecionada é muito maior e sua ocupação muito mais prolongada.

O tempo e o espaço onde ocorre o carnaval podem ser festejados tanto nas paradas e procissões realizados no espaço público (rua, avenidas, vielas e praças). Entretanto, essa ocupação demora pelo menos três dias, tendo uma longa preparação antecipatória. E por isso mesmo, requerendo para sua atualização esquemas de trânsito que exigem considerável esforço, sobretudo em cidades como o Rio de Janeiro. A qual tem uma população de mais de 05 milhões de habitantes. (DAMATTA, 1986). Ainda sobre os espaços a serem ocupados na cidade para festa o autor, destaca que:

O centro comercial da cidade fica fechado ao trânsito, de modo que as pessoas, ligas ou não as corporações típicas do carnaval como os blocos e escolas de samba possam ocupá-lo sem problemas. A rua ou avenida é domesticada, já que no mundo diário as ruas do Brasil (e do Rio de Janeiro) são áreas mortais, com os automóveis trafegando em alta velocidade, dispostos a liquidar pessoas. No carnaval, porém, esse centro da cidade, tão nervoso e histérico, surge como se fosse uma praça medieval: totalmente tomado pelo povo que ali anda substituindo os carros, vendo ou brincando o carnaval. (DAMATTA, 1986, p.112)

No entendimento do carnaval como cotidiano, tem dois planos fundamentais a rua e a casa. Num e noutro, encontramos sua própria reprodução, como se o sistema evitasse seu fechamento em dois tipos de carnaval radicalmente diversos. Alias, é essa impressão que se tem após uma análise superficial. Mas ambas as formas contem os elementos clássicos do desfile; no clube, com as pessoas “circulando” no salão na rua, com as pessoas se engajando em grupos. (DAMATTA, 1986). O autor comenta ainda que:

No carnaval, no seu espaço típico, o instante supera o tempo e o evento passa a ser maior do que o sistema que o classifica e lhe empresta um sentido normativo. Não é por outra coisa que a palavra mais ouvida nesse momento é loucura. “isso é uma loucura” dizemos uns para os outros, contemplando esse cenário. Loucura por que estamos na “ rua” que subitamente, se torna um lugar seguro e humano, loucura, finalmente, por que nosso mundo social, tão preocupado com as hierarquias e as lógicas do “ você deve saber o seu lugar” e do “sabe com que está falando”. (DAMATTA, 1986, p. 116)

Pensar o local, os espaços onde ocorrem as festas carnavalescas, sobretudo, na rua, é imaginar um caminhar despreocupado, sem destino, por isso mesmo altamente consciente, ritualizado e alegre, o carnaval é um momento sem dono posto que seja de todos. Para autor, isso parece básico numa sociedade como a brasileira, por que aqui tudo deve estar sob o rígido controle dos códigos dominantes. (DAMATTA, 1986), ainda, segundo autor, isto tem:

Como consequência, não se pode (nem se deve, talvez) admitir uma festividade sem um patrono, um sujeito, um centro ou um dono, como é comum ouvir nas áreas rurais e urbanas do Brasil. De fato, é comum se dizer, sobre momentos rituais no

Brasil; quem é o dono da festa? Ou para quem é a festa? Numa demonstração clara de que as reuniões de caráter coletivo (sobretudo aquelas que são programadas) devem ter um centro, um sujeito ou um destino para o qual são realizadas. (DAMATTA, 1986, p. 119).

Da Matta (1986) salienta que no carnaval as leis são mínimas. Como se tivesse sido criado um espaço especial. Indo da casa acima da rua, onde todos pudessem estar sem essas preocupações de relacionamento ou filiação, seus grupos de nascimento, casamento e ocupação. O Autor comenta ainda que, há uma ruptura paradoxal, acima e fora da rua e da casa, o carnaval cria uma festa do mundo social cotidiano, sem sujeição as duras regras de pertencer a alguém ou de ser alguém, por causa disso, todos podem mudar de grupos e todos podem se entrecortar e criar novas relações de insuspeitada solidariedade. Neste sentido, o autor, salienta também:

Que a multiplicidade de eventos que ocorrem simultaneamente num mesmo espaço, típica de rituais de inversão como o carnaval, ajuda a transferir as lealdades mais fortes da família, da casa, da classe. Essas identidades sociais permanentes e cotidianas para uma situação, um contexto específico que se define como altamente dramático por que nele ocorrem muitas ações ao mesmo tempo. Não há ordem de entrada ou de saída, como num palco de teatro, ou num evento ordenado ou de saída. (DAMATTA, 1986, p. 116).

A festa carnavalesca é uma vivência das pessoas de diferentes culturais e lugares, no mesmo espaço de maneira passageira, porém ambas expressam seus sentimentos e desejos sendo compartilhados coletivamente.

No que tange as reações dos indivíduos presentes em meio a sua coletividade, é importante entender de acordo com Roque e Rosanelli (2018) cada individuo é um ser completo de sentidos e emoções, repletas de sensações, a qual é a condição básica sensorial da percepção, necessitando de um órgão corporal sensorial, ou seja, olhos, boca, os ouvidos ou próprio nariz para perceber os sinais externos presentes. Para os autores, a percepção é a apreensão de uma qualidade sensível acrescida de uma significação. É o exemplo das pessoas cegas, as imagens mentais não são visuais, mas constituídas a partir das percepções captadas pelos sentidos remanescentes.

Sobre, a percepção, Merlau Ponty em sua obra Fenomenologia da Percepção no ao de 1999 faz longa discussão sobre o estudo das essências e todos os problemas, que segundo ele, resumem-se em definir as essências da percepção da consciência. Ele ressalta ainda que na análise dos fatos em suas particularidades, é necessário o entendimento filosófico pertinente as essências das coisas referenciadas mediante suas existências, não pode nesta dimensão imaginar, o homem e o mundo de outra forma, senão sendo uma “facticidade”.

Na questão brevemente levantada neste estudo sobre a relação factual, que seria, para Mautner (2010), um conceito na Filosofia em para Heidegger se trataria da particularidade ou qualidade existente entre os fatos. Assim, diz, a respeito da própria condição do indivíduo se relaciona com o mundo, submetida às circunstâncias ou as necessidades inerentes aos fatos. Ou seja, segundo ele, é àquele aspecto específico das relações humanas que é definido pelas situações em que nos encontramos. O “facto” que somos forçados ou condicionados ao envolvimento no que tange a participar de uma prática social coletiva.⁵

Da Matta (1986) reitera que “todas as festas do mundo social brasileiro têm um dono ou um patrono. Uma festa sem dono é primordialmente uma festa dos destituídos e dos dominados.(DAMATTA, 1986, p. 122).”Referente ao contexto, autor explica :

porque no mundo cotidiano eles nada possuem (exceto seus corpos e força de trabalho seus poderes místicos e sua fome de viver) somente eles podem ser centro de uma festividade invertida e paradoxal, que não programa lei e donos, mas que pode ser possuída pelos que nada tem. Não é por outra coisa que o carnaval pode ser alvo de todas as projeções sociais. Ele surge para o autor, como uma imensa tela social, onde essas múltiplas visões da realidade social são simultaneamente projetadas no tempo e espaço definido historicamente, porém reinventado e recriado conforme a identidade dos diferentes sujeitos sociais. (DAMATTA, 1986, p. 122).

Da Matta (1986) comenta ainda que:

Se o carnaval estivesse centrado na fala discursiva e no andar e não no canto e na dança, seria um rito da ordem, uma cerimônia do reforço e das estruturas. Mas o ponto principal desse rito é o universo humano, com sua perene sugestão de inclusividade e comunalidade. Por tudo isso, o carnaval não tem dono. Por tudo isso, o carnaval como já é do povo. (DAMATTA, 1986, p. 122).

Cunha (2001) retrata que o carnaval enquanto um conjunto de brincadeiras e folguedos realizados quarenta dias antes da Páscoa. Há outro elemento importante de destacar, um dele é que foi apenas no final de 1870 que a palavra carnaval é utilizada pelas autoridades políticas, jornalistas e literatos para nomear exclusivamente a “molhada”⁶.

Entendendo um pouco mais do carnaval, em específico o carioca, Cunha (2001) ressalta ainda que o Carnaval carioca da segunda metade do século XIX, o travestimento, o

⁵ Sobre o conceito de facticidade inclui todas aquelas minúcias acerca das quais não se tem nenhum . É o caso da data do nosso nascimento, os nossos pais, ou os limites do ser humano enquanto tal informações contidas em *Dicionário de Filosofia* coordenado por Thomas Mautner. Edições 70, 2010 disponível em<> em: 12 ab.2019.

⁶ Oposto ao da palavra Carnaval, que designava sobretudo, préstitos, bailes, batalhas de confete e outras práticas mais recentes, as quais se atribuía superioridade em face dos folgues rudes e incultos do entrudo. Esse seria, significara durante muito tempo, (para boa parte da população carioca, ainda mantinha este sentido no final do século XIX). (CUNHA, 2001, p. 25).

uso de pó branco ou tinta no rosto para inverter os signos raciais e também o hábito de envergar roupas e sinais de distinção aristocrática, como no caso dos príncipes foram elementos constantes nas ruas. Gaudin (2000) salienta que o carnaval dessa época, ainda referente ao século XIX, “era o chamado “Grande Carnaval”: tratava-se de uma festa altamente elitista que se inspirava nos carnavais de Veneza e de Nice, este último sendo então considerado o maior do mundo. As elites baianas, pelo menos os mais endinheirados dos seus representantes,”(2000, p. 49). Conforme o autor:

... iam desfrutar as delícias dos festejos momescos na França ou na Itália e voltavam cheias de idéias para animar suas cidades (cf. Nobre, 1978, p. 536). Nas primeiras décadas da festa (1840-1880) porém, os folguedos se limitavam a bailes mascarados nos clubes elegantes da cidade e a um corso de carruagens ou automóveis pelas ruas do centro. Afora alguns mascarados avulsos chamados de “caretas”, o povo em nada participava dos festejos, a não ser como mero espectador. Esse carnaval era uma novidade em Salvador como nas outras cidades do Brasil, pois na capital da Bahia, até os anos 1880, era o velho, violento e primitivo entrudo que reinava solto durante os Dias Gordos: essa brincadeira muito popular consistia basicamente em atirarem uns nos outros água, farinha e outras coisas sujas[...]Com os anos 1880, o “civilizado” carnaval começou a sobrepujar o “bárbaro” entrudo nos festejos da cidade, graças à intensa campanha moralizadora liderada pela imprensa e acompanhada de proibições e repressão policiais (VIANA, 1965, p. 285; Fry, 1988, p. 236-245 *apud* GAUDIN, 2000 p.49).

No respectivo contexto, o autor considera que:

Na luta contra o entrudo, os clubes contavam não somente com o apoio da imprensa, da polícia e até da Igreja, como também do comércio que enxergava nesse carnaval uma oportunidade de lucro bem maior, quando comparado ao entrudo: para brincar o carnaval, precisava-se de confeitos, de seringas, de máscaras, de fantasias (alugadas ou compradas) apetrechos todos muito custosos, especialmente quando importados da Europa. Para as grandes casas de comércio, muitas vezes intimamente ligadas aos clubes sociais na organização dos festejos (GAUDIN, 2000 p.49)

Na década de 1880, o autor enfatiza que ocorreu a:

junção do carnaval de rua (o préstito) com o carnaval de salão (os fantasiados dos bailes) e dessa união nasceram as associações carnavalescas. Organizadas pelos mesmos clubes chiques que promoviam os bailes, elas desfilavam ao som de árias de ópera, polcas, marchas e outras músicas de inspiração européia, encenando temáticas da mitologia greco-romana ou das cortes francesa e italiana (GAUDIN, 2000 p.49)

Gaudin (2000) relata ainda que “tudo transcorria maravilhosamente para a mais européia das festas baianas até que um elemento inesperado da população resolveu ingressar nessa festa de elite: em 1888, com a Lei Áurea.” (2000, p. 49). E conforme o autor, “os escravos se tornavam formalmente cidadãos brasileiros e, a partir de então, nenhuma lei impedia suas manifestações culturais, sejam elas batuques, candomblés ou qualquer outra expressão de uma tradição de origem africana” (GAUDIN, 2000 p. 49). Isso até:

a abolição da escravidão, essas práticas eram proibidas ou reprimidas e sobreviveram unicamente graças ao sincretismo que se operou entre elas e as cerimônias e festas de origem européia, por ocasião das quais suas manifestações (danças, ritmos e ritos) eram apenas toleradas (cf. VERGER, 1980, p. 2-8 *apud* GAUDIN, 2000 p. 49-50). A partir de 1888, ganhando pleno direito ao espaço público, as manifestações da cultura africana puderam exprimir-se e exhibir-se mais livremente, especialmente durante as festas carnavalescas: perpetuando a tradição de sincretismo na festa, os ex-escravos adotaram as formas organizacionais dos desfiles dos clubes sociais, adaptando-os às suas características culturais. Nasceram assim os “préstitos africanos”, verdadeiros desfiles organizados nos moldes dos préstitos burgueses com a diferença de exaltar a cultura africana ao som dos batuques em vez de prestigiar a cultura européia (FRY 1988, p. 251-252 *apud* GAUDIN, 2000 p. 49-50).

Na data desta época, destaca autor pontua que:

também o surgimento no carnaval dos afoxés (então chamados de candomblés) e dos cucumbis, pequenos grupos de mascarados dançando ao som de sambas e de batuques Os “préstitos africanos” foram tão populares e tão luxuosos que, a partir de 1892 e até 1905, “abafaram” os préstitos dos clubes da alta sociedade que, nesse período, se apresentaram apenas de maneira intermitente . (GAUDIN, 2000 p.50),

Frente a esta discussão, o autor comenta:

que a mesma aliança que tinha combatido o entrudo poucos anos antes (imprensa, igreja, poder público) entrou em guerra contra essa forma “africanizada” de brincar carnaval e, a partir de 1903, a Câmara Municipal e as autoridades policiais baixaram uma série de medidas visando limitar e reprimir todas as manifestações de uma estética não europeizada. Assim, em 1905, o chefe da polícia resolveu impedir a saída do carnaval dos clubes ou grupos de mascarados afro-mestiços, proibindo expressamente a “exibição de costumes africanos com batuques” (Jornal de Notícias, 24/fev/1905, *apud*, FRY, 1988, p. 253). A partir de então e até 1914, a repressão policial contra as formas culturais e religiosas de origem africana foi incessante e suficientemente bem aplicada para efetivar a saída do elemento africano dos folguedos momescos da cidade (GAUDIN, 2000 p.51).

Teve-se, em consequência disso que:

o carnaval de Salvador passou a viver uma fase bastante desanimada. Foi nesse contexto de recesso carnavalesco e de repressão policial que os clubes elegantes da burguesia, junto aos comerciantes da cidade, resolveram reaquecer as vendas de produtos festivos e recuperar a iniciativa da festa, promovendo um “segundo carnaval do ano” disfarçado de *mi-carême*. A festa foi logo um sucesso, apesar de escandalizar a opinião pública e de provocar uma forte perseguição das autoridades católicas por acontecer em pleno domingo de Páscoa. Mesmo assim, a *mi-carême* foi adotada por quantos gostavam da folia e teve longos anos de glória na capital da Bahia. As críticas e condenações da Igreja, porém, fizeram com que a festa fosse transferida do domingo de Páscoa para outro domingo, fora do período de abstinência religioso. Segundo Vianna, com essa mudança de data, a *mi-carême* “perdeu o sabor, ameaçando morrer” (GAUDIN, 2000 p.51).

Nascimento (2003) trás em seu estudo dissertativo também sobre o carnaval Bahia, que nas primeiras manifestações carnavalescas da Bahia, a polícia interferia no Entrudo, assim como em vários outros ambientes e comportamentos não católicos. A autora comenta também que o costume herdado de Portugal continuou a existir, pois os grupos culturais não

pertencentes à elite utilizaram do recurso da resistência na manutenção dos símbolos fazendo com que:

O entrudo ainda possui evidências no carnaval atual. Por outro lado, ocorreu o surgimento de novas características, o que é comum à festa carnavalesca, com suas evoluções e transformações, fazendo com que a comemoração seja ao mesmo tempo moderna e antiga, economicamente segmentada e una. Uma atitude que parecia se caracterizar como uma contradição da polícia na Bahia ocorreu no momento em que a mesma passou de opressora a incentivadora do carnaval, no final do século XIX, distribuindo máscaras para a população pobre. (NASCIMENTO, 2003, p. 37-38).

A respectiva autora destaca que:

o objetivo principal era a popularização do carnaval, a fim de que pessoas que não participavam dos bailes, por considerarem a festa como um desacato moral e acabassem se misturando aos foliões da rua, mascarados, escondendo-se num comportamento tido como moralmente proibido. (NASCIMENTO, 2003 p.38).

Para autora, “apesar de toda a popularização que ocorreu no carnaval na Bahia, mais especificamente em Salvador, a elite dominante é quem mais se beneficiava da festa carnavalesca, já que este era um momento em que se exibiam ostentações e riquezas.” (NASCIMENTO, 2003 p. 38). Autora cita que:

como um comportamento de valorização identitária, a parcela negra e pobre da sociedade decidiu criar um grupo diferenciado que pudesse participar das diversões do carnaval. O surgimento dos Blocos de Afoxé pode ser interpretado como uma característica inovadora para o carnaval e que, ao mesmo tempo, remete ao antigo Entrudo, visto que esta era uma comemoração mais propriamente das pessoas de baixa renda e dos negros. Do mesmo modo, hoje, alguns estudiosos interpretam a existência de grupos como estes como uma forma de segmentação em diversos aspectos, pois o desenvolvimento rápido da indústria do carnaval tem gerado uma série de circunstâncias paradoxais para a comunidade afro-baiana: em termos econômicos, entre a marginalização e novas oportunidades para a comunidade e para indivíduos; em termos de status sócio-étnico, entre estigmatização racial e uma valorização de expressões estéticas (ARMSTRONG, 2000 *apud* NASCIMENTO, 2003 p. 38).

Nascimento (2003) ressalta que depois do crescimento e da consagração dos Blocos de Afoxé e dos Blocos Afro, surge, na Bahia, é caracterizado como um passo de modernização do carnaval, o Trio Elétrico, fundado pelos conhecidos músicos soteropolitanos Dodô e Osmar. Eles tiveram a idéia de restaurar um caminhão e anexar a ele autos falantes e amplificadores de som, este aparato de som é hoje um dos principais atrativos dos carnavais, já que em sua volta concentram-se milhares de pessoas. (NASCIMENTO, 2003).

Na questão pertinente ao carnaval do Rio de Janeiro de maneira breve, Cunha (2001) conta que ele ocorreu por certo, meras reiteraões de um ritual imemorial e universal, mas falavam da sua cidade, expressavam na sátira os conflitos de seu mundo, riam para representarem a diferença e questionar a dominação. E assim, para autora ainda, as fantasias e

máscaras representavam uma forma de comentar o cotidiano também de outros modos. Para autora, é comum na imprensa as referências às máscaras com rostos dos políticos e autoridades civis satirizadas no alto dos carros de sociedades ou penduradas nos *rosots* de foliões avulsos e a pé.

Da Matta(1997) reflete que atos celebrados durante as festas carnavalescas na modernidade, os quais para autor, se carnaval celebrasse somente a ligação sexual e não o sexo, ele estaria centrado numa estrutura social e seria uma festa dos cais e da união. Enquanto o dono desta festa seria o casamento, que por sua vez, seria uma rotina do sexo fomentando uma máquina de reprodução social. Porém, se por outro lado, este festejo celebrasse o pertencimento a um grupo permanente, estaria circunscrito a um grupo exclusivo. E se o carnaval fosse a festividade da riqueza e não do luxo teria como sujeito uma classe social. Mas seu alvo não é o rico, mas o nobre, ou melhor, a nobreza, ou seja, o carnaval hoje envolve a todos que vão às ruas festejarem, em suas diferentes formas e sentidos e gostos, e continua descentralizada e inclusiva.

Oliveira (2010) em sua análise sobre as festas trás que elas têm suas múltiplas funções, ora seja de lazer para um grupo social, ora outra a socialização o encontro com o desconhecido, ou seja, interatividade entre as pessoas. E para o outro, é renda as contribuições financeiras, ou de simplesmente conhecer os elementos existentes na festa, é o caso dos turistas. Portanto, cabe destacar a existência das suas variadas formas religiosas, gastronômica, lúdica, cívica, etc.

D'abadia (2010), aborda em seu estudo sobre as festas, que há diversas relações de poder nelas, este envolvimento de poderes se intercalam em suas ações. Estas ações existem conforme ocorre seja tanto a estrutura hierárquica da Igreja Católica na construção, como também nas diferentes esferas administrativas do próprio estado. Este segundo, de acordo com autora se apresenta é o poder do Estado, seja na organização da festa religiosa, seja ato cívico ou de forma onipresente na festa carnavalesca também. Nesta perspectiva autora reforça ainda que:

As instituições públicas que podem atuar na festa, como prefeituras municipais, secretarias de governos municipais e estaduais. Em relação às escalas de tessitura para o enquadramento do poder, a festa pode apresentá-la de diferentes modos. [...] desde a macro organização da igreja e do Estado para sua atuação, até micro escala de poder, representada na eleição do festeiro e seus auxiliares bem como de outros segmentos religiosos que podem atuar na organização da festa. (D'ABADIA 2010, p. 46)

O estado aqui é visto o ser presente ou onipresente em várias instâncias sociais, é então, uma estrutura que busca um controle social perante a sociedade está presente também na organização das festas não religiosas, como o carnaval “fora de época” nos municípios, a organização fica a cargo da prefeitura.

Nesta direção, D’abadia (2010) afirma que a festa é constituída por redes, pelas linhas de forma concreta ou não, que asseguram a comunicação. A territorialidade constitui-se nessas ações políticas e de poder formando o território festa; no caso das festas religiosas, a igreja, a comunidade e poder publico assumem ações diretas que impactam em tais manifestações culturais.

Em linhas gerais, Ferreira (2006) aponta que é importante destacar que as festas estabelecem uma relação complexa com a realidade, não é uma simples reprodução ou inversão de sentido. O autor relata ainda que a festa é uma experiência que normalmente são vivenciadas em separado, e acrescenta sentido àquilo que no cotidiano é percebido como descontinuidade.

Xavier (2010) propõe em seu estudo finalizado em 2010 com o título “*Micaretas ou festas Micaretas? Sobre espaços públicos e privados, lugares e locais na turistificação da folia em Goiânia.*” A autora discute neste estudo que a trajetória das festas perpassa por etapas, há exemplo é o que ocorria até 1977. As características do carnaval eram mais expansivas, mais populares, e todos os teatros davam bailes, as ruas e praças eram decoradas com amplitude e profusão, os carros de máscaras percorriam as ruas, os grupos fantasiados eram inúmeros. A autora entende que:

Como manifestação cultural e dinâmica a evolução desta festa passou pela substituição de cavalgadas numerosas, carros de mascarados, personagens disfarçados, mascarados em geral, por custosa banda de música, alegorias do porta – estandarte, carros de idéias, cada qual espirituoso e original, ou mais rico. (XAVIER, 2010 p.19).

Estas dinâmicas na manifestação carnavalesca ocorrem por aqui, de acordo com autora passa ser:

de maneira simultânea em diferentes lugares, o símbolo do Brasil, constituindo-se ainda em uma forma de atratividade para o turismo, que se intensificou no país na temporada carnavalesca. Como certo retorno financeiro que este propicia, as políticas públicas passaram a priorizar ações nesse setor, firmando assim uma aliança da cultura brasileira festiva com o turismo. (XAVIER, 2010 p. 19).

Cunha (2010) em linhas gerais ressalta que o carnaval é festa principal do calendário brasileiro, sendo então incorporadas aos “sanguess” ou às “almas” nacionais, se é aquilo que

nos define ou diferencia. Seja como for é preciso, segundo a autora, perseguir a construção dessa idéia, identificar o momento e as razões pelas quais ganhou corpo, mais também seguir atentamente o ritmo de velhos festejos a que não se atribuiu tal significado em seu próprio tempo.

3.0 UMA DISCUSSÃO SOBRE AS MICARETAS SEUS ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES

*“Desperta, foliões,
para o delírio que empolga.
E erguei-vos, jacobinenses,
Em êxtase de alegria e vinde
Com as “sertanejas Alegres”
Festejar o “Bi carnaval”,
“Micareta”, “Refolia”, ou “Mi-carême”
Que a 28 do corrente reinará
Sob louco entusiasmo,
Espancando tristezas e dissidências.
A cousa vai ser da outra
Vida e não haverá Quem
Resista à tentação”.*

(O LIDADOR, Jornal de Jacobina, edição de 07 de abril de 1935)

3.1 Um diálogo sobre a origem das Micaretas.

O que tange o contexto histórico das micaretas, sabe-se que transformações constantes referente a essas invenções, as quais são produtos das ações humanas coletivas. Nesta direção, de maneira particular esta pesquisa vem tratar sobre as micaretas, conhecidas para alguns autores como “os carnavais fora de época” tem início na França no século XIX.

Benoit Gaudin em seu estudo com o título “*mi-carême* ao *carnabeach* – histórias da(s) micareta(s)” publicado 2000, afirma que “quando se pesquisa sobre as origens da micareta na literatura histórica e folclórica nacional, descobre-se duas festas.”(GAUDIN, 2000 p. 47). Sendo uma:

alcançada de *serração da velha* e outra que leva um nome francês: *mi-carême*. Documentada principalmente por Julio Caro Baroja em seu *El Carnaval, analisis historico-cultural* (Baroja, 1979), a *serração da velha* é uma tradicional e antiga festa ibérica cuja origem no Brasil, segundo João Carlos Sebe, “está presa à influência francesa no Brasil, através de Portugal, no século XVIII” (Sebe, 1986, p. 85). Na península ibérica, a Quaresma era simbolizada por velha senhora feia, magra e comprida como um tempo de abstinência. A analogia com o período magro se estendia até a anatomia da velha, representada por um boneco de sete pés, da mesma forma que a Quaresma conta sete semanas. A cada semana, um pé era arrancado do boneco e, na metade das sete semanas, o próprio boneco era serrado pela metade. (GAUDIN, 2000 p. 47-48)).

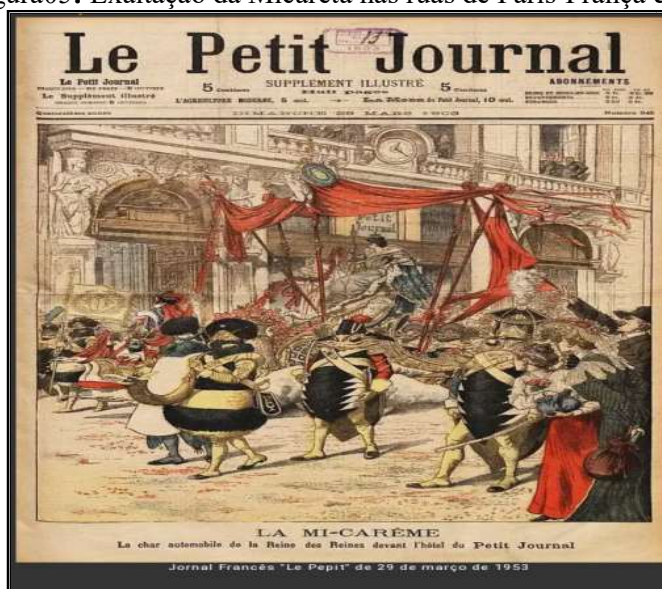
Gaudin (2000) comenta ainda que na Europa, “a leitura pública de um “testamento” burlesco acompanhava às vezes a cerimônia de serração” (GAUDIN 2000 p. 48). No Brasil, o autor relata que no Brasil, “os estudos de João Carlos Sebe registram a existência da festa, cuja inspiração “está ligada à dramatização de uma velha (símbolo de morte, doenças e desgraças) que seria serrada entre gritos e uivos do público em geral” (GAUDIN 2000 p. 48).

Gaudin (2000) reitera que as leituras do historiador francês Alain Faure, no seu livro Paris, *carême prenant* publicado em 1978 apresenta que a festa na capital francesa ocorria entre várias categorias da população da capital francesa envolvia diferentes categorias sociais, tais como os açougueiros, as lavadeiras e os estudantes. [...], cada grupo desfilando num determinado percurso e, em alguns anos, se juntando nas principais artérias de Paris num grande desfile popular.

Outra autora, que irá tratar da temática sobre as micaretas, é a Cristina Marcon, segundo ela, a etimologia da palavra “*micarême*”, francesa era uma tradicional festa que acontecia na França, desde o século XV, em meio ao período de quarenta dias de penitência da Igreja Católica. Ela tem a origem francesa, e significa literalmente Meio da Quaresma.”(MARCON, 2019 p. 1).

Marcon (2019) reforça ainda que *Meio- Quaresma* era celebrada na França como o "dia das Lavadeiras e Arrendatários de Carvão". A celebração da *Mi-Carême* da França acontece até hoje em Quebec, em Saint-Martin e em *équihen-Plage*. Autora ressalta, também que na década de 1950 a festa ficou vários anos sem ocorrer na França e em 2009, voltar a ter em diferentes lugares, é também considerado “Carnaval das Mulheres”⁷. A ilustração a seguir, é a capa do Jornal Francês "*Le Petit*" na edição do dia 29 de março de 1953. Nota-se na capa é destacado na manchete a notícia da micareta na França naquela década, conforme a imagem abaixo mostra que as pessoas saem às ruas com as máscaras e com as bandeiras festejando em Paris/França.

Figura05: Exaltação da Micareta nas ruas de Paris-França em 1953



Fonte: Disponível em: <http://carnaxe.com.br/micare/micare.htm>.
Acesso em: 02 nov.2019.

Em relação à origem das micaretas na França, Gaudin (2000), conta sobre o referente contexto, para autor, “as lavadeiras tinham a particularidade de eleger sua rainha antes de desfilar num carro alegórico de fortuna onde o grotesco reinava solto. Já os estudantes tendiam mais para a ironia crítica e a sátira.” (GAUDIN, 2000, p. 61). Neste contexto, o autor reforça também a respeito da origem das micaretas. Segundo ele:

A *mi-carême* é uma festa de origem francesa cujo surgimento no Brasil aconteceu muito mais tarde, no início do século XX. Naquela época, a moda pela França era tão vivaz que o próprio período leva nome francês: Belle.[...]. A vida cultural da

⁷ Informações contidas no Portal a história das Micaretas, no disponível em< <http://carnaxe.com.br/micare/micare.htm> .>. Acesso em: 01 fev.2019.

capital da República era altamente influenciada e inspirada por Paris e, na ocasião do carnaval, o *lance-parfume* era especialmente importado da França. Neste contexto, não demorou muito para aparecerem iniciativas visando a implantar no Rio de Janeiro a *mi-carême*. (GAUDIN, 2000, p. 61).

No Brasil, os relatos sobre a festa inicialmente é conhecida no Rio de Janeiro desde 1908 é o que afirma Gaudin (2000), para ele é:

Eneida de Moraes, pioneira na historiografia do carnaval carioca, relata que esta festa já era conhecida no Rio de Janeiro desde 1908: “em 1908, a Fon-Fon, revista ilustrada mundana, elegante, propunha que se realizassem festas de *mi-carême* dedicadas aos operários. Cada fábrica elegeria sua rainha e damas de honra que desfilariam pela Avenida no sábado de Aleluia” (Moraes, 1987, p. 164 *apud* GAUDIN, 2000 p.48). Observa-se que, apesar do nome *mi-carême* (“meia-quaresma”), a festa mudou de data ao atravessar o Atlântico, numa exemplar ilustração da plasticidade das datas festivas brasileiras evidenciadas por Bastide como típica de um folclore de importação (cf. Bastide, 1970, p. 158-163 *apud* GAUDIN 2000 p. 48).

Diante desta primeira comemoração, autor levanta que:

Essa estréia aconteceu em Salvador e foi uma iniciativa do clube carnavalesco soteropolitano Fantoques da Euterpe, que obteve a adesão dos dois outros grandes clubes da época a Cruz Vermelha e o Inocentes em Progresso (cf. Duarte, 1997, p. 4). A proposta explícita desses clubes era de organizar um “segundo carnaval do ano” e como eles já conheciam a *mi-carême*, que acontecia no final da Quaresma, efetuaram a fusão entre essa festa mascarada e o carnaval.(GAUDIN, 2000 p. 48-49).

No estado da Bahia, a *Micareme* ganha novos sentidos e expressões, contam Xavier (2010) e Silva (1986) segundo os respectivos autores, existe contra sentidos sobre a data absoluta em que acontece a primeira Micareta no Brasil. Estes autores defendem que a primeira micareta pode, ter ocorrido em 1912, na cidade de Jacobina, Bahia é o que apresenta a capa do jornal jacobinense “O Lídador” do dia 11 de março de 2010.

Marcon (2019), conta que em 2010, tem como manchete a exaltação histórica da micareta na cidade de Jacobina no estado Bahia, pela sua mídia local. O jornal *Jacobinense*, descreve a existência desta festividade e afirma ser a primeira Micareta, com registro desde no ano de 1912 conforme aborda a notícia da capa do jornal “*O Lídador*” na data de 11 de março de 2010. Segundo consta na ilustração posterior é possível observar, um pouco do contexto histórico em sua matéria, cuja busca sustentar o argumento desta a primeira festa do estilo carnavalesco.

Figura 06: Capa do Jornal de 11 de março de 2010



Fonte: Disponível em: <http://carnaxe.com.br/micare/micare.htm>.
Acesso em: 02 nov.2019.

Para Santos (2004) essa tradição popular da chamada de *Micarême* ocorre no Brasil desde o século XVIII, sob influência de Portugal. O povo aproveitava as festas do calendário religioso para fazer suas diversões. Autor ressalta, o trabalho de José Ramos Tinhorão, que estuda e relata as brincadeiras de rapazes pelo período da Quaresma, conhecida como Serra da Velha. A Missão Artística Francesa, que esteve no Brasil no início do século XIX, captou em pinturas um momento da Malhação do Judas em Sábado de Aleluia.

No início do século XIX, foi buscada na Europa uma versão sofisticada e elegante para esta festa realizada por populares no Sábado de Aleluia que se tornava "incivilizada" para um Brasil que se "civilizava". Assim, foi introduzida a *Micarême*, que imitava os Grandes Carnavais de Nice e Veneza, pelas elites brasileiras que buscavam uma matriz de identidade na Europa. Esse modelo vigorou, principalmente em Salvador, até a década de 1930. (SANTOS, 2004, p. 244).

A mudança do termo *Micarême* para micareta ocorre em 1935, em Salvador, mediante ao processo de popularização desta festa que era utilizada pelas elites como forma de impor outra maneira de brincar aos demais grupos sociais. Segundo o autor, ocorre a interiorização da micareta nas cidades de maior porte populacional naquele momento no estado da Bahia. (SANTOS, 2004).

Xavier (2010) discute que o aspecto sagrado das micaretas, ele retrata que esta festividade se integrava ao quadro do calendário eclesiástico que se iniciava com o Natal, seguindo – se a Epifania (dia dos Santos Reis), a lavagem do Bonfim, o Carnaval e culminando com a *Micarême*. No Caso especificamente em Salvador, no sábado Aleluia, às

10 horas da manhã iniciavam-se os festejos e, no Domingo de Páscoa, o público ficava na rua até meia-noite. “Logo sua temporalidade já tivera sua alteração e que a influência religiosa restringiu-se ao período de sua realização e á observação de certos horários para início e término da festa estabelecida pela Igreja.”(REGO, 1986: Xavier 2010 p. 34-35). É destacado ainda pelo autor:

Que a influência religiosa restringiu-se ao período de sua realização e á observação de certos horários para início e término da festa estabelecido pela Igreja. Mas, vale ressaltar que até mesmo a data se modificará posteriormente. Desse modo, o lado mais significativo dessa festividade era o profano, o que se relacionava com a economia, pois se procurava retomar a folia carnavalesca após o período de abstenção da quaresma. A *Micarême* profana foi aquela inventada para nutrir de força e energia um carnaval que perdia tónus a cada ano, na segunda década do século XX, informa Antônio Vianna, seu comentarista. A *Micarême* acontece pela primeira vez em terras baianas no ano de 1914, refazendo o mesmo circuito da festa momesca. Realizar a *Micarême* foi uma iniciativa dos diretores do bloco “Fantoches de Euterpe” que organizaram um préstito carnavalesco para sair no domingo de Páscoa, ‘sem ofensas á Igreja, obtendo a adesão dos outros grandes clubes, ‘Cruz Vermelho e ‘Inocentes em Progresso’ em Salvador/Bahia.(DUARTE, 1986: XAVIER, 2010 p. 36).

Santos (2004), quando cita o exemplo, da Micareta em Jacobina mostra que “nela ocorreu uma reconstrução na forma de brincar a festa, por meio de expressão não só das elites, mas das pessoas comuns. Isto é evidenciado em 1º de abril de 1917, na página principal do primeiro periódico de Jacobina, “A Primavera”.(SANTOS, 2004 p. 246). Segundo autor, é feito um convite á população para:

a queima do Judas na Praça da Matriz. No sábado anunciado ás dezenove horas, foi queimado um “jocosos Judas”, e logo após, músicas foram tocadas e varias outras surpresas foram deitas para todos os presentes. Nem só praça da matriz, mas em todos os cantos da cidade os diversos grupos sociais reuniam-se com um grande boneco por eles caracterizado, e nessa noite satirizavam, escarneciam a vida alheia, lendo ou declamando em voz alta um testamento que dizia respeito a coisas da vida comum era um momento especial de gozação. As camadas populares tinham como escopo personagens importantes da vida social da cidade a quem atribuíam os velhos pertences do Judas. (SANTOS, 2004, p. 246).

Micareta de Jacobina ocorrem também em 1936 foi nas ruas da cidade, em decorrência do aumento dos foliões. De acordo Alencar (1968) afirma que antes as festas aconteciam nos clubes, porém, estes deixaram de suportar a ascensão da folia e os desfiles, marchinhas, princesas, alegorias e toda a diversão tomaram conta das ruas do centro comercial. Dessa forma, intensificou-se a (re) organização do espaço urbano, que em muitas décadas foram estruturadas de acordo com as intencionalidades das esferas públicas e particulares.

Lemos (1995) argumenta ser também ser primeira micareta ocorre em Jacobina, em 1912, por iniciativa do Senhor Porcino Maffei, ali residente, organizando o bloco “As copas”.

Na edição de 07 de abril de 1935, este mesmo periódico publicava as novidades da capital referente à mudança de nome da festa evocando todos a participar.

A história das micaretas em Jacobina é tema da dissertação de mestrado da Vanicléia Silva, “sons, danças e ritmos: a Micareta e Jacobina”, defendida em 2001. A autora, retrata que forma de brincar o carnaval nas cidades menores no interior da Bahia no início das primeiras décadas do século XX era diferente dos carnavais das principais capitais brasileiras.(SANTOS, 2004). Segundo ela:

Desde o século XIX já era costume brincar o entrudo para festejar o Sábado de Aleluia em Jacobina. Dona Morena, nascida em 1912, conta que sua mãe, dona Marcolina (portanto, nascida ainda na escravidão), desde criança brincava esse jogo. O entrudo perdurou com fôlego, aproximadamente, até a década de 1940; posteriormente. Sendo substituídas as águas e as laranjinhas de cheiro pelo uso do sofisticado lança perfume. O entrudo, bem como a queima de Judas, marcavam o Sábado de Aleluia em Jacobina. E embora não apresente um elo exterior com as festas religiosas, fato da história sagrada, ou festa de santos, o Carnaval sempre acontece nos dias que precedem a quaresma.(SANTOS, 2004 p. 249-250).

Autora destaca que, da mesma forma que também ocorria:

A Micareta em Jacobina, quando ainda não havia acabado a quaresma. Isso se explica porque “o calendário religioso da Igreja Católica contribuía, além das procissões, com sugestões da história sagrada passíveis de transformar-se em festa por iniciativa popular, como no caso da malhação de Judas no Sábado de Aleluia.(SANTOS, 2004 p.250).

Ela comenta ainda que:

Se no período colonial as festas eram anunciadas pelos éditos lavrados solenemente em público, no século XX a imprensa escrita substituiu esse veículo. No jornal *O lidador*, os convites para a festa em Jacobina marcavam o início de um tempo diferente; a começar pela linguagem que era modificada.” “ Sua Magestade ah! Vem! Jacobinenses, a postos! Evohé, pessoal! Sua Magestade o Rei Momo ahi vem, incorrigível como sempre já ouvimos perfeitamente o tlim-tlim-tlim dos guizos da sua rouparia policromica. Para ele não há crise, não há desgostos, por que ele sabe “tristezas não pagam dividas” ahi vem o grande folgazão o soberano da folia, o mensageiro do Riso, entendendo os braços aos seus inúmeros vassalos, na certeza de encontrar a acolhida que sempre parte de todos”.(SANTOS, 2004 p. 253)

Desta maneira, esta manchete apresentada sobre o convite feito pelo jornal *lidador* sobre a micareta em Jacobina, é para, Santos (2004) uma forma de mostrar por meio da leitura, um discurso que “ impressionavam e contagiavam o leitor” (2004 p. 253).

A organização da festa pela elite compreendia ensaios das danças e músicas para os bailes e confecção de fantasias de desfile nos cordões. Inclusive alguns grupos possuíam uma estrutura completa para os preparativos: elegiam uma comissão de ‘ornamentação e trajes, uma “Comissão de Música e uma “Comissão de Numerário”. A primeira comissão era

composta só de mulheres e as outras duas somente de homens. Todos “pessoas gradadas”, cada qual envidando os seus esforços para o maior realce da grande festa jacobinense.”(SANTOS, 2004).

Autora, conta que “a organização cuidadosa dessa festa incluía escolhas de temas para a Micareta. Para se destacar, alguns grupos chegavam a alugar fantasias no Rio de Janeiro, por conta da tradição dos famosos bailes com fantasias luxuosas e caras.” (SANTOS, 2004 p. 253). Autora apresenta trecho da entrevista com uma integrante a dona Fidelcina Pires dos Santos em 2000 da micareta em Jacobina”, a entrevistada destaca que a ele que:

“Nós trazíamos para que as fantasias premiadas do Municipal, né, as fantasias que eram premiadas do Municipal, no Rio de Janeiro, vinham pra aqui, a gente convidava, havia os desfiles de fantasias, quer dizer bailes carnavalesco, né, bailes carnavalescos em plena micareta, com desfile das fantasias premiada lá no Teatro Municipal do Rio de Janeiro”. (SANTOS, 2004 p. 253).

Autora ainda ressalta que:

Amado Honorato justifica a razão de buscar tão longe as fantasias para a Micareta “o carnaval era o Rio de Janeiro com as escolas de samba na Presidente Vargas, as escolas de samba eram uma verdadeiro luxo. Dessa forma, tanto nos desfiles nas ruas quanto nos bailes privados, a elite caprichava na fantasia. Em 1934, os bailes noturno forma realizados em casa do coronel Gregório Teixeira Soares e no Salão do Cine Teatro Jacobina.(SANTOS, 2004 p. 253-254).

Na figura 07, pode-se observar um grupo de pessoas fantasiadas, as quais formam o bloco chamado de “assassinos da tristeza”. Os integrantes do bloco estão vestidos com mesmo estilo de roupa, alguns portando instrumentos musicais e bandeiras.

Figura 07: fotografia do bloco de rua “assassinos da tristeza” micareta de Jacobina/BA, em 1936



Fonte: (J. RODRIGUES, 1936).

Gomes (2011) retrata que esta evidência da figura 07, legitima que Jacobina teve sua micareta em 1936 e os instrumentos são comprovações das machinhas que eram tocadas naquela época. A ilustração demonstra mesmo em preto e branco, a dimensão e os estilos proporcionados pela festa [...] nessa época a “filarmônica, ou sociedades musicais, era que comandavam as festas”. Autora ressalta que:

Em 1937, a cidade de Feira de Santana, localizada no interior baiano, também realizou sua primeira Micareta, graças a um grupo de cidadãos inconformados pela não realização do carnaval na região, motivada pelas fortes chuvas daquele ano. Estes feirenses decidiram transferir o período do evento, reunindo inéditos blocos e escolas de samba fora da temporada tradicional, que desfilaram pelo centro da cidade equipado com 200 camarotes. (GOMES, 2011 p.?).

O fato é que mesmo diante das informações existentes entre as notícias retratadas nos jornais baianos, neste trabalho apresenta estes elementos como algo reforçador que sustenta a ideia de que a primeira micareta baiana em Jacobina na Bahia.

Na questão da micareta de cidade de Feira de Santana também no estado da Bahia, que teve início na década de 1930, Pinto (2010), relata o processo histórico deste festejo no que se refere a esta cidade. Em seu estudo com o tema “Micareta de Feira de Santa uma Festa Popular Sob o Olhar das Relações Culturais e Socioeconômicas”. O autor destaca vários aspectos sobre esta festa que ocorre desde 1936, onde os grupos de foliões, liderados por Manoel da Costa Ferreira e pelo professor Antônio Garcia, revolucionou a cidade com a criação da *Micarême*, em substituição ao Carnaval.

Para Pinto (2010), houve vários debates pelos jornais com o grande mestre Antônio Garcia defendendo o nome de Micareta e não *Micarême* (nome derivado de uma festa francesa). O Autor afirma que o nome de Micareta, como sendo o carnaval temporão (fora de época). O Sr. Manoel da Costa Ferreira, com a assessoria de João Bojo e outros convocaram todos os artistas feirenses que entendiam de alegorias e trouxeram operários de Salvador que tinham experiência nos clubes Fantoche e Cruz Vermelha. Nesta circunstância, que teve a primeira micareta e os bailes de carnavais na cidade de Feira de Santana na Bahia. O autor ressalta que:

O festejo teve início no sábado, dia 27 de março de 1937, com bailes à fantasia nas *Filarmônicas* Vitória e 25 de março e nas ruas com a presença de grupos famosos como o “Zé Pereira”, “Filhos do Sol”, “Cadetes do Amor”, “As Melindrosas”, “Amantes do Sol”, “Cruz Vermelha” “Flor do Carnaval” e mascarados animando os foliões. Era Feira de Santana fazendo sua primeira Micareta, tendo a rua direita (compreende as ruas Conselheiro Franco e Monsenhor Tertuliano Carneiro) como “quartel general” da folia. (PINTO, 2010, p. 37).

Nesta prerrogativa, os espaços onde o festejo eram nas ruas de Feira de Santana, diferente dos bailes carnavalescos para a elite feirense em que era realizado nos tradicionais clubes da cidade e nas Sedes das Filarmônicas Feirenses, como 25 de março e Vitória. Alguns anos depois, os clubes foram perdendo os foliões da "classe alta" que passaram a preferir os desfiles que tomavam conta das ruas do centro da cidade.⁸

Segundo, Marcon (2019) o trio elétrico é criado em 1943 pelo senhor chamado, Dodô e Osmar inventaram, e inicialmente era denominado de "pau elétrico", instrumento musical de som estridente, criado num pedaço de cepo maciço, instrumento que se transformaria no que é hoje a guitarra baiana. Para autora, a idéia surgiu a partir do deslubrimento, após assistirem um ano antes, o show do violinista Benedito Chaves no Cine Guarani em Salvador, em que o mesmo tocava um violão elétrico. Embrião da guitarra baiana, instrumento modificou a história do Carnaval de Salvador.⁹

Marcon (2019) comenta ainda que em 1954 o período onde a Micareta de Feira de Santana tem várias mudanças. Nesta perspectiva, o destaque é para participação do primeiro trio elétrico desfila entre os participantes, com o nome de “*o Patury*”, criado por Senhor Péricles Soledade em parceria com Senhor José Urbano Cerqueira (fabricante de instrumentos musicais) com Joaquim Bacelar (fabricante da aguardente cana *Patury*).

A autora enfatiza ainda, que houve sucesso e no ano seguinte o trio foi incorporado definitivamente na Micareta. Anos mais tarde, outros trios elétricos de Salvador (*Tapajós, Jacaré e Ypiranga*.) (MARCON, 2019). O respectivo trio elétrico descrito pela autora, é retratado na figura 8 presente na Micareta Feira de Santana no estado da Bahia. (MARCON, 2019).

⁸Informações contidas no Portal a história das Micaretas, no disponível no link <http://www.carnaxe.com.br/micare/micare.htm> . Acesso em: 01 fev.2019.

⁹ A trás o contexto histórico da criação do trio elétrico e os instrumentos musicais. Disponível em <http://www.carnaxe.com.br/history/trio/index.html>. Acesso em: 05 nov.2019.

Figura08: Imagem do primeiro Trio elétrico na micareta de Feira de Santana/BA.



Fonte: Disponível em <http://www.carnaxe.com.br/history/trio/index.html>.
Acesso em: 05 nov.2019.

Foi construído o circuito da folia, sendo alterado no decorrer dos anos com a realização da micareta, mediante aumento dos participantes. Conta Marcon(2019) que no início, o percurso da Micareta acontecia na região central de Feira de Santana (BA), entre as ruas Conselheiro Franco (na época conhecida como Rua Direita), e Tertuliano Carneiro, onde começa a Praça Dr. Remédios Monteiro e termina na Praça Fróes da Mota. A autora ressalta que a micareta deixou de ser realizadas em duas ocasiões; isso na década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial e em 1964 quando ocorreu o Golpe de Estado. (MARCON, 2019).

A folia se estendia duas ruas à frente, nas Praças da Bandeira e João Pedreira (Mercado de Arte Popular. E assim, nas décadas de 60 e 70, o circuito da festa foi sendo transferido para a Avenida Senhor dos Passos e a folia continuava acontecendo também na Praça da Bandeira e na Praça João Pedreira. A Rua Conselheiro Franco, acabou virando o palco para o desfile de Escolas de Samba. Anos depois, a Micareta de Feira de Santana é a ser realizada na Av. Getúlio Vargas. Na figura 09 observa-se cruzamentos das respectivas avenidas na cidade na década de 1970.(MARCON, 2019).

Figura 09: A micareta em Feira de Santana na década de 1970.



Fonte: Disponível em <http://www.carnaxe.com.br/history/trio/index.html>.

Acesso em: 05 nov.2019.

A partir deste momento, os trios elétricos ficaram então cada vez maiores e estilizados, ainda na micareta de Feira de Santana, observa-se que em 2000, foi criado o Circuito um circuito, denominado de “Maneca Ferreira”, na Avenida. Presidente Dutra. Em 2002 além do Circuito “Maneca Ferreira”, a Micareta ganhou novos espaços, conforme decreto regulamentado pela Prefeitura Municipal de Feira de Santana. (MARCON, 2019 p. 1).

Os novos locais públicos estabelecidos e organizados pela prefeitura de Feira de Santana, isto é, a micareta, passa a exercer uma nova dinâmica espacial e temporal sobre o espaço urbano na cidade. Um desses espaços, é o circuito Charles Albert, situado na praça da Kalilândia, o Espaço Charles Albert¹⁰. Um ambiente alternativo com estrutura para bailes v infantis no sábado e no domingo e noturnos para a terceira idade nas sexta a domingos.(MARCON, 2019). Outro percurso demarcado da festa, de acordo com autor:

é o circuito quilombola, trecho da Av. João Durval Carneiro. Um espaço é reservado para os blocos afros, escolas de samba e afoxé mostrarem as suas tradições e a força que deixa a festa mais rica e bela. Neste espaço o folião encontra palco com atrações especiais e arquibancada. Ainda tem o Palco J. Morbeck, um palco fixo, localizado no fim do circuito, onde bandas de todos os ritmos. Palco “fixo” Jota Morbeck, localizado no fim do Circuito Maneca Ferreira, tê folia no palco Jota Morbeck (homenagem ao artista feirense, um dos precursores do axé music), nas quatro noites grupos musicais de ritmos como o

¹⁰ Ler mais sobre o homenageado, artista plástico e cenógrafo Charles Albert fez inesquecíveis trabalhos para a Micareta e para os Bailes pré- folia. Fez decorações de rua, ornamentos para Clubes e Bailes, criou carros alegóricos para desfile nas

reggae, rock, pagode e outros. Em 2006, teve um palco inédito chamado "Espaço Luiz Caldas" em homenagem ao criador do *axé music*. (MARCON, 2019 p. 1).

Autora ressalta ainda, sobre o *circuito Maneca Ferreira*, projetado na Av. Presidente Dutra, que leva o nome desse novo espaço (circuito) em festa homenageia um dos criadores da Micareta, Manoel Costa Ferreira. Foi o cenógrafo responsável pelos carros alegóricos que saíam no carnaval cancelado devido à chuva no primeiro festejo. Seu nome foi dado ao circuito principal da festa por onde passam os blocos, os trios independentes. (MARCON, 2019).

Um dos elementos que estão presentes tanto nas micaretas quanto os carnavais tradicionais, considerados necessários é a figura dos *abadás*, sua origem é retratada por Marcon (2019 p. 3), “com a ideia de fantasias que tem como objetivo a identificação dos associados de bloco. Por isso, deve-se ter cuidado a cortá-la, já que pode ser símbolo de identificação do bloco tem que ser mantido.” Autora comenta que o:

ao comprar o *abadá* tem direito a um kit fantasia, composto por um short, uma camisa e acessórios. A fantasia do bloco sempre nem sempre foi só *abadas*, nos primeiros carnavais usavam-se vestidos e chapelões estilo *belle époque*, vestidos longos de corso onde participavam dos grandes bailes no Teatro São João ou desfilavam em carros abertos, na segunda metade do século XX. (MARCON, 2019 p.3).

Mais tarde passou a ser mortalhas, parecido com um vestido longo e era somente de tecido estampado.¹¹

Até os anos 60, predominavam os pierrôs, piratas, marinheiros e as caretas (máscaras). Mas a indumentária carnavalesca evolui no ritmo da folia, assim as fantasias e máscaras deram lugar às mortalhas, isso por volta dos anos 70. As mortalhas eram uma espécie de vestido longo, sem mangas, com um racho nas laterais da cintura pra baixo, para facilitar a movimentação dos pés, acompanhada por uma tira para amarrar na cintura e acomodar/dobrar o tecido conforme a imaginação, o que não tinha muitas opções. (MARCON, 2019 p.3).

Marcon (2019) argumenta ainda que a maioria das mortalhas eram fabricadas com tecido grossos, tornando a utilização um tanto incômoda e quente. No início, cores fúnebres como preto-rosa e ostentava uma grande cruz na frente e outra nas costas, além de um capuz como adereço. Com o passar do tempo aderiram às mortalhas coloridas e alegres emblemas e patrocinadores dos blocos.

¹¹Ainda sobre os *abadás* Marcon(2019).A malha só passou a ser usada em *abadás* desde criação para o Bloco Eva no Carnaval de Salvador 1993 e nos anos seguintes, os demais blocos aderiram. Sobre a história carnavalesca, o *abadá* era considerado uma camiseta comprida - vide origem do *abadá*. (MARCON, 2019).

Sobre as mortalhas, Marcon(2019 p.4) conta ser “uma túnica reta, estilo camiseta longa, sem mangas, preta ou com cores bem escuras. Segundo o designer carnavalesco Pedrinho Rocha “era uma fantasia prática, barata e irreverente, contrapartida a tantos Caretas que ainda povoavam um carnaval moldado ao estilo europeu.” Neste sentido, autora ressalta que “o careta era o pierrô mascarado; a mortalha era a liberdade descarada. Essas fantasias também havia um capuz, mas logo o governo militar proibiu as máscaras.”(MARCON, 2019 p.4). A autora reitera que:

As mortalhas trocaram suas cruzes e cores fúnebres pelo colorido psicodélico e frases que expressavam as novas liberdades: sexo, comportamento e drogas. No carnaval era proibido proibir! á metade dos anos 70 a mortalha já era vestimenta predileta dos pequenos blocos que não tinham grana para fantasias mais elaboradas. Alguns desses tornaram-se grandes e viraram ícones da folia, com suas mortalhas desejadas e disputadas que combinavam perfeitamente com o ritmo cadenciado das batucadas. Foi o caso do Bloco Jac’, Barão, Top 69, dentre outros”.(MARCON, 2019 p.4).

Desde as primeiras micaretas até o momento atual teve várias mudanças no estilo e na forma das vestimentas desta festa. As confecções se rendem às cifras da folia e no final dos anos 70, os blocos aderem por mortalhas mais curtas, um pouco abaixo dos joelhos. Entre 1975 e 1983, a mortalha foi cedendo lugar ao *macacão* e ao *short*. (MARCON, 2019 p.4). Na figura 08, Marcon (2019 p. 4) salienta que “vem ocorrendo à diminuição nas últimas décadas no tamanho das fantasias, é demonstrado pelo *designer*, Pedrinho da Rocha, ele irá afirmar que está ocorre é uma involução nas vestimentas carnavalescas baiana.” Conforme a figura 10.

Figura 10: A demonstração da involução das fantasias carnavalescas baianas



Fonte: (Rocha, 2019) disponível em:<http://www.carnaxe.com.br/history/anos/abada.htm> .
Acesso em: 30 set.2019.

Marcon(2019 p. 5) relata ainda em sua pesquisa que “na transição das fantasias do carnaval em Salvador de 1993. O bloco Eva lançou o *abada*, traje carnavalesco com

uma túnica menor e shorts. Desde então, a mortalha foi cedendo espaço até ser praticamente quase extinta do carnaval baiano.” Autora sustenta que com o passar do tempo as fantasias foram se aprimorando e em 1993, o *designer* Pedrinho da Rocha criou uma fantasia para esse bloco que desfilou no Carnaval da cidade de Salvador. Liderado pela então banda “Asa de águia” que tem como destaque o vocalista. -(Durval Lelys). Esta é uma das atrações musicais tradicional sempre presente no carnaval e nas micaretas baianas desde década de 1990. (MARCON, 2019). Autora também refere a essa banda especificamente como a responsável pela divulgação dos *abadás*, sobre esta vestimenta, ela também ressalta ser:

O *abadá*, uma blusa de tecido também grosso, só que menor (à altura das coxas), largo e reto, sem mangas que acompanha o kit: o shorts e uma tira de cabeça, tira de cintura, boné e "mamãe sacode" em uma sacola de plástico branca com os dizeres em azul: "ô, leva eu, Eva Eva," leva também o meu amor, “Eva, Eva” e vamos juntos na avenida, é Carnaval em Salvador - patrocinador Barcarolle.(MARCON, 2019 p. 4).

Neste sentido, essa expressão citada leva o nome artístico da banda musical, “Eva”, é o que afirma, Marcon (2019 p. 4) “o *designer* carnavalesco Pedrinho Rocha, é o criador desse modelo de *abadá*, para ele assim" como Adão cedeu uma costela para criação de sua Eva, eu doe a idéia do *abadá* para o Bloco Eva.”

Autora destaca ainda na sua pesquisa que foi o bloco Eva que proporcionou um das realizações mais transformadoras, como criador, nessa grande festa baiana. A invenção da banda “Eva,” deu início ao seu bloco, sendo então a responsável em alterar um dos ícones do Carnaval de Salvador: a "mortalha", espécie de túnica utilizada pelo folião. (MARCON, 2019).

Em relação ao carnaval baiano, Diniz (2008, p.172) argumenta que “o carnaval da Bahia seguiu a tônica nas primeiras décadas do século XX nas cidades baianas, o qual ocorreu à proliferação dos blocos, cordões, sociedades e corsos.”, Autor comenta ainda, que os espaços onde ocorria a festa na capital do estado era:

Na baixa do Sapateiro em Salvador que ficava concentrado o carnaval do “povão” aquele em que as brincadeiras assemelhavam-se às reminiscências do entrudo. Em primeiro momento, havia a separação dos flêdes por origem social, característica que o processo de surgimento da *axé-music* amenizaria um pouco, possibilitando maior intercâmbio entre os diversos segmentos sociais de Salvador. (DINIZ 2008, p. 172).

Xavier (2000 p. 33) relata também que “teve sua modificação e ampliação da festa na segunda década do século XX, por volta de 1914. Em 1927, esta festa já era reproduzida em outras cidades do Estado da Bahia”. Autora afirma também que “ela recebe ares novos, pois,

na verdade, a festividade se instalou para posteriormente, ser-lhe atribuído o nome de *Micarême*, a mudança surgiu como força de promover melhoria” (XAVIER, 2010 p.33). Em relação aos aspectos profanos e religiosos, a autora salienta ser em:

diferente ao que ocorria na Europa. No princípio, o seu caráter profano se dava por meio de desfile de clubes e o caráter religioso, mediante a festa da ressurreição de Cristo, ou mesmo com uma dimensão humanitária manifesta em distribuição de carne aos pobres.(XAVIER, 2010 p. 33).

Durante a década de 1930 e até a Segunda Guerra Mundial, Gaudin (2000), nos conta que:

“Salvador conheceu alguns dos seus melhores carnavais [...]particularmente ricos e suntuosos, os desfiles de carros alegóricos serviam às elites da cidade como palco para suas rivalidades econômico-políticas, cada grupo querendo superar o outro em riqueza, ostentação e magnificência (cf. Queiroz, 1992, p. 53). O fausto e a animação deste “carnaval-espetáculo” tornavam supérflua a existência de um outro carnaval, fora de época, e a *micarême* foi paulatinamente perdendo espaço. O ano de 1942 guardaria o último registro desta festa na capital baiana (cf. Duarte, 1997, p. 4).(GAUDIN, 2000 p.51).

Em 1935, “a imprensa soteropolitana patrocinou um plebiscito para definir o novo nome dessa festa e a opção de *micareta*, provável corruptela de *mi-carême* com *careta* (mascarado) foi escolhida.”(GAUDIN, 2000 p.51).

3.2 As Micaretas: Para além das Bahia

Gaudin(2000 p.65) ressalta ainda “que as micaretas também ocorrem em outras cidades no estado, como também para outros estados”. Para o autor, “o sucesso do *axé-music* e o deslanche do turismo na Bahia, fatos que incitaram a maioria das capitais nordestinas a adotarem também a micareta.” Gaudin (2000 p.65). A expansão do estilo festivo ocorre de formal gradual, é que aponta Gaudin (2000),

“a festa se propagou por ondas sucessivas, a partir da cidade de Salvador e acompanhando a evolução do seu carnaval. Assim, teve o surgimento no Recôncavo das primeiras *mi-carêmes* de tipo “segundo carnaval do ano”,respondia à volta do sucesso do carnaval na capital e ao decorrente enfraquecimento dos carnavais do interior próximo.(200, p. 65)

Ainda segundo, o autor:

De propagação, para além do Recôncavo, aconteceu quando apareceu o trio elétrico em Salvador: foi á época dourada do trio para todos, sem cordas. O terceiro movimento, que deu novo fôlego à festa e proporcionou-lhe a oportunidade de se espalhar pela Bahia inteira, foi á integração dos trios pelos blocos e o sistema de financiamento que dela decorreu. (GAUDIN, 2000, p. 65).

Segundo ele:

“a última onda de propagação continua ainda hoje e atinge um número considerável de cidades interioranas e de capitais, parece sustentar-se tanto da demanda de opções de lazer por parte da população, como do efeito de moda que caracteriza a “música baiana” e a festa de trio. (GAUDIN, 2000 p.65-66).

No caso das micaretas baianas, tem com peculiaridades, de acordo com Diniz (2008) por apresentar música, dança e rituais atrelados ao legado afro, como também as festas, as roupas, a culinária, as crenças e a religiosidade do povo baiano. Ainda segundo o autor, basta ver o número de blocos, compositores, cantores e ritmistas que contaram com suas identidades africanas para se destacar no carnaval da Bahia e depois ganhar renome nacional e sucesso na mídia. O samba de roda, o *samba reggae* e os trios elétricos fizeram a mística de que, quando baiano não está em festa, está se preparando para ela. Mas seria de fato a *axé-music* que sintetizaria todas as virtudes e mazelas históricas da musicalidade baiana.

No presente momento da pesquisa em relação as micaretas reinventadas na Bahia, tem levado os seus elementos para além da Bahia, como exemplo da festa no estado da Paraíba, em 1990, de acordo com Gaudin(2000.) ela ocorreu então:

A estreante Micarande nasceu de um projeto montado pelo Departamento Municipal de Turismo da prefeitura de Campina Grande, na Paraíba, em abril de 1990 (cf. www.micarande.com.br [13 setembro 1997]). Já em Natal, no Rio Grande do Norte, a prefeitura municipal lançou, no final de 1991, uma campanha chamada “Natal em Natal” para atrair turistas ao seu estado. Para multiplicar os atrativos da sua cidade, encarregou uma empresa privada, a Destaques Promoções, de organizar o “primeiro carnaval fora de época entre as capitais brasileiras”, o Carnatal (cf. www.truenetrn.com.br/carnatal [21 janeiro 1997]). Essa estréia era, antes de tudo, a da primeira micareta organizada por uma empresa privada. No caso de Fortaleza, foi um jovem empresário chamado Ailton Júnior que, por ter passado vários carnavais em Salvador e ficar entusiasmado tanto pela folia baiana quanto pelas perspectivas de negócios que ela proporcionava, idealizou em fevereiro de 1992 uma festa que alguns meses mais tarde (em julho) ia se transformar no Fortal. [...]. Nessa primeira edição, que na época integrava um conjunto de eventos pré-carnavalescos, a festa ainda não tinha nome. (GAUDIN, 2000, p. 62).

A realização deste festejo sai de um contexto local, regional e ganha força nacional. Gaudin (2000 p. 62) relata que, “em julho e agosto de 1992, outros dois “embriões de micareta” surgiram em Aracajú-(SE) e Brasília-(DF) como fruto de iniciativas de jovens empresários locais”. Em Aracaju, o autor trás como exemplo que:

a festa se chamava Suas férias com amor e era animada por três blocos; no ano seguinte (1993) se repetiu com maior estruturação e ganhou outro nome: Pré-Caju. [...]. Em Brasília, a Micarecandanga já nasceu com seu nome definitivo, mas atravessou momentos críticos nos seus dois primeiros anos (HOLLANDA, 1996, p. 83 *apud* GAUDIN, 2000, p. 62).

É também o caso no estado do Ceará em 1991 denominada de *fortal*¹² já tinha sido criado por uma empresa de publicidade [...] suas datas estrategicamente transferida para o último final de semana de julho, época de fim de férias e de alta estação turística de inverno. (GAUDIN, 2000). O mesmo afirma que:

As datas das férias letivas e dos feriados nacionais passaram a partir daí a serem duramente disputadas pelas maiores micaretas, todas querendo firmar contratos, com as maiores bandas baianas, programando-as, em datas turisticamente interessantes. Em seguida veio o Recifolia, organizado pela prefeitura de Recife em outubro de 1993, que seria acompanhado aos poucos por quase todas as capitais do país... Todas essas festas se inspiravam no modelo carnavalesco baiano (o desfile de trio) e nos modelos organizacionais dessas micaretas pioneiras da região Nordeste: micaretas de prefeituras (como a Micarande ou o Recifolia) ou micaretas de empresas privadas, as chamadas “promotoras de evento” (como o Carnatal, o Fortal, o Pré-Caju ou a Micarecandanga). Ao ser “exportada” da Bahia, a micareta sofreu, portanto diversas. (GAUDIN, 2000, p. 63).

As primeiras Micaretas fora da Bahia “ocorrem entre 1990 até 1993,” conforme aponta, Gaudin (2000 p.63) em seu estudo entende que elas foram rápidas entre esse período e unânimes superando as expectativas dos organizadores, onde todos os blocos de trio vendiam seus *abadás* meses antes da festa, quaisquer que fossem seus preços [...] os turistas afluíam, o volume de negócios aumentava e o sucesso não era somente comercial, mas também de público, o qual teve muitos foliões não pagantes, os chamados “bloco da pipoca”, juntavam-se ao longo das avenidas dos desfiles para ver as “bandas baianas” passarem pela avenida.(GAUDIN, 2000). Ainda segundo o autor, era expressiva quanto dos participantes nestas micaretas, pois:

Em várias cidades, como Fortaleza, por exemplo, a micareta tornou-se o maior evento cultural do ano, sobrepujando o próprio carnaval, as festas juninas ou qualquer outra festa... Em 1993, as micaretas se multiplicam de maneira desenfreada: com o sucesso das micaretas nas capitais do Nordeste e a explosão do carnaval de Salvador, o modelo festivo baiano foi (e continua sendo) copiado por inúmeras cidades do Nordeste e do país inteiro. Essa última onda de propagação da festa está acontecendo em dois eixos principais. (GAUDIN, 2000 p. 63).

A expansão das micaretas ocorreu em várias direções no país, é o que conta, Gaudin (2000), “no primeiro eixo é em direção às cidades interioranas e, por outro, para as capitais e metrópoles do país que ainda não haviam sido atingidas pela folia “fora de época”.”(GAUDIN, 2000 p. 63). O autor ressalta ainda que no ano de 1994, já eram:

¹² Informação contida no site da micareta que já ocorre há 28 anos na cidade de Fortaleza/CE, disponível em: jaecarnaval.com/fortal-2019/: Acesso em: 11 nov. 2019. Segundo o site “O Fortal 2019 está confirmado, a maior Micareta do Brasil acontecerá do dia 25 ao dia 28 de Julho, em Fortaleza-CE. Em sua 28ª edição, o Fortal traz mega estrutura, transformando Fortaleza na capital do entretenimento.”

23 micaretas e, em 1995, seu número passou para 29[...] Depois dessa data, fica praticamente impossível registrar o número de novas “festas micaretescas” que nasceram no país. A título de exemplo, somente no estado do Piauí havia em 1997 nada menos do que seis micaretas. (nem todas, é claro, animadas pelas mais famosas bandas baiana. (GAUDIN, 2000 p. 63).

Neste contexto temporal Gaudin (2000) reflete que nos lugares onde não há tradição carnavalesca, nos casos de várias cidades do interior do país, como também nas metrópoles que cultivam o carnaval tradicional, exemplo do Rio de Janeiro ou São Paulo. Para autor, esses estados também passaram a organizar suas micaretas, mantém assim essa característica do modelo festivo baiano que passa ser realizado em várias cidades do país, indo ocorrer até no exterior, com no caso do *carnabeach*. Que primeira vez, em Miami, em 1997 organizado pelo bloco cearense *Siriguela* em parceria com a promotora de evento paraense “Bis Promoções”. (GAUDIN, 2000). Autor comenta ainda que:

De fato, a onda de propagação da micareta fora da Bahia apresenta a originalidade de não se irradiar somente a partir de Salvador, mas também varias cidades interioranas da Bahia. Os jornais e revistas designam as vezes, as micaretas dos outros estados de carnavais temporãos reservando a terminologia de micareta para as festas de trio do interior baiano. (GAUDIN, 2000 p. 63).

As micaretas originadas das terras baianas caminham inicialmente para padronização de elementos próprios da festividade baiana, mas também com muitas características em comum. Porém, Gaudin (2000) ainda em seu estudo sobre as micaretas baianas, aponta ainda “que este estilo festivo nos outros estados, é diferente de como ocorrem tanto em Feira de Santana como nas outras cidades baianas onde as micaretas são verdadeiros “carnavais fora de época”.(GAUDIN, 2000 p.63).

Com atrações e rituais que remetem as micaretas francesas, entre eles; a entrega das chaves da cidade a um rei Momo que reina durante os festejos, bailes nos clubes sociais da cidade, desfile de blocos, de cordões, de *afoxés* e de qualquer outro tipo de agremiação. De fato esta tradição vinda desde França na primeira década de 1910, realizada a cada ano tanto nas cidades do Estado da Bahia como também em outras cidades do país, apresenta características específicas nas micaretas baianas e pouco distintas das demais que ocorrem pelo Brasil a fora.(GAUDIN, 2000). Autor justifica que em relação:

Nas demais cidades e capitais que sediam micaretas fora da Bahia, os festejos se restringem, via regra, a um simples desfile de trios elétricos, repetido a cada dia da manifestação carnavalesca fora de época. Outra transformação de porte é o avanço da iniciativa privada na organização da festa.[...]há caso de cidades cuja prefeitura deixou (por uma razão qualquer) de montar sua micareta, surgiram empresas para idealizar a festa e cuidar da sua organização.”(GAUDIN, 2000 p.64).

Autor nesta perspectiva, o papel desenvolvido pelas empresas privadas, caracterizando uma nítida evolução do tipo de grupo social que organiza e produz eventos festivos.

Xavier (2010) faz um breve levantamento periódico referente às festas carnavalescas, caracterizando as entre as “festas micaretas” e micaretas, que ocorre em cada mês ao decorrer do ano pelo Brasil. A autora explica ainda, haver uma diferença existente entre os dois estilos festivos, em meio as expressões *out door*, em que são aquelas que são realizadas em espaços públicos enquanto *ind door*, as que são em locais privados.

No quadro 02, a seguir, a autora, constrói uma relação abaixo das festas ao estilo “micaretas” e as micaretas de acordo com o mês de realização e classificação das mesmas quanto ao tipo de circuito/espço utilizado no ano de 2009.

Quadro 02. – A relação das Micaretas pelo Brasil – espaços públicos e privados

Mês de realização	Nome das Micaretas	Tipo de circuito/ Indoor (fechado) e Out-door(aberto)*	Cidade de realização
JANEIRO	Pré – Caju	Out – door	Aracaju/SE
	Cabo Folia	In – door	Cabo Frio/RJ
	Guarafest	In – door	Guarapari/ES
FEVEREIRO	Carnaporto	In – door	Porto Seguro/BA
MARÇO	Axé Brasil	In – door	Belo Horizonte/MG
	Micaretas de Leiga	In – door	Pelotas/RS
	Caldas Fest Folia	In – door	Caldas Novas/GO
	Baile da Ressaca	In – door	Colatina/ ES
ABRIL	Cuiafolia	In-door	Cuiabá-MT
	Folia das faculdades	In-door	São Paulo/SP
	Micaretas de Feira	Out-door	Feira Santana/BA
	Jacofolia	Out-door	Jacobina/BA
	Ilhéus Praia e Folia	In-door	Ilhéus/BA
	Del Rei Folia	In-door	São João Del-Rei/MG
	Micarande	In door	Campina Grande/PB
	Carnabeirão	In-door	Ribeirão Preto/SP
	Pastosfolia	In-door	Patos de Minas/MG
	Sanatório Geral	In-door	Ubá/MG
	GV Folia		Governador Valadares/MG
	Rio Preto Fest Folia	In-door	São José do Rio Preto/SP
MAIO	Guia Folia	In-door	São João Del-Rei/MG
	Carnafacul	In-door	São Paulo/SP
	Axé GO Music	In-door	Goiânia/GO
	Carnamontes	In-door	Montes Claros/MG
JUNHO	Colatina	In-door	Colatina-ES
JULHO	Fortal	In-door	Fortaleza/CE
	Foliaço	In-door	Ipatinga/MG
	Palmas Indoor	In-door	Palmas/TO

	Brasília Indoor	In-door	Brasília/DF
	Micarina	In-door	Teresina/PI
	Levada Elétrica	In-door	Imperatriz/MA
	Miracaxi	Out-door	Miracema-TO.
AGOSTO	Uai Folia	In-door	Belo Horizonte/MG
	Carna PA	In-door	Pouso Alegre/RS
	Francareta	In-door	Franca/SP
	Micarecuia	In-door	Cuiabá/MT
	Niterói Folia	In-door	Niterói/RJ
SETEMBRO	Micarê Goiânia	In-door	Goiânia/GO
	Axé Montes	In-door	Montes Claros/MG
	Anapolis Fest Folia	In-door	Anápolis/GO
	Axé Folia	In-door	Gov. Valadares/MG
OUTUBRO	VR Folia	In-door	Volta Redonda/RJ
	Carna7	In-door	Sete Lagoas/MG
	Marafolia	Out door	São Luiz/MA
	Carnariopreto	In-door	São José do Rio Preto/SP
	Axé Uberaba	In-door	Uberaba/MG
	TeóFolia	In-door	Teófilo Otoni/MG
	Lavras Folia	In-door	Lavras/MG
	Baile do Hawai	In-door	Colatina/ES
	Carnalfenas	In-door	Alfenas/MG
NOVEMBRO	Carnovotu	In-door	Votuporanga/SP
	Folianópolis	In-door	Florianópolis/SC
	Garanheta	In-door	Garanhuns/RS
	Sauipefest	In-door	Costa do Sauípe/BA
	Rio Axé	In-door	Rio de Janeiro/RJ
	Parafolia	In-door	Belém/PA
	Sulfolia	In-door	Rio Grande do Sul/RS
	Rbeirão Folia	In-door	Ribeirão Preto/SP
DEZEMBRO	MaceioFest	In-door	Maceió/AL
	Carnatal	Out-door	Natal/RN
	Revellion Fest Folia	In-door	Caldas Novas/GO
Total de Micaretas			63

Fonte: Xavier(2010).¹³

Essas definições são resultado do processo que a autora denominar de “*turistificação*” do carnaval, segundo ela isso ocorre:

pelo fato da própria dinâmica da cultura, ocorre uma modificação quanto ao caráter “popular” que passar a dizer respeito não só ao carnaval de rua, mas também a um evento turístico em local privado e mercantilizado. Assim tem-se consagrada a união

¹³ Em relação ao uso da terminologia “*in door*” e “*out door*” relaciona formas espaciais abstratas, como espaço fechado/espaço aberto; espaço concreto, espaço abstrato, essa forma, foi discutida e classificada enquanto locais abertos e fechados em relação á festa das micaretas. (XAVIER, 2010).

entre o turismo e o carnaval surgindo uma prole de carnaval negócio, que cresce numa escala para além dos limites da cidade e da própria festa e ainda faz com que esta se apresente de uma forma peculiar, pois vai agregando elementos peculiares relacionados com a identidade de cada região. (XAVIER, 2010 p. 21).

Autora, explica também este modelo festivo derrubou fronteiras, indo assim:

Se aventurar em outras cidades e estados, esclarecem também, a micareta, como hoje se identifica a maioria dos considerados “carnavais fora e época”, é derivada da *micarême* francesa, originalmente celebrada na terceira quinta feira da quaresma, conhecida também com quinta da serração velha. A nossa micareta, contudo, cresceu e ultrapassou a comemoração que marca o fim da quaresma em forma de carnaval e, selando laços de união com o trio elétrico, deu origem ao modelo de carnaval baiano exportado para todo o país. (XAVIER, 2010 p. 21).

Na questão referente ao espaço de realização das micaretas e das “festas micaretas,” Xavier relata que:

“tais formas espaciais vão além das delimitações. Isto é, cair no “fetichismo espacial”, porque é necessário considerar as relações pelas quais a abertura ou o fechamento são construídos como estratégias móveis das relações (também móveis) de poder”. (XAVIER, 2010 p. 87).

A autora salienta ainda que “é preciso considerar o contexto e o conteúdo mais que formas abstratas estabelecidas. Apesar de retratar as festividades com os termos *in door* e *out door*, entende-se que por trás destas terminologias há a análise mais profunda da forma de construir, apropriar e utilizar os espaços.”(XAVIER, 2010 p. 87). Em relação à produção espacial na parte internas destas festividades, há também a sua produção territorial, é o que reforça autora:

As micaretas produzem seus territórios nos espaços urbanos, e principalmente nos espaços privados, os quais podem utiliza-se delimitação dos locais em torno das calçadas delimitando assim cada bloco e estabelecem uma hierarquia, ou os camarotes criados para os de maior poder aquisitivo. No lugar da festa, atuam também diversos atores, além dos participantes ou dos trios, as produtoras artísticas que gerenciam toda a programação e venda dos *abadás*, os quais não podem ser negligenciados numa análise relacional do espaço. (XAVIER, 2010 p. 61).

Os atores responsáveis por esta produção e demarcação dentro do espaço festivo são dos grupos sociais. Sendo então, componente fundamental das micaretas que ocorrerá. Tanto nos espaços público no caso especial da rua e suas margens, serve de artifício para a construção dos espaços privados durante as micaretas, tendo então a formação dos blocos carnavalescos.

Neste contexto, Xavier (2010 p.71) conta que “são grupos formados com suas cores e fantasias próprias e dentro do espaço da festa diferenciam entre si. Instala-se assim territorialidades nítidas, se compararmos com o uso cotidiano das vias”. Ou seja, “no tempo

da festa o espaço ganha outro significado, envolvendo o imaginário social, fazendo das ruas tanto um local como um lugar da festa. Xavier (2010 p.71).

Em relação à organização interna nos circuitos carnavalescos, Xavier (2010 p. 176) conta que “a modificação na folia carnavalesca foi tomando dimensões maiores, sendo que, na década de 60, já eram inúmeros os trios que nos desfiles passaram a ter roteiros pré-definidos.” Começou com isso, de acordo com autora:

Começou com isso, a restringir especialmente seus membros, fosse por meio da segregação simbolizada por uma corda, fosse ainda pelas fantasias. Sobre os *abadás*, que tem como origem, *Yorubana*, era antes grandes camisetas e, segundo histórias populares tem a essência da manifestação, pois essa vestimenta – a mortalha expressava uma forma de contradizer com as roupas a grande alegria com que se desfilava. Os primeiros eram um tipo de bata, ou camisolão branco, semelhante aos usados pelos muçulmanos que aqui aportavam como escravos, os negros malês, e a indumentária dos capoeiristas. (XAVIER, 2010, p.176).

Xavier conta também, que:

além do próprio espaço dos blocos e dos *abadás*, presentes na micareta, por exemplo, do carnaval de Salvador e da micareta de Feira, surge novos blocos de trio elétrico, os mesmos cresceram, surgindo entre outros; *Os internacionais*, *Os corujas*, *Camaleão*, *Cheiro de amor*, *Eva*, *Pinel*, *Tiete Vips* e *Crocodilo*. Uniram-se a estes a categoria de blocos conhecidos como alternativos, que tinham os preços de seus *abadás* mais acessíveis e que voltaram para o público jovem, envolvendo vários famosos da Bahia, a exemplo do Timbalada e o Nana Banana. (XAVIER, 2010, p. 183).

Na tentativa de esclarecer sobre origem da palavra *abada*, Diniz (2008) “vestido largo para homens” ou uma “espécie de camisolão folgado”, na Bahia passou a designar também o uniforme oficial – e caro – dos componentes dos blocos de trios.”(DINIZ, 2008 p. 177). Segundo autor:

os trios viraram “propriedade” dos brancos e mestiços da elite baiana, daqueles que podem comprar o *abadá* traje que permite ao folião pular dentro das cordas de um bloco. com esse novo “*aparteid*” no carnaval, restou ao povo, maçicamente negro, pular na “pipoca”(área exterior à demarcada pelas cordas dos blocos) e, não raro, se sujeitar ao histórico cassetete da polícia. São numerosos os casos de preconceito e racismo com pobres e negros que tentaram entrar em blocos de “brancos (como o Eva, a Barca e o Pinel entre outros) e forma impedidos em virtude de sua origem social. (DINIZ, 2008, p.177).

Diniz (2008) discute ainda que

“a aparência dentro dos blocos eram algo que divergiu na questão estética branca padrão, mesmo que em determinados casos tivessem condições financeiras para comprar o *abadá*. Muitos desses episódios foram documentados e divulgados nacionalmente pela emissora de televisão TV Globo,” (DINIZ, 2008, p.177).

Autor relata que isso “culminou em uma CPI na Câmara de Vereadores de Salvador, proposta pelo parlamentar Juca Ferreira, do PV (Partido Verde). Mas do samba reggae criariam uma nova e mais sólida ponte entre os segmentos sociais de Salvador”. (DINIZ, 2008 p.177).

Portanto, entender essa conjuntura que se estende desde sentido real do festejar da micareta e suas expressividades é importante para retratar essa festividade não somente enquanto uma tradição que se legitima a cada nova edição. Indo desde festas no estado da Bahia as demais que existente pelo país, mas sim refletir as suas espacialidades, ou seja onde ocorre a micareta na cidade e quem conduz essa festa. É nesta direção que a presente pesquisa caminha agora estudo desse estilo festivo realizado na cidade de Miracema do Tocantins.

3.3 A micareta em Miracema do Tocantins: Suas espacialidades e temporalidades

Antes de entender os aspectos relacionados à micareta em que ocorre em na cidade de Miracema do Tocantins, é importante aqui destacar um breve contexto sócio espacial deste município tocaninense.

Ricardo Ferreira Miranda, em sua na dissertação “Miracema do Tocantins: Uma cidade em (dês) construção”, 2015. O autor frisa “que a cidade de Miracema permaneceu nessa situação de baixo desempenho econômico até o ano de 1989 quando assumiu o posto de primeira capital do Estado”. (2015 p. 102).

Ainda segundo o autor, “foi momento no qual do dia para a noite Miracema deixou de ser uma cidade ribeirinha pacata e se tornou a capital do mais novo Estado do Brasil, o Tocantins e se integrou com o resto do mundo.”(MIRANDA, 2015 p. 102). O autor discute também o processo de reprodução do espaço urbano em Miracema do Tocantins, ele salienta que:

ocorreu a partir da ação de diferentes e múltiplos agentes com interesses e ações comuns e diferentes. Como o Estado que age implantando infraestrutura orientada objetivando a reprodução do espaço e assim a apropriação e produção de capital, privilegiando grupos detentores de capital, como imobiliárias, fazendeiros e bancos. Porém na cidade de Miracema do Tocantins o processo de produção e reprodução do espaço urbano não se dá apenas através da produção do capital. Pois até os anos 2000 antes da construção da Usina Hidrelétrica de Luís Eduardo Magalhães, no Município de Miracema a 25 km da cidade eram comuns enchentes no período de cheias do Rio Tocantins. A última grande enchente na cidade de Miracema foi em 1980 ano em que a parte baixa da cidade mais próxima ao Rio Tocantins ficou alagada. Durante as frequentes enchentes que ocorriam no rio e alagava a cidade a população que tinham suas casas tomadas pelas águas do rio Tocantins construíam

casas de adobo, com palhas e barro, para pernovernar enquanto esperavam as águas do rio baixarem. Dessa forma o rio Tocantins foi um agente natural do processo de produção e reprodução da cidade de Miracema do Tocantins, pois as casas que eram construídas no período de cheia do rio deram origem a alguns bairros na cidade. (MIRANDA, 2015 p.102-103).

O autor defende que a cidade de Miracema do Tocantins, passa:

Por uma construção e desconstrução constante é o que ocorre com os moradores da cidade. Pois esses sempre estão com a esperança de que a cidade de Miracema do Tocantins se desenvolva socialmente e economicamente. Essa esperança de existir uma melhor condição de vida na cidade de Miracema sempre é renovada em seus moradores com a implantação de políticas públicas que objetivam o desenvolvimento do capital e não uma melhora nas condições de vida da sociedade *miracemense*. (MIRANDA, 2015 p. 103).

É neste contexto sócio espacial, o município em 1997 quando surge a ideia de promover a primeira festa do abacaxi, chamado de *Miracaxi* em entrevista com o senhor Júnior Borba ex-funcionário da instituição pública e atuante no primeiro *Miracaxi*, Borba (2019).¹⁴ contou que o festejo inicia para exaltar produção da colheita do abacaxi em 1997, ela foi realizada no último dia da semana, promovida ao abacaxi no município pela prefeitura para simbolizar os bons números da fruta naquele ano. A então Secretaria da juventude, esporte, lazer e cultura do município organizaram a semana especial voltada ao abacaxi. Onde se reuniu na prefeitura os produtores rurais de Miracema do Tocantins junto com Empresa Brasileira de Agropecuária – EMBRAPA firmaram parcerias. Resultou assim, naquele ano a exposição, do abacaxi e seus derivados, tais como; o sucos naturais e bebidas misturadas com a fruta, foi também escolhida a rainha do abacaxi. A organização oferecia cursos para o manejo da fruta e um dia, da semana, fechando a programação, o secretário, do turismo, da época, cria a festa temática Mira – nome inicial da cidade e "caxi" – sufixo de abacaxi. E assim, surge a festa custeada com verbas e auxílio vindo do estado para o município.(BORBA, 2019).

O censo agropecuário mostra os dados sobre a produção do abacaxi em Miracema/TO, segundo o IBGE (2017) a colheita do fruto nas últimas décadas no município de Miracema do Tocantins apresentou os seguintes dados; em 1985 foram colhidos aproximadamente 183 mil frutos, em 1995 esse número de 6265 mil unidades, e já em 2006 a produção foi de 33023 mil

¹⁴ Entrevista ex-vereador e ex-secretário do turismo do município de Miracema/TO de 1996 em 25 de março de 2019.

frutas. Em 2017, foi de 6.358 frutos¹⁵. Sobre área plantada do abacaxi tanto no Estado como também em Miracema/TO. O IBGE (2017) destaca os números no quadro 03.

Quadro03: A Produção da área colhida em (hectares) de abacaxi em Miracema/TO

Período	1995	2006	2017
Estado Tocantins	809.633	928.000	845.000
Miracema do Tocantins	309.637	105.000	70.000

Fonte: Dados cedidos pelo Censo Agropecuário (2017)
Editado: por Reis (2020).

Em entrevista com o senhor Frederico Sodré dos Santos, considerado pela instituição organizadora o primeiro idealizador do festejo. Conta que:

que inicialmente pensou em promover alguma coisa que exaltasse esse produto na cidade. Olha, a gente percebia que o produto só passava pela cidade, e não permanência então resolveu criar a semana com programações especiais voltadas a exposição da fruta. Logo, criamos esse projeto, onde elegeu a eleição da rainha da festa, palestra com a parceria a EMPRAPA. (SANTOS, 2019)¹⁶

Em entrevista com outro membro da organização do festejo do ano de 1997, o senhor Paulo Sardinha Moraes nos contou que:

Atualmente sou funcionário da prefeitura, fui ex- organizador e ex-vereador, o *Miracaxi* é criado a partir de uma semana voltada a exposição do abacaxi em Miracema do Tocantins. Naquele momento na história do município havia uma grande produção da fruta, elevando assim grande exportação para outros estados. Contamos, com o apoio dos produtores, buscando assim ganhar destaque no mercado, nos anos de 1998 até 2000 a COPEMIR, nos anos iniciais atendeu boa parte dos cooperadores, mais ela foi ganhando outros caminhos, passando por uma elitização E foi nesta expectativa, que criamos no período de julho esse momento no ano e 1996. Nos últimos dias da semana do mês, é destinado ao festejo e as comemorações pela safra. E então o Fred, ex-secretário do turismo e ex-vereador, cria e batiza o nome desta festividade de “*Miracaxi*”.(MORAES, 2019).¹⁷

Esta narrativa converge com a fala senhor Frederico Sodré dos Santos, pois segundo ele também:

A idéia do festejo surge na semana da exposição do abacaxi. Fizemos um projeto, e logo recorremos ao prefeito da época, mas o mesmo alegava- se o município estava sem recurso. Então procuramos o vice-governador do estado na época. E firmamos uma parceria, naquele ano de 1997. Mas de início, improvisamos um trio elétrico,

14.Informações coletadas do censo agropecuário referente ao ano de 1995 até 2017 pelo banco de dado do IBGE.(2020). Disponibilizados vias tabelas do excel e word adquiridas por email recebido pelo IBGE(2020) em 15 fev.2020.

16Entrevista com idealizador da micareta em Miracema do Tocantins em 25/04/2019.

17 Entrevista com ex-secretário do município de Miracema - TO. Da semana do abacaxi em Miracema/TO entre 1998-2000.

pegamos um caminhão da prefeitura, e soldamos uma caixa de som em cima dele, contamos com o apoio de um amigo de Tocantinia/TO e outro de Miranorte/TO, e conseguimos, naquele ano, trazer uma banda da Bahia. (SANTOS, 2019).

Na figura 11, cedida pelo primeiro idealizador da festa, mostra o momento de um dos dias do primeiro ano da micareta em Miracema do Tocantins. Neste instante a banda se apresentava sobre o trio elétrico improvisado pela organização do festejo.

Figura 11: O primeiro Trio elétrico presente na micareta de Miracema/TO em 1997



Fonte: Santos (1997).

O idealizador retrata ainda, que foram muitas dificuldades para a realização do primeiro festejo. Segundo ele, os motivos foram diversos, dentre eles:

A falta de recursos, mas que com muita persistência improvisamos o trio elétrico e contratamos uma banda. O trio elétrico da foto foi batizado com o nome de *escândalo*, ele foi construído de maneira improvisada, onde procurei um amigo que trabalha com solda e então conseguir soldar as caixas de som em cima do caminhão e fazer a primeira festa. (SANTOS, 2019).

Ele ressalta que:

No terceiro ano em diante foram contratados dois trios elétricos e que durante 04 anos tocaram na festa contando com a primeira em julho de 1998, , firmamos também a parceria os produtores de abacaxi, nos dias de festas eles passaram a distribuir abacaxi durante a festa. Essa parceria ocorreu em 4 anos inicial que estive na frente da organização do festejo. (SANTOS, 2019).

Ele comenta que diante das parcerias a cada ano durante esse tempo que esteve à frente da secretaria do turismo, foi o responsável pela organização e contratação dos equipamentos para a festa e das bandas, com o apoio do gestor municipal daquele momento. No quadro 04 é possível observar o nome de algumas atrações musicais que passaram ao decorrer dos 22 anos da micareta. As referentes datas precisas do festejo, além também de algumas ocorrências diversas relacionadas ao festejo.

Quadro 03: As datas da realização da micareta em Miracema do Tocantins

Ano da festa	Dias do mês	Principais atrações	Diversos
1997 e 1998	Não encontrado	Banda Expressão Baiana e banda Novo Milênio	-
1999	16,17 e 18.julho.1999	Banda Expressão Baiana e banda Novo Milênio	-
2000	Não encontrado	Banda Expressão Baiana e banda Novo Milênio	-
2001	Não encontrado	-	-
2002	Não encontrado	-	-
2003	11, 12 e 13.julho.2003	Banda Batukerêi e Chica fé	-
2004	Não encontrado	-	-
2009	17, 18 e 19.julho.2009	Netinho, bandas locais ¹⁸	-
2010	Não encontrado	-	-
2014	18,19,20.julho.2014	Jamil, Quarto de empregada e Saia Rodada Elétrico e Balangadaya e Luxúria	Acidente na arquibancada* ¹⁹
2015	17,18,19.julho.2015	Ramon Brasil, Chicabana, Harmonia do Samba e Gabriel Diniz.	-
2016	15,16,17.julho.2016	Bel Marques, Cheiro de Amor, e a Garota furacão, da Bahia.	-
2017	14,15,16.julho.2017	Cláudia Leite, Babado Novo, Tom de Alerta, Psirico	-
2018	20,21,22.julho.2018	Rafael e Pipo Marques, Parangolé e Márcia Felipe e Solange.	--
2019	20,21, 22.julho.2019	Tomate, ex- vocalista do Asa de Água e Rubynho.	Um homicídio no circuito do festejo

Fonte: Dados coletados na pesquisa, Reis (2019)

Na pesquisa de campo em que ocorreu a busca das matérias jornalistas no mês em que ocorre o festejo, foi possível encontrar fatos e momentos referentes á micareta de Miracema do Tocantins.

É possível observar na matéria jornalística do ano de 1999, conforme na figura 12 a exaltação da primeira edição do festejo, trás como manchete o expressivo público presente e aponta também que ele ocorre na Praça Derocy Moraes, local as margens da avenida Tocantins segundo o Jornal do Tocantins. Porém, a entrevista com o idealizador do festejo, Frederico Sodré dos Santos. Ele nos conta que o circuito atual no qual o trio elétrico

¹⁸ http://www.carnaxe.com.br/history/2009/jul/jul_57.htm. Acesso em: 12 nov.2019.

percorreu, é o mesmo que ocorre durante todas as edições da micareta, na Avenida Tocantins em torno do Ponto de Apoio. Local onde ocorre desde 1999 o ponto de concentração dos foliões que agitam a micareta desde sua primeira edição.

Figura 12: Notícias no Jornal do Tocantins sobre o *Miracaxi* em Miracema do Tocantins de 1999.



Fonte: Jornal do Tocantins (1999)

A matéria jornalística produzida no dia 16 de Julho de 1999, trás um pouco do que ocorreu na micareta de Miracema do Tocantins, pois inicia seu texto interrogando:

Abacaxi? Muito pouco, mas animação bastante. A abertura do *Miracaxi – III* Micareta, em Miracema, na noite de sexta, levou mais de duas pessoas para Avenida Tocantins, conforma as estimativas da Prefeitura de Municipal de Miracema/TO. Inicialmente cantam as bandas Raio de Luz e em seguida pelo *Trio elétrico Parajós*, *expressão baiana* no comando da festa que termina hoje. (JORNAL DO TOCANTINS, 16 de JULHO de 1999, p. 04).

E também no mesmo arquivo relatado um dos momentos, onde afirma que:

Por volta das 22 horas, a expressão baiana e Raio de Luz começou a tocar na praça e aos poucos. Perto da meia noite, quando o Trio elétrico surgiu na avenida, aglomerações das pessoas, dançando nas ruas aumentaram quando cinco blocos tradicionais entraram na avenida. *O 100 alternativa*, com 70 componentes, e o Mara 7, são os veteranos na festa, por terem participado de todas, "cada ano está melhor a gente vai animando de dia e de noite", disse Marcos Jessé Nauber, do Mara 7. Um dos blocos mais numerosos é o Amigos do Rei, com cerca de 200 pessoas, vindas de Gurupi e Araguaína para se juntarem aos foliões de Miracema na brincadeira. Também muito animado, o bloco Nanacaxi, formado por cerca de 60 componentes, acompanhou o trio do início ao fim pelo segundo ano consecutivo, o BBG – Bonitas, Boa e Gostosas, com 20 integrantes, a festa foi madrugada adentro. No final da

avenida, pequenas tendas comercializavam sucos, batidas de abacaxi com vodka, pinga e champagne, cremes e cestas com frutas. Mas considerado pouco a comparar com a grandeza do evento que tem apoio do governo do estado em parceria com a Prefeitura Municipal de Miracema. De acordo com o coordenador do projeto, Frederico Sadré dos Santos, o balanço inicial da festa é positivo, pois já tornou obrigatória no calendário de eventos da cidade tendo atraído centenas de pessoas de cidades vizinhas principalmente Araguaína e Gurupi do Tocantins.(JORNAL DO TOCANTINS, 16 de JULHO de 1999, p.04).

No ano de 2000 a micareta teve quatro noites de festejo, de 13 a 16 de julho é o que aponta o jornal do Tocantins, edição de 15 de julho de 2000. A reportagem comenta que:

O carnaval temporão da “capital do abacaxi” como é conhecido Miracema do Tocantins (80 km de Palmas) terá três atrações vindas da Bahia. São elas, a banda Expressão Baiana e *Novo Milenium*, do interior do estado e o trio elétrico Parajós, de Salvador. Ao todo serão quatro noite de ritmos baianos, em sua melhor expressividade. O evento, que já está na sua quara versão, tem início hoje e vai até o dia 16, domingo, realizado pela Prefeitura de Miracema, paralelamente a temporada da praia Mirassol. A programação de hoje de hoje começa as 20 horas. A primeira atração foi à banda, Novo Milenium, será ao palco principal montado na Praça do Ponto de Apoio. Depois desse show haverá a queima de fogos, abrindo oficialmente o evento. Logo após, será a vez do trio elétrico *Parajós*, junto com a banda expressão Baiana arrastar os foliões, percorrendo a avenida Tocantins e a Praça Derocy Moraes e também fica concentrado na Praça do Ponto de Apoio. A festa deverá prosseguir até por volta de 4h:30 da madrugada, já que á 08 horas da amanhã prosseguir da sexta será continuidade a programação da praia Mirassol. Durante as quatro noites de Carnaval, será esta programação. (JORNAL DO TOCANTINS, 15 de JULHO de 1999, p.5).

Sobre organização e estrutura da micareta, nesta edição, o jornal apontou que:

Organização afirmou que contou que para atender a demanda dos participantes que foram em torno de 40 mil pessoas somando –se os quatro dias de folia. Para garantir o conforto e imprevistos, a segurança do Carnaval será feita pela Polícia Militar e o Tiro de Guerra do Exército. Terá ainda quatro barracas de saúde e duas ambulâncias que estarão acompanhando o trio elétrico durante todo percurso. No *Miracaxi* segundo o organizador, foram de 40 mil. Em conformidade com a fama capital do abacaxi, Miracema toda enfeitada com adereções da fruta ao longo da avenida. “Tudo conforme a cultura do abacaxi” observa o organizador. Além dos palmenses e moradores de cidades vizinhas a Miracema/TO, participam do *Miracaxi* muitos visitantes vindos de Goiânia e Brasília. (JORNAL DO TOCANTINS, 15 de JULHO de 1999, p. 5).

As informações encontradas nestes acervos relatam que o trio elétrico passava onde ocorre a micareta, em 2000. Na figura 13 é possível observar a interação no momento da folia, dos moradores com os organizadores e vendedores e turistas dentro do circuito do festejo.

Figura 13. Primeira noite do *Miracaxi* em 2000 no Ponto de Apoio em Miracema/TO.



Fonte: Acervos do Jornal do Tocantins (1999)

Este olhar sobre a temporalidade do objeto estudado é possível verificar nos acervos do Jornal do Tocantins, que em 2001 e 2002 não trazem informações sobre o referente festejo. Mas, já em 2003, o periódico voltou a abordar matérias referentes à micareta *miracemense*, como consta no seguinte relato:

Sétima edição da folia, carnaval fora de época de Miracema, o *Miracaxi*, traz hoje 11 de julho de 2003 as bandas baianas *Batukê* e *Chica fê*, a partir das 22 horas, no Ponto de Apoio, da Avenida Beira Rio, animando milhares de foliões dos cinco blocos oficiais e o público da pipoca. As bandas serão conduzidas pelo trio também baiano Jóia. Amanha a festa continua, contando também com a animação das bandas locais *Água de Cheiro* e *Dino Ry* e *Doce Beijo*, a partir das 20 horas. Mais tarde, a partir 1h:30, a banda Chica Fé retorna á avenida para mais uma noite de agito baiano. A programação termina no domingo, mais cedo na avenida, a partir das 18 horas, com *Água de Cheiro*, seguida de *Dino Rey* e *Doce Beijo*, que mais tarde darão espaço para a *Chica Fé*, que encerra o 7º *Miracaxi*.[...] o ponto alto da folia começa hoje, mas ontem as atrações locais, *Água de Cheiro* e *Dino Rey* e *Doce Beijo*, já se apresentaram, aquecendo os foliões para as noites de festa na avenida. (JORNAL DO TOCANTINS, 2003, p.11).

A matéria exalta ainda que nesta edição do festejo:

De acordo com o assessor da secretara da Juventude, Cultura, Esporte e Turismo, da época foram investidos na festa cerca de 70 mil para receber uma média geral de 30 mil pessoas. A prefeitura, organizadora do *Miracaxi*, promoveu também ajuda de custo aos cinco blocos do evento, para que ninguém ficasse de fora da programação. São eles o *Mara7 bloco que não Anda*, *100 alternativa*, *Nativus* e *Nanacaxi*.(JORNAL do TOCANTINS, 2003, p.11)

Na figura 14 representa um dos momentos da festividade no ano de 2007, nela evidencia-se um dos instantes do festejo como circuito tomado pelos foliões. Momento de interação entre participantes (moradores, vendedores, turistas e organizadores.)

Figura14: Foliões no *Miracaxi* de 2007



Fonte: Carlos (2007).

Ressalta-se que a hora mais esperada pelos foliões da micareta é a passagem do trio elétrico com as bandas em cima animando os blocos tanto aqueles nos seus espaços privados como o conhecido da “pipoca”. Na figura 15, ainda no ano 2007, é notável os participantes nas proximidades e acompanhando o trio elétrico. Tornando esse momento do festejo algo tradicional e repetido em todas as edições.

Figura 15. Apresentação das bandas musicais no trio elétrico na avenida -2007



Fonte: Carlos (2007)

Durante a realização da festa há parcerias da entidade pública financiadora com órgãos de segurança e saúde, essa parceria sempre tem ocorrido. Em entrevista com o idealizador inicial do festejo do ano de 1997, Senhor Frederico Sodré dos Santos, destaca “o apoio tanto das autoridades policiais do estado, como também a presença, de segurança contratados pela própria entidade realizadora do evento. Segundo ele, há uma instalação provisória de um posto móvel da Polícia Militar para o monitorando desta festa e também uma base móvel de saúde para atender os casos de primeiros socorros com os profissionais da saúde de plantão no decorrer dos dias da micareta de Miracema do Tocantins.”²⁰

Na figura 16 (a,b,c e d) são apresentados os cartazes elaborados pela instituição organizadora para a divulgação da micareta na's edições 2014, 2016, 2017 e 2019. Onde é destacado as atrações musicais que estiveram presentes durante estas edições. Um dos fatos que tem predominado é a participação de cantores do ritmo do *axé* baianos nos quais em sua maioria são nomes de destaque nacionais presente nas tradicionais micaretas baianas, seja em Salvador ou nas micaretas do interior do Estado da Bahia.

Figura 16: Cartazes de divulgação do *Miracaxi* entre os anos de 2014 até 2018

²⁰ Segundo o idealizador, a parceria tem acontecido anualmente com a Polícia Militar do Estado do Tocantins, e com a secretária Municipal de Miracema Tocantins em entrevista em 25 de março de 2019.

Figura16-A - Atrações da Micareta no ano de 2014



Fonte:(PREFEITURA MUNICIPAL DE MIRACEMA,TO 2014)

Figura 16-B- Atrações da Micareta no ano de 2016



Fonte; (PREFEITURA MUNICIPAL DE MIRACEMA,TO,2016).

Figura 16 -C Atrações da Micareta no ano de 2017



Fonte:(PREFEITURA MUNICIPAL DE MIRACEMA,TO, 2017)

Figura16 -D Atrações da Micareta no ano de 2018.



Fonte:(PREFEITURA MUNICIPAL DE MIRACEMA,TO, 2018)

Fonte: Dados coletados na pesquisa, Reis (2019). Disponível em: <https://www.facebook.com/miracaxi.micareta>. Acesso em: 05 nov.2019.

Na figura 17, trata da divulgação da micareta na sua edição de 2019 mostra o anúncio da presença dos cantores Durval Lelys no dia 19 de julho de 2019 (sexta-feira) na primeira noite, na segunda, Tomate e na terceira Robynho.

Figura 17: atrações da micareta em 2019.



Fonte: (PREFEITURA MUNICIPAL DE MIRACEMA,TO, 2018)

Em 2019, não muito diferente das edições passadas, na ilustração 18, é registrado na fotografia o instante que a banda musical presente no trio elétrico se apresenta aos foliões presentes no circuito do festejo. Considerado uma atração nacional presente em também nas micaretas baianas, o cantor Durval Lelys, canta na micareta *miracemense* durante o primeiro dia do festejo, micareta do ano de 2019. É possível observar a passagem do trio elétrico em frente ao Ponto turístico da cidade, presente dentro do circuito.

Figura 18: Apresentação de uma banda musical no trio elétrico no circuito de 2019



Fonte: Acervos cedidos pelos organizadores da Pref. Municipal de Miracema/TO.2019

A figura 19 apresentada a localização do circuito oficial, idealizado pela entidade promotora do *Miracaxi*. Neste espaço que apropria em partes da Avenida Tocantins na cidade de Miracema do Tocantins que ocorre a micareta em estudo.

Figura 19: Localização da micareta na cidade de Miracema do Tocantins.



Fonte: editado por, BITTERCONT,(2019)



Fonte: editado por, BITTERCONT, (2019)

Uns dos momentos marcantes registrado do festejo 2017, ocorreu no aniversário dos seus 20 anos, na primeira noite micareta. A instituição realizadora da micareta de Miracema do Tocantins homenageou o seu primeiro realizador e por meio do Prefeito da época Moisés

Costa, entregou placa simbólica do portal da cidade ao senhor Frederico Sodré dos Santos, sendo considerado o inventor desta micareta na cidade Miracema em 1997, conforme é visto na figura 20.

Figura 20: Homenagem feita pela instituição ao seu primeiro idealizador em 2018



Fonte: Santos (2019)

Na entrevista com o senhor Frederico Sodré dos Santos, no que tange a este momento ilustre e especial, ele contou se sentir feliz pelo reconhecimento. Ele ressalta ainda, com homenagem, pois chegou a participar dela várias vezes da micareta e que hoje a população pede anualmente que aconteça o festejo em Miracema do Tocantins.(SANTOS, 2019).

Hall (2006) discute que as tradições por mais que parecem ou alegam ser antigas, são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes desde primórdios da vida humana [...]. De acordo com autor, elas também inventadas e reinventadas, as quais são agregadas um conjunto de práticas criadas e recriadas mediante os certos valores e normas de comportamentos imbuídos pelos seus inventores, isso ocorre através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com passado, histórico adequado. (HALL, 2006).

Hall (2006) conta que refletir sobre as sociedades tradicionais é pensar o passado venerado e os símbolos são valorizados por quem contêm e perpetuam a experiências de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. (HALL, 2006).

Ainda na entrevista com o idealizador do *Miracaxi*, ele fala a respeito da localidade do festejo em Miracema/TO, de acordo com ele, “a micareta desde 1997 até 2019 ocorre no mesmo lugar, na avenida Tocantins, a principal via na cidade de Miracema/TO.” (SANTOS, 2019).²¹

Sobre o circuito da micareta em estudo, em entrevista com Secretário da Juventude, esporte, lazer e cultura, da prefeitura de Miracema do Tocantins no de 2019, Leandro Oliveira relata que:

Ocorre anualmente a elaboração da planta do local da micareta, é cargo do Departamento de desenvolvimento Urbano da prefeitura Miracema/TO a finalidade é para a distribuição de todo equipamento necessário para a realização do festejo; tem como exemplo, demarcação do circuito, a organização dentro do perímetro da festa, a limitação do circuito que irá organizar a praça de alimentação e então poder calcular e pensar o tamanho de cada tenda a ser montada dentro do local. É base espacial para toda comissão organizadora da micareta. Para poder organizar e distribuir espacialmente os elementos inseridos na festa, indo desde parte elétrica, aos blocos e camarotes, e todos ali presente, buscando sempre que haja sempre muita segurança para todos os participante dentro do festejo.(OLIVEIRA, 2019).²²

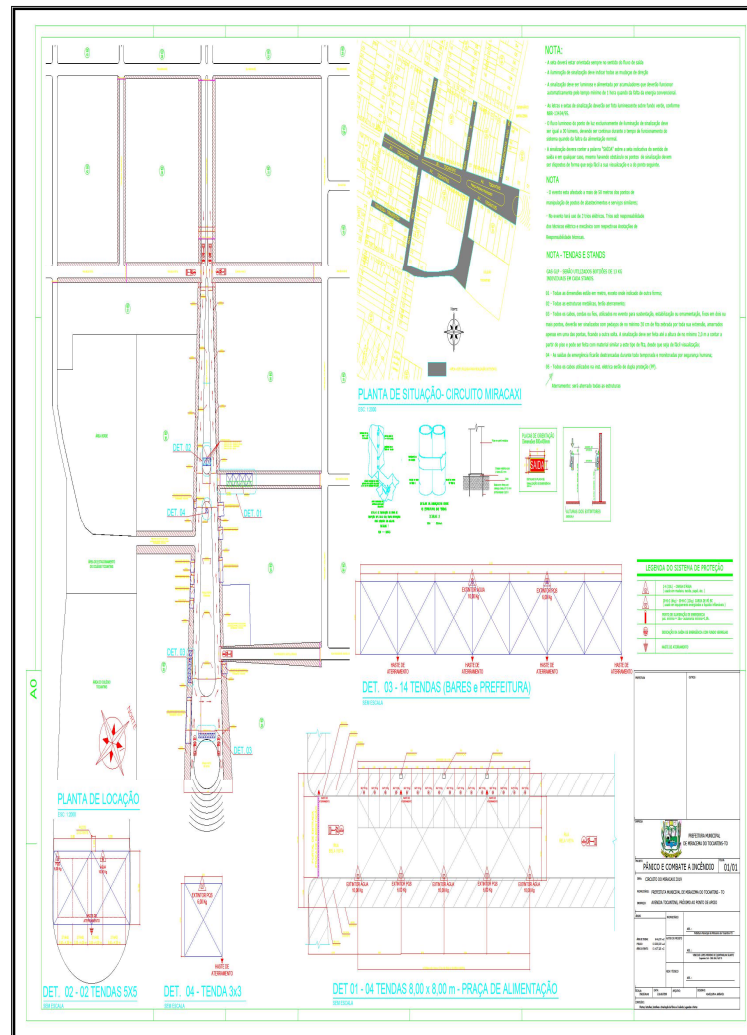
O senhor Frederico Sodré dos Santos, conta que contribuiu na organização do *Miracaxi* durante quase 12 edições. Para ele o planejamento do espaço é de fundamental importância, pois assim, a comissão organizadora terá o controle deste espaço em sua totalidade. São ações pensadas de forma coletiva dentro da instituição realizadora desde as primeiras edições.(SANTOS, 2019).

Na figura 21, é possível observar a projeção elaborada pela comissão organizadora do evento no ano de 2019 é calculado cada espaço dentro do circuito do festejo, indo desde o tamanho das tendas presentes na praça de alimentação, até ao local em que deverá passar o trio elétrico.

²¹ Entrevista com um idealizador do festejo em: 25 março, 2019.

²² Entrevista com então secretário da juventude, lazer, cultura do ano de 2019, entrevista em: 08.fev.2019

Figura 21: A demarcação do local do circuito passagem do trio elétrico em 2019.



Fonte: Moraes (2019)

O circuito é projetado e posto em prática pela instituição realizadora, a responsável pela organização da montagem da estrutura física que irá receber tanto os vendedores, turistas, moradores e também as demais instituições parceiras no festejo, sendo o caso da polícia e da equipe de saúde do município que também estão nos presentes para atender os foliões, caso necessite.

Nota-se, na imprensa local da cidade e nas redes sociais da instituição realizadora, ocorre à divulgação das atrações musicais, e também dos trios elétricos foliões. Essas ações, ocorreram em todas as edições anteriores da micareta em Miracema do Tocantins. Na figura 22 é o anúncio feito e colocado nas redes sociais da entidade.

Figura 22: Anúncio dos trios elétricos para micareta em 2017



Fonte: Acervos cedidos pelos organizadores da Pref. Municipal de Miracema – TO, 2017.

Na figura 23 é mostrado o percurso feito pelos trios elétricos durante os dias de festa. Neste local fica a concentração dos tradicionais blocos da cidade e também dos camarotes vindos de outros lugares.

Figura 23: O local do percurso do trio elétrico no circuito da micareta.



Fonte: editado por, BITTERCONT, (2019)

No que tange ao trio elétrico, é um componente tradicional como já visto neste estudo nas micaretas baianas, no festejo *miracemense* ele também está presente desde primeira edição. Em relação aos trios elétricos presente na festa, ainda na entrevista com o senhor Frederico Sodré dos Santos, ele destaca que:

Já passou no circuito os seguintes trios elétricos; Escândalo, em 1999, chamado “Parajós” em 2000 trio “Porradão”, em 2001 trio “Predador” em 2001. De 2010 até

momento atual a presença dos trios “Kjóia” e “Porradão. Tanto os trios elétricos que ficam durante os dias as estrutura físicas dos blocos e camarotes também permanece organizada durante o período do festejo. (SANTOS, 2019).”²³

Atualmente, os trios elétricos são pertencem a empresas residentes em Salvador na Bahia, e são contratados pela entidade realizadora da micareta de Miracema do Tocantins, eles deslocam-se da capital baiana todos os anos para cidade tocantinense, e durante os três dias de festas ficam estacionados dentro do circuito do festejo, conforme pode ser observado na figura 24.

Figura24: Os trios elétricos estão estacionados durante o dia no circuito na edição de 2019



Fonte: (TOCANTINS EVENTOS, 2019) disponível em:
<https://www.facebook.com/miracaxi.micareta>. Acesso em 05.Nov.2019

Em relação aos locais públicos em que ocorrem as festividades em espacial as festas carnavalescas “fora de época”, Xavier (2010) enfatiza que:

“as micaretas (re) configuram a delimitação do espaço, atribuindo valores sentimentais, transformando vias públicas em lugares, ou simplesmente dando outro significado ao local. A estrutura urbana da cidade incorpora e exprime valores, como na delimitação dos trajetos dos trios que refazem a ordenação do espaço.”(XAVIER 2010 p.71).

Para a compreensão em um contexto geral sobre olhar espacial onde é realizada as micaretas, é importante ressaltar de maneira breve o conceito de espaço, na dimensão nesta pesquisa estudado. Ele é visto como um meio a ser apropriado pelas ações e manifestações humanas. Nesta direção, Suertegaray (2000 p.31) reitera que:

“ele pode ser pensado aberto a outras conexões e acredita-se que poderia ajudar a pensar o caráter dinâmico do mundo e das ações humanas, pois o espaço geográfico pode ser lido através do conceito de paisagem e/ou território e/ou lugar, e/ou ambiente,”. Sem desconhecer, segundo autora “que cada uma dessas dimensões está

²³ Em entrevista com o idealizador em 25 de março de 2019, ele afirmou ainda que é feito um contrato com a empresa que fornece os trios, ela é de Salvador e todo ano eles se deslocam de lar até Miracema do Tocantins.

contida em todas as demais. A paisagem representa territórios que contêm lugares que contêm lugares que contêm ambientes valendo, para cada um todas as conexões possíveis” (SUERTEGARAY, 2000 p. 31).

O fato é, quando os espaços são apropriados e utilizados, exercem assim domínios, resultando em um território, passa ser visto como algo apropriado e regente a novas leis e regras. No que se refere ao espaço utilizado para promoção da micareta em Miracema do Tocantins, nota-se que existe toda uma preocupação pela utilização das vias tanto nas que ocorrem o festejo como também nas próximas a ela, que a entidade criou uma legislação para o uso dessa localidade durante os dias da micareta.

Neste sentido, foi em 2017, que a instituição pública organizadora, a prefeitura da cidade responsável pelo festejo, por meio do poder legislativo criou a Lei 501/2017 de 27 em junho de 2017. Em especial no artigo 3º poderá o chefe do Poder Executivo Municipal expedir regulamentações especiais sobre a realização do evento, respeitando as seguintes regras:

I- considerando o grande fluxo de veículos advindos de outros municípios e a ausência de espaços adequados para estacionamento em número suficiente para atender a toda a demanda de visitantes, durante o período de realização do MIRACAXI, ficam suspensas no âmbito do Município de Miracema do Tocantins, todas as regras de proibição de estacionamento nas vias públicas localizadas na área central do Município, dentro do raio de 02 km (dois quilômetros) do circuito em que se realize a festa, inclusive nas calçadas.

II – Considerando o grande fluxo de veículos advindos de outros municípios, e a capacidade do Município em promover uma melhor orientação quanto ao fluxo das vias, durante o período de realização do MIRACAXI, ficam suspensa no âmbito do Município de Miracema do Tocantins, todas as regras de proibição de direção (mão e contramão), nas vias públicas localizadas na área central do Município, dentro do raio de 02 km (dois quilômetros) do circuito em que se realize a festa, exceto quanto às Ruas 1ª de Janeiro e Rua 25 de Agosto, cujo sentido de direção ficam mantidos o regramento em vigor, ou seja, sentido único sul/norte.

III – Fica proibida a permanência de veículos dentro da área reservada ao circuito da festa do MIRACAXI, sendo permitida apenas pelo tempo necessário para carga e descarga, bem como quando se tratar de veículo de sonorização oficial de blocos ou camarotes, devidamente credenciados pela organização do MIRACAXI.

IV – A partir dos pontos de fechamento de trânsito, ainda que fora do circuito, fica proibida a permanência de veículos estacionados a partir das 16:00 horas, dos dias de festa, exceto se tratar de veículos devidamente credenciados pela organização do MIRACAXI. (LEI MUNICIPAL, Nº501/2017).

As via públicas tanto próximas como a que recebem este evento, tem sua circulação nos dias da micareta sob amparo desta lei municipal aplicada desde então, na cidade de Miracema do Tocantins. Ressalta-se que durante a observação nas pesquisas de campo no local da micareta notou demarcação na avenida com barra de proteção, tanto as ruas dão acesso como também à entrada quanto a saída no circuito como é visto na figura 25.

Figuras 25: Entrada do circuito em 2019



Fonte: Reis (2019)

Cabe destacar que, instituição pública mantenedora, rege ainda em meio a legislação voltada aos dias da micareta, uma série de medidas sobre as proximidades e a localidades do festejo na cidade. Sendo ela já instituída e provada pelos órgãos legisladores do município, no artigo 3º inciso, V, VI e VII há algumas restrições aos participantes da micareta que portarem objetos não permitidos, conforme consta no inciso:

V – Fica terminantemente proibida a entrada na área do circuito, de pessoas portando garrafas de bebidas ou quaisquer outros recipientes de vidro, mesmo que estejam acondicionadas dentro de caixas térmicas, de isopor, ou similares, sendo autorizadas apenas no caso de comerciantes, blocos ou camarotes, deste que entrega ao consumidor se dê através de recipientes de plásticos, ou latas de alumínio, sendo vedada a entrega de recipientes de vidro.

VI – Fica proibida a entrada na área do circuito, de pessoas portando armas de fogo, armas brancas, facões, canivetes, estiletes, instrumentos pontiagudos, ou similares, sendo permitido apenas aqueles que possuam porte legal de armas, devidamente comprovado, cabendo à segurando do evento a fiscalização e a proibição de acesso.

VII – as bandas oficiais terão seus horários de apresentação definida pela organização do evento em respectivos contratos. (LEI MUNICIPAL, Nº501/2017).

Portanto, esta lei é aplicada especialmente no período do festejo no município Miracema do Tocantins, só há também a regulamentação quanto ao tempo de funcionamento do som da praça de alimentação no circuito, dos comércios instalados e dos blocos durante a noite. Nesta Lei Municipal criada em 27 de julho de 2017, no artigo 3º aponta que:

VIII – A utilização de quaisquer instrumentos sonoros dentro do circuito do *MIRACAXI* somente será permitida até a 05:00h (cinco horas) da manhã de sábado e de domingo, e até 03:00h(três horas) da manhã de segunda –feira, cabendo à organização promover a notificação dos blocos, camarotes, bares ou terceiros que estejam dentro do circuito para que desliguem o som a partir desses horários, podendo contar, inclusive, com o apoio da Polícia Militar ou segurança particular contratada.

IX - A praça de alimentação que será instalada dentro do circuito do *MIRACAXI*, poderá funcionar em período integral, respeitadas as regras de veiculação de som descrita no inciso anterior.

X – Os blocos, camarotes e comércios instalados dentro do circuito do *MIRACAXI* poderão funcionar em período integral, respeitadas regras de veiculações de som descritas no inciso VIII. Os casos omissão deverão ser regulados pela Comissão Organizadora do evento, que será constituída pelo chefe do Poder Executivo Municipal especialmente para esse fim. (LEI MUNICIPAL, Nº501/2017).

Frisa-se que os respectivos incisos estão relacionados no que tange utilização dos espaços públicos, em especial as vias públicas na cidade, isto é, de maneira temporária no período do *Miracaxi*, nos revela que são diversos os usos e apropriações sobre os espaços públicos em diferentes temporalidades agrega-se a esses espaços. Neste sentido, Xavier (2010) salienta que o uso dos espaços públicos:

Existem conflitos, problemas da vida social e onde estão assinalados e significados. [...]. Há uma diferenciação entre espaço público e espaço urbano, sendo o primeiro definido pelo segundo por meio de seus usos e contra-usos que nele se estruturam. Assim dependente deste uso se pode ou não resultar na construção de um espaço público. Onde há uma relação de espaço público aberto, sendo o espaço público “algo que ultrapassa a rua; como uma dimensão socioespacial da vida urbana, caracterizada fundamentalmente pelas ações que atribuem sentidos a certos espaços da cidade e são por eles influenciadas”(LEITE, 2002 p.116; XAVIER, 2010 p. 74).

Entender o espaço em sua totalidade é o conceito fundamental da ciência geográfica, e quando a questão é associada ao seu uso tem-se, o território, uma vez que ele está relacionado tanto ao cotidiano como também aos modos de vida. As praticas sociais formam os territórios e uma vez criadas, as territorialidades expressam vínculos espaciais próprios. (SANTOS, 2010).

Nesta pesquisa observa-se que as relações espaciais construídas entre os blocos ao entorno do circuito da micareta em Miracema Tocantins, emergem em construções territoriais diferentes. Isso permite que no festejo haja existências de várias territorialidades sobre um espaço produzidas por diferentes grupos sociais que compartilham suas alegrias e fantasias dentro desse mesmo espaço, entendido como o local é o circuito da micareta. Observou durante a pesquisa de campo, a ida na localidade do festejo campo realizada dia 22 de julho de 2019, a presença de 20 blocos (familiares e camarotes) presentes no circuito da micareta.²⁴.

Em relação, aos blocos existentes, ainda em entrevista com idealizador pioneiro do festejo ele relatou que historicamente existem o quantitativo de:

²⁴Entrevista com idealizador da micareta em Miracema/TO em 25 de março de 2020.

“11 a 20 blocos presentes no circuito da festa, na sua maioria grupos familiares, ou empresas, quais cobram o passaporte para o seu acesso.” A seguir tem como exemplo, um bloco tradicional já presente desde 1997 o “Mara Sete”. Segundo idealizador, o nome do camarote é proveniente da sua localização entre as ruas Maranhão e Sete de Setembro.²⁵(SANTOS, 2019).

Os seguintes blocos constituem diferentes territórios representados por suas fantasias e cores distintas entre si, dentre eles, temos o exemplo “Mara Sete” na figura 26. Na figura 27 “Camarote estrela” e o “Bloco dos Amigos” separados por uma grade de proteção. Nos respectivos exemplos note-se que cada espaço é demarcado e representado por suas cores.

Figura 26- Frente do Bloco “MARA SETE” presente dentro do circuito em 2019



Fonte: Reis (2019)

Figura 27 Frente do camarote estrela e Bloco dos amigos - 2019



Fonte: Reis (2019)

Na questão pertinente a história desses foliões presente no *Miracaxi*, ainda na entrevista com senhor Frederico Sodré dos Santos, contou que dentre os blocos pioneiros que

²⁵ Levantamento feito pelo pesquisador durante o período da tarde do dia 22 de julho 2019 no segundo da micareta.

participam da micareta desde 1997 destacam-se o “Mara sete, Bloco que não anda”, Bloco do pezinho, Bloco dos “Reis”. (SANTO, 2019).

Santos (2019), comenta que alguns blocos desapareceram, dando espaço para outros novos blocos. É o caso do bloco “Zueira” que participou quase 10 anos, mas em 2014 houve acidente dentro nas instalações físicas e desde então deixou de participar da micareta, Em contrapartida, há o exemplo a seguir da chegada de mais um camarote chamado *Zorra*²⁶ tem a sua primeira edição sendo montada no ano de 2019 na figura 28 mostra a sua entrada as margens do circuito da micareta. Na figura 29 mostra O modelo da sua camiseta que caracteriza o seguinte camarote presente no festejo.

Figura 28: Entrada do camarote bloco *Zorra*



Fonte: Reis (2019)

Figura 29: modelo do *abadá* bloco *Zorra* 2019



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/miracaxi.micareta>. Acesso em 05.Nov.2019

²⁶ Camarote Zorra é bloco formado no ano de 2019, empreendimento particular presente no festejo pela primeira vez, para acesso é necessário pagar o ingresso ao local. Mais informações encontradas nas redes sociais da micareta na sua página oficial do(facebook) em 08.out./2019. Na página conta também a divulgação do *kit* para festa, onde há, tanto camiseta, garrafa, copo para pôr bebida.

Contudo, há também a preocupação sobre espaços que são realizados as micaretas no Brasil é o que aponta Xavier (2010). Segundo ela:

“ao se produzir uma geografia da micareta surge o questionamento do caráter popular desta festividade, pois a grande maioria das micaretas já não é realizada em locais públicos, não havendo assim o grupo da pipoca; ou seja, todos os foliões pagam no lugar da festa e, por tabela, com o status almejado. Desse modo, gera-se uma nova divisão espacial. (2010 p. 54)

Neste sentido, os espaços demarcados pelos blocos configuram em diferentes territorialidades, e todos ocupam o mesmo circuito da micareta em Miracema do Tocantins.

Em relação a mudança do público para o privado está diretamente relacionado com a privatização da festa que ocorreu na maioria das supostas “micaretas” e, por meio do processo de delimitação de espaço privado, se estabelece uma nova hierarquização do espaço. O acesso controlado pela cobrança de ingresso estipula o espaço a ser apropriado pelos os foliões. (XAVIER, 2010).

Neste contexto, em meio às relações de poder exercidas nos espaços das micaretas, observa-se a formação de territórios distintos em um mesmo espaço festivo.

No que tange o território pode ser visto como um espaço banal, espaço onde persistem as tradições, hábitos e costumes, o território articula, portanto, o particular e o geral, o local e o global nesta articulação pode se compreender que o homem é produtor de cultura. E é tarefa do geógrafo valorizar os contextos particulares, interpretar todo o jogo complexo de analogias, de valores, de representações e de identidades que figuram no espaço ocupado por homens. (LEFEBVRE, 1969; SANTOS, 2010).

O território é também, segundo Raffestin (1993) apropriação do espaço geográfico, onde se percebe como substrato, matéria-prima preexistente ao território. O espaço se tornará o território por meio da ação que um ator projeta através do trabalho, marcado pelo poder. O território é um espaço político, produzido e organizado pelo ator com base nos seus objetivos e interesses. O limite de um território é marcado pelas ações que o grupo mantém com uma porção de espaço, pelo poder manifestado numa determinada área; desse modo, assim como o território, este é revelado em escalas distintas. A escala do território delimita a escala de poder, porém, existem os poderes que interferem em todas as escalas.

Observa-se via área da figura 30 por um *drone* no ano de 2017, é possível observar todo o circuito, destacam-se as margens os blocos tradicionais, demarcando e situados às

margens do circuito principal do festejo, em suas devidas escalas. A organização geral está sobre o poder municipal, o qual é o responsável pela micareta. É possível também observar a interação direta entre os participantes estudados na pesquisa, (vendedores internos, organizadores e moradores).

Figura 30 - Vista área do circuito da micareta no ano de 2018.



Fonte: Acervos cedidos pelos organizadores
Pref. Municipal de Miracema – TO, (2017).

A micareta em Miracema do Tocantins tem 22 anos de existência e segue o modelo daquela que ocorre no estado da Bahia, (Feira de Santana e Jacobina). Trás consigo, além das atrações musicais e os trios elétricos, ambos vindos do estado da Bahia. Há também um circuito pré-definido pelos organizadores da prefeitura a presença de vários camarotes de empresas privadas que se apropriam dos espaços em volta do circuito da festa.

Na figura 31 é mostrado momento onde trio elétrico cercado dos foliões, tanto pelo bloco considerado, “pipoca”, aqui na pesquisa é entendido como aqueles sem um lugar fixo na micareta. Como também pelos integrantes dos blocos e camarotes localizados as margens do circuito. É o instante de interação entre os diferentes participantes da pesquisa como também aos nela não mencionado é o sendo o caso também dos turistas.

Figura 31– Vista área circuito da micareta em 2018



Fonte: *Drone Sky Palmas*/TO. (2017)

É possível nesta observação do alto a interação entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. Sendo estes os responsáveis pela manifestação carnavalesca “fora de época”.

Os espaços em que ocorrem as festas, “são pensados antes, idealizados, são traçados fronteiras, espontâneas ou impostas, entre os aptos a dela participar e os que são estranhos a ela. São inúmeras as formas possíveis de se traçar essa linha de demarcação, e inúmeros os graus de sua rigidez.” (GUARANELLO, 2001 p. 972). Autor frisa ainda que “o importante é que a linha fronteira da festa coincida, de modo geral, com a da identidade que produz no seu interior”. (GUARANELLO, 2001 p. 972).

A festa como produto social é entendida por Guaranello, (2001 p. 972) “ocorrerá sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado.” Autor argumenta, que

O produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determina identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade. Mas que tipo de identidade? Trata-se de uma questão crucial e da resposta que dermos a ela dependerá nossa capacidade de falar da festa em geral.(GUARANELLO, 2001 p. 972).

Neste sentido, se tratando da micareta estudada, nota-se por meio da sua Lei nº501/2017 determina no artigo 5º o envolvimento das diversas instituições estatais na micareta, onde é destacado que:

que no caso da Comissão Organizadora do MIRACAXI, deverá promover uma interlocução permanente e integrada com as forças de segurança(Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros, Policial Federal, etc) bem como junto as outras instituições fiscalizadoras e de apoio(Ministério Público Estadual, Vigilância Sanitária, Conselho Tutelar, Hospitais Públicos e Privados, SAMU, etc) e, ainda , com municípios circunvizinhos ou instituições estaduais e federais, visando assegurar aos participantes do MIRACAXI toda a segurança e atendimento de saúde necessários. (LEI MUNICIPAL, Nº501/2017, p.3).

Esta legislação determina no artigo 3º no inciso XI que:

As instalações de blocos, camarotes e comércios dentro do circuito do MIRACAXI, ainda que em área particular, está condicionada á obtenção da respectiva licença de funcionamento e licença sanitária, respeitada a legislação vigente a respeito, bem como ao pagamento de Imposto sobre Serviço de Qualquer Natureza, conforme as regras definidas no Código Tributário Municipal ou regulamentação especial editada pelo Chefe do Poder Executivo Municipal. (LEI MUNICIPAL, Nº501/2017).

Neste contexto apresentado, ela fixa também a cobrança de taxas aos vendedores sobre a utilização da via pública e camarotes:

Inciso, XII - A utilização de passeios públicos ou vias públicas para instalação de equipamentos moveis, seja para camarotes, seja para comércio de ambulantes, está condicionada ao pagamento das taxas respectivas para utilização de espaços públicos, conforme definido pelo Código Tributário Municipal ou em regulamentação especial editada pelo Chefe do Poder Executivo Municipal. (LEI MUNICIPAL, Nº501/2017).

E por fim, essa legislação vigente, reconhece o festejo por meio do:

Art1º o *MIRACAXI*, um Carnaval fora de época, é considerado manifestação cultural do Município de Miracema do Tocantins, integrante do calendário oficial de eventos, promovido pelo Poder Público Municipal, realizado anualmente durante a programação de temporada de verão, preferencialmente no mês de julho de cada ano, cabendo ao Poder Executivo Municipal deliberar sobre o período de sua realização. Art2º Para a realização do MIRACAXI, o poder Público Municipal poderá firmar parcerias com instituições governamentais, bem como com empresas privadas, públicas ou de economia mista, estas mediante edital de chamamento público, assegurando aos interessados igualdades de condições de participação, objetivando a redução de custos suportados pelos cofres públicos municipais. (LEI MUNICIPAL, Nº501/2017).

A instituição mantenedora determina ainda, na referida lei no artigo 02, inciso 1º que para:

Para implementação das parcerias a que se refere o *caput* deste artigo, fica assegurado aos parceiros o direito de expor divulgar suas respectivas marcas, ao longo do circuito onde se realize o evento, bem como a ter assegurada a divulgação nos materiais publicitários promovidos pelo Poder Público Municipal. No inciso, 2 do mesmo artigo, trás também que havendo interesse público ou conveniência da administração, poderá o Poder Público Municipal conceder, excepcionalmente, a empresas privadas ou instituições governamentais, a realização do evento, sem que represente a alienação ou transferência definitiva dos direitos inerentes ao evento, sempre reservado ao Município de Miracema do Tocantins. (LEI MUNICIPAL, Nº501/2017).

A respeito do local do festejo, é considerado um lugar popular da cidade, denominado “Ponto de apoio”. Sobre este espaço na cidade, Santos (2019),²⁷ comenta que “trata-se local mais conhecido da cidade e também considerado como um dos lugares turísticos criado na década de 1990.” A figura a seguir mostra os cartazes de divulgação do festejo no monumento, cartão postal da cidade, e que fica dentro do circuito da festa como mostra figura32.

²⁷Entrevista com o primeiro idealizador da Micareta de Miracema Tocantins em 07 de fevereiro de 2019.

Figura 32: saída do circuito – Ponto de Apoio - cidade de Miracema - TO.



Fonte: Acervos cedidos pelos organizadores da Pref. Municipal de Miracema – TO, 2018/2019.

No mês do festejo geralmente são expostos cartazes e *banners como o que pode ser visto*, a imagem anterior, em ano de 2018. Os agentes responsáveis pela organização são os responsáveis tanto pela divulgação dos banners no circuito da micareta como pela manutenção do local.

Além dos espaços demarcados pelos blocos, há também os estabelecimentos comerciais fixos e as barracas de bebidas temporárias no período do festejo, onde os vendedores comercializam seus produtos (as calçadas e entradas das residências) em frentes suas casas, durante o tempo de 3 dias de festa. Há a instalação físicas dos camarotes e blocos camarotes nos espaços das calçadas em frente as residências localizadas dentro do circuito (SANTOS, 2019)²⁸

No que tange o uso espaço público em especial a rua, de acordo com, Xavier (2010), ela está na “qualidade de um espaço que permite às pessoas se integrarem à festa sem terem custo para com ingressos, estando subordinadas ao aparato legal que rege”.(XAVIER, 2010 p.71). A autora também destaca que “mesmo assim, nota-se que as festas vem se adequando á realidade urbana, sendo transferidas de ruas a avenidas histórica para locais que suportem mais pessoas e que compliquem menos o trânsito da cidade. (XAVIER, 2010 p.75). Refletir sobre o papel da rua, de acordo com BALSAN, é poder:

²⁸ Entrevista com o primeiro idealizador da Micareta de Miracema Tocantins em 07 de fevereiro de 2019.

considera- lá como impessoal que não é de ninguém dando margem a situações ambíguas. Isto é, quando o indivíduo vai para essa mesma rua com uma extensão da casa. A autora cita o exemplo do carro. “ele está na situação ambígua de circular num espaço público dentro do seu espaço privado, e não sabe lidar com isso; a oposição entre a casa e a rua se dilui, a rua passa a ser um espaço de transição entre público e privado. (BALSAN, 2005, p. 34).

No caso da micareta, é instituída e cobrada valores pela prefeitura sobre os vendedores que dela se apropriam para vender seus produtos, conforme é destacado na Lei nº501/2017, artigo 3º inciso XIII estabelece aos:

comerciantes ambulantes interessados em comercializar dentro do circuito do MIRACAXI, dentro ou fora da Praça de Alimentação, deverão se cadastrar junto ao Departamento de Fiscalização e Arrecadação, mediante o pagamento das taxas respectivas, após autorização da Comissão Especial de Organização do MIRACAXI. (LEI MUNICIPAL, Nº501/2017).

Ainda sobre entrevista com o Secretário Leandro Oliveira, turismo, cultura esporte e lazer e na gestão em 2019. Foi questionado sobre a importância da festa para a cidade. Ele ressalta que:

a micareta proporciona a promoção de atividades de descontração, lazer e diversão, que incentivem o desenvolvimento turístico e cultural, assim com a promoção e geração de emprego e renda a população da 1ª Capital do Estado do Tocantins. No mês de julho, período da tradicional temporada de férias e de praia no município. Nesta soma de atrações na cidade, muitos visitantes vêm para aproveitar as praias acabam já ficando para prestigiar o tradicional festejo que já é realizado há 22 anos. (OLIVEIRA, 2019).

Quanto à questão da segurança da micareta, o secretário afirma que durante esses, dois últimos anos:

Tem recebido apoio dos órgãos de segurança tanto pela Polícia Militar, Bombeiros, Polícia Civil, Segurança Especializada e Secretaria de Saúde dando comodidade aos munícipes e turistas. Foi instalado uma mega estrutura de iluminação, trios elétricos, tendas, praça de alimentação, banheiros químicos e barracas, oferecendo a todos os *miracemense* e Turistas, uma ótima e inquestionável estrutura no *Miracaxi*, para que assim esta temporada possa ser considerada uma grande festa, valorizando a população, os visitantes, o local e também oportunizando a apreciação de bandas de médio e grande porte. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MIRACEMA, TO, 2019).

Vale destacar que mesmo com o envolvimento das forças policiais no festejo no ano de 2019 houve os casos de furtos e roubos e um homicídio foi registrado no segundo dia da micareta realizada em 2019²⁹.

²⁹Dados fornecidos de furtos e roubos e homicídio de 2017 até 2019 pela delegacia de polícia civil. Houve um homicídio na segunda noite do festejo, dentro do circuito no ano de 2019. Disponível <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/07/21/jovem-e-assassinado-a-tiros-durante-show-no-miracaxi-2019.ghtml>. Acesso em 05.nov.2019.

A micareta da cidade de Miracema do Tocantins não é muito diferente que ocorre de Jacobina, a qual Leão (2013) aponta que todos os investimentos desde primeira micareta aos dias de hoje é custeada pela prefeitura e apoiadores, da iniciativa privada que auxiliam na organização da festa. Quando a prefeitura não realiza a micareta dentro destes padrões, nenhuma manifestação cultural é realizada na cidade, deixando bem clara a dependência dos recursos financeiros e perdendo totalmente o contexto sobre a micareta criada em 1912. (LEÃO, 2013).

Leão (2013) relata sobre a micareta *jacobinense* passou a funcionar dentro dos padrões do carnaval da capital baiana. Possuindo um circuito carnavalesco pré- estabelecido, pequenos palcos afastados do circuito principal para *performance* de artistas locais. Onde existe também um palco alternativo para apresentação de artistas da região, sendo localizado em frente ao camarote da prefeitura, o qual funciona após a saída dos trios elétricos guiados por grandes ícones do *axé music*.

Os valores gastos com toda estrutura (contratação de banda, trio elétrico, organização geral) variam entre 1 milhão a 1,5 milhão e meio por ano, previsto durante esses últimos anos é que conta o relatório da festa para este ano de 2019.³⁰

As mudanças da micareta *miracemense*, durante todo esse tempo, tem pouco ocorrido, com exceção nos nomes das bandas contratadas anualmente de nome nacionais, cada ano busca trazer uma atração diferente do ano anterior. Sobre os trios elétricos, continuam sendo contratados anualmente nos últimos dois anos foram dois que vieram diretamente de Salvador/BA para tocar na micareta de Miracema do Tocantins.

Em linhas gerais, “a estrutura de organização de uma micareta, relaciona-se em espaço utilizado, a festa dispõe-se em espaço público, não prendendo a acessibilidade da população, independente da sua classe social ou condição financeira”. (XAVIER, 2010, p. 54).

Xavier (2010 p.54) relata ainda que o “fato da festa ser em um espaço público, não significa que o acesso seja irrestrito. Tendo em vista, que existe uma relação direta no uso entre do espaço público e privado. Assim, dando origem a novos nomes, tais como, semi-espaço público onde poder público está envolvido, possui participação mínima. Neste, caso,

³⁰ Informações presentes no relatório do *Miracaxi* em 2019 apresentado pela Secretaria de Turismo e Juventude Esporte e Lazer cedido pela instituição organizadora para esta pesquisa. Apontou o valor com base em valores orçados e de edições passadas, que está estimado para o *Miracaxi* 2019 está em R\$ 1.485.120,0. Dados presentes no relatório cedido pela instituição realizado do festejo.

os principais organizadores serão o gestor local – que ficar responsável pelo licenciamento do local e todas as outras ações que se referem à execução da festa.

Assim, Feitosa (2017, p.102), destaca que “as festas, em contexto geral, por se tratarem de uma dimensão cultural da vida urbana, são percebidas como uma experiência cultural e coletiva, onde turistas, moradores e organizadores são capazes de proporcionar inúmeros benefícios, principalmente no que diz respeito à cultura.”

De certo modo, como notado, é feito também alto investimento pela sua entidade mantenedora para que de fato ela seja realizada a cada nova edição. É importante em outro momento ou em estudo, averiguar outros momentos culturais importantes na cidade, para então se pensar em questionar esse alto valor direcionado a esse festejo. Enfim, não é objeto desse estudo tratar sobre essa questão, mas deixa aberto para novas pesquisas.

Entretanto, observou que a micareta *miracemense*, durante suas 22 edições produziu e reproduz uma espacialidade inalterada no que tange a localização do circuito da cidade. Porém, a cada realização, existem as alterações por parte da comissão organizadora, no sentido das datas, das bandas e dos trios elétricos que são contratados para esse festejo. A referente festividade fomenta a cultural local e regional e bem como é também um espaço de experiência a ser vivido pelos seus participantes.

4.0 O RESULTADO DA PESQUISA: OLHAR DOS PARTICIPANTES SOBRE A MICARETA EM MIRACEMA TOCANTINS

CARNAVAL

O caminhão gigante
Lagarto colorido
Caixa de som alto-falante
Serpenteia ferido

A multidão dançante
Dentro das cordas
Um rio ondulante sacode
O folião triste se esforça

Enquanto o som explode
Em esquecer a dança das horas
Manhã fim de tarde noite
O alarido da horda
Corta como foice
A borda
Da consciência que foi-se
Dias depois se impõe

O culto o trabalho a vida
O folião rastejante supõe
Que o retorno à lida
É uma batalha perdida

Versos : Fernando Pedrão

4.1 O festejo: sob olhar de alguns moradores de Miracema do Tocantins

Será apresentado neste instante da pesquisa o resultado das entrevistas semi estruturadas realizadas com dez moradores da cidade que residem próximo ao local da festa, em Miracema do Tocantins.

É apresentado agora os relatos da pesquisa sobre os residentes na cidade de Miracema do Tocantins e o que responderam a respeito da micareta. Um desses moradores conta como é morar na avenida no local que pertence ao circuito da festa, relata que a sua “residência é alugada e sobre a história da micareta, mas que pouco sabe por que tem poucos anos que reside neste local,” afirmou, Alves (2019)³¹ ele respondeu também que:

Há um ano moro aqui na avenida Tocantins, local onde ocorre a festa anualmente. Já participo á uns 10 anos, é uma festa muito boa. Ela surgiu de um pouco de gente havia antes exposição de abacaxi, o povo chegava aqui a comia abacaxi, tomava bebida com abacaxi. Isso na época do Frederico, Eu trabalho no *Alquemia* que já existe há 3 anos, antes, trabalhei no *zueira*, onde acontecia um acidente e bloco no palco e acabou saindo da festa. Aluguei para esse ano a minha calçada por 500 reais para uma barraca de bebida que ficara nela durante os três dias de *Miracaxi*. Sobre a origem desta festa não me recordo[...] Nos últimos anos, nos dias da festa, tenho trabalhado no camarote do *Alquemia*. [...grifos nosso] São muitas pessoas que vem de fora e deixa dinheiro na cidade, o festejo envolve os moradores, turistas e também os comerciantes.[...] penso que por outro lado deviam trazer bandas mais baratas investir mais na saúde e na educação do município. (ALVES, 2019).

A “festa é um lugar de encontro, onde a visão de mundo da coletividade mantém a harmonia em grupo, é onde se celebra os aspectos mais significativos da cultura. Por tratar-se de um lugar de encontro, celebração, compartilhamento e cumplicidade,”(GOMES, 2008 p.45). Sendo também, “palco de atualização da memória coletiva, a festa torna-se realidade comum a todos, outorgando um sentido ao grupo em última instância à vida.”(GOMES, 2008 p.45). Autor comenta ainda que “na festa acontece uma espécie de re encantamento da vida, um jogo espontâneo de faz-de-conta, como se a memória do grupo fosse um acervo vivo de experiências a serem reinventadas a cada momento”. (GOMES, 2008, p. 45)

A micareta em Miracema do Tocantins no olhar de uma segunda moradora e comerciante, Segatto (2019)³² conta que há 6 anos mora ali naquele espaço em que ocorre a Micareta. Afirmou gostar da festa até o momento, é tranquila, sente-se amparada dentro do circuito em ela acontece. Mas em linhas gerais, para a cidade inteira é uma festa de grande

³¹ Morador de local onde acontece a festa anualmente em Miracema – TO entrevistado em 21 de junho de 2019.

³² Entrevista com a moradora residente no local na avenida onde acontece a festa na cidade em 21 de junho de 2019.

valia, incluindo a temporada de praia do mês de julho, em que muitas pessoas vêm aproveitar os atrativos naturais e ficam para festa. Ainda segundo a moradora:

Esse mês é o momento no ano é um dos únicos momentos em que a cidade consegue junto ao comércio angariar recursos. Até o momento, não há motivo para se acabar com o evento, até por que no dado momento ele se enquadra no calendário festivo da cidade do município. O que precisa é melhorar a estrutura mais a cada ano a segurança. A respeito da origem da festa, não sei falar como começou, o pessoal da prefeitura devem falar mais a respeito da festa. Esse é o sexto ano que participo da festa. Em relação à vizinhança, acredito gostarem também da festa, não vejo reclamação não ao contrário, alguns são idosos ficam até mais tarde em frente suas casas assistindo a festa. Por que é muito rápido é só três dias de brincadeira. (SEGATTO 2019).

Outra moradora e comerciante que tem suas residências às margens do circuito da festa, afirma morarem mais 51 anos, naquele local. Na data da festa, conta comercializar:

bebida e comida. Começa com o grito de carnaval onde geralmente ela acontecia no início do mês. Muito boa a festa o local da festa sempre foi aqui no início do ano sempre ocorria 04 vezes no mês de julho entre 1997 há 2008. Na gestão posterior, a festa passou a ocorrer em 03 vezes iniciando sempre na sexta e terminando no domingo. (RODRIGUES, 2019).

Segundo ela, os aspectos negativos, referente às inscrições para os vendedores internos da cidade. Pois vem muitos vendedores de outras cidades somente para trabalhar na festa, ocupa assim o espaço das pessoas de Miracema do Tocantins que querem vender seus produtos no festejo. Pois, durante vários anos a maioria das pessoas que estão no circuito interno móvel, aqueles que fazem suas inscrições para trabalharem na micareta é de fora. (RODRIGUES, 2019).³³

A entrevista com o terceiro morador, que reside às margens do espaço em que acontece a festa, afirmou que a micareta começou na cidade com a referência na grande produção de abacaxi. Ela, a princípio foi idealizada pelos próprios produtores de abacaxi que pelos próprios produtos de abacaxi que juntavam o pessoal e faziam como se fosse para comemorar o final da colheita. Com o tempo a prefeitura com uma forma de explorar o turismo melhorando a estrutura. (CASTRO, 2019³⁴). Ainda segundo, ele:

No início os produtores de abacaxi se reuniram e faziam a exposição da fruta no local da festa onde faziam as batidas gigantes (cachaça misturada com abacaxi) e era servido para todas as pessoas que por ali passavam na época havia poucas atrações locais. Gosto da festa é bom para Miracema do Tocantins, não tem muita coisa. Além disso, então a gente tem que valorizar o que está disponível da gente. Então, sou daqui e tenho a possibilidade prestigiar isso aqui, tenho que dar o voto de confiança. (CASTRO, 2019).

³³ Entrevista com a moradora residente na avenida fora do espaço onde acontece a festa na cidade em 21 de junho de 2019.

³⁴ Entrevista com morador residente na avenida fora do espaço onde acontece a festa na cidade em 21 de junho de 2019.

Este segundo morador entrevistado, relata ainda que:

não têm muito divertimento e lazer, senão na época de julho, período de férias, onde juntam as praias e as festas dentre elas a principal, do *Miracaxi*. Tenho vários amigos de outras cidades, dentre elas Gurupi - TO, Palmas -TO e do estado de São Paulo que vem prestigiar a temporada de praia e curtir a festa na cidade. Há um aumento da população na cidade, é notável o aumento do fluxo de pessoas nas ruas e no comércio nos dias de festa. (CASTRO, 2019).

Castro (2019) comenta que os pontos positivos, é o aumento do número de policiais militares nos dias de festa, tem-se melhorado bastante nos últimos anos os casos de brigas e roubos no espaço da festa. Além também, das autoridades colocarem detectores de metais na entrada do circuito da festa. Em relação aos pontos negativos, ele diz ser, talvez a melhora na organização, na parte da praça de alimentação, tudo que é bom pode ser melhorado tudo que não está bem pode piorar. Outro elemento provável seria mais banheiros químicos, mais apesar é relativo, tudo parte da educação de casa.

Em entrevista com outro morador e participante da micareta indiretamente fornece equipamentos para os camarotes Reis (2019)³⁵ afirma que participa da festa desde criança, inicialmente eu vinha no bloco chamado *extravasa* que foi inventaram há 8 anos atrás. Com passar do tempo ele criou uma empresa de locação de equipamentos (microfones, caixa de som, luzes) para alguns camarotes da festa. Segundo ele:

Hoje participa indiretamente na festa, última vez, que trabalhei foi de DJ para o camarote da família dos “Bucar”, que é um grupo familiar. Depois passe somente a prestar serviço a esse bloco também. Esse ano terá mais um novo camarote chegando na festa O *Zorra* que pela primeira vez será esse ano na festa. De maneira geral, o *Miracaxi* trás mais é benefício, pois movimenta o comércio é o turista que chega do Pará, do Rio Grande do Sul, de outras cidades do estado também. Vários amigos de outras cidades, estados que vem prestigiar a festa, sobre os pontos negativos, vejo poucos, talvez, brigas isoladas que sempre em qualquer festejo. De uma maneira geral a micareta hoje no município é uma tradição. Hoje um mês antes da festa, os funcionários já estão fazendo a manutenção do espaço para realização da festa que será somente daqui um mês. Então, há casamento da festa com as praias da cidade, trazendo assim as pessoas para participarem da festa e aproveitar os atrativos locais. (REIS, 2019).

Em entrevista com uma moradora e participante de um dos blocos, Raquel (2019) conta que vários blocos ao decorrer dos anos não existe mais na festa. Ela conta que participa festa desde 2000 afirmou ser muito bom, são bandas animadas, gente anda atrás do trio depois voltamos para nosso bloco. No início ficava somente no folião da avenida, mas depois

³⁵Participante da festa, entrevistado em 24 de junho de 2019.

começou a participar no *bloco do bombado* foi um bloco que foi criado no ano de 2010, e existiu até 2017, bloco familiar que tinha entre 60 a 70 pessoas o organizador é dono de supermercado conhecido na cidade. (RAQUEL, 2019³⁶) ainda segundo ela:

As famílias que participavam do bloco davam o nome para ele, para pedir a camiseta do bloco, o organizador falava que no dia todos levassem um ou duas caixas de cerveja e entregavam se ao grupo que ficava localizado no canteiro central da avenida atrás do ponto de apoio. Há também desde 2000 nos domingos a tarde a matinê é um momento onde as crianças desfilam junto com os pais na festa atrás do trio elétrico é muito bonito. (RAQUEL, 2019).

Nesta perspectiva, outro residente próximo ao local da festa nos contou que já participou algumas vezes, e ressalta que a festa é boa de mais anima a cidade disse também não recordar de quando surgiu. Mas afirma que antes gostava de ir são três dias de muita folia vem muitas bandas boas todo mundo gosta. Hoje estou de idade não vou mais [...] nos dias de festa tem barulho, mas não me incomodo, são apenas três dias de festa o logo acaba. (AQUINO 2019).³⁷

Em entrevista com morador e integrante de um dos blocos presente desde inicio da micareta, conta que, participa da festa desde seu inicio faz parte do bloco “que não anda sem beber”. Afirma gostar muito da festa, mas acha que precisa ser melhorada nos aspectos; aumentar o circuito, aumentar o número de banheiros. Trás ainda que, ela tem que permanecer naquele local por ser na região central da cidade e por está próximo ao rio. (MOREIRA, 2019).³⁸

Por tanto, em qualquer sociedade a festa sempre se manifesta num conjunto articulado de festas, cíclicas ou episódicas, que dialogam entre si, repartem seus sentidos, acumulam-nos ou negam-nos numa cadeia sintagmática que se inscreve na memória coletiva e individual dos participantes. Nenhuma festa pode, assim, ser entendida plenamente dentro de si mesma, mas deve ser inscrita na cadeia de significados que as festas produzem em sua sucessão. (GUARANELLO, 2001).

4.2 A Micareta: Sob olhar dos seus organizadores (2019) e dos vendedores (2018)

³⁶Entrevista com uma ex- integrante de um bloco familiar que existiu na festa entre 2010 a 2017 em 15 de julho de 2019.

³⁷ Entrevista com uma moradora em 15 de julho de 2019.

³⁸ Entrevista com o morador e integrante do bloco que “não anda sem beber” realizada pelas redes sociais (facebook) em 22 de outubro de 2019.

Sobre a importância da festa para a cidade, Moraes (2019) acredita que a festa destaca a cidade, atraindo pessoas de diversos lugares do estado e do país, em cada edição da micareta. Ela surge num momento em que a cidade passava por um “vazio”, então por meio da caracterização da capital do abacaxi, e com a invenção da festa. A cidade começa a se recuperar da saída da capital [...] a cidade perdeu muitos habitantes para a capital, ficou só o refúgio populacional na cidade. Então a festa ela veio a esse encontro de trazer às pessoas a cidade, nem que seja pra vir na festa. Hoje é uma festa popular, onde a cidade destaca como na no mês de julho no cenário regional e que as pessoas se sentem bem.”(MORAES, 2019³⁹).

Na entrevista com o Secretário da Juventude, Esporte, Turismo e Lazer, do mento em que ocorreu este estudo, afirma que a micareta da cidade “trás as pessoas para a cidade, durante julho, muitas que já moravam na cidade, retornam para ver a família e curtir as praias e já fica para festa.” (OLIVEIRA, 2019⁴⁰). Para ele, “é considerada uma festa tradicional maior micareta da região norte, pois, traz as pessoas para a cidade, durante julho, muitas que já moravam na cidade, retornam para ver a família e curtir as praias e já fica para festa.” (OLIVEIRA, 2019⁴¹). Ele afirma também no que tange:

As questões econômicas, referentes aos valores atribuídos ao festejo, Oliveira (2019) ressalta que “os gastos na festa, não retornam na mesma proporção, diretamente para a prefeitura [...] Mas, o retorno acabou sendo para os estabelecimentos comerciais as margens do circuito, para os ambulantes e hotéis e restaurantes da cidade.” (OLIVEIRA, 2019⁴²).

Em relação à segurança da festa:

Em uma festa há uma identidade constituída por meios das diversas experiências vivenciadas pelos seus diversos participantes. O fato é que “toda festa pode comportar uma multiplicidade de sentidos particulares, segmentados, não congruentes, pode ser lida de maneiras distintas por segmentos distintos dos participantes.” (GUARANELLO, 2001, p. 975).

É apresentado neste momento da pesquisa o resultado dos questionários respondidos pelos vendedores atuantes no circuito da micareta. Foram 24 questionários, com 20 questões sobre a micareta. Aplicado entre os dias 11 de julho e 16 de julho de 2018, durante uma reunião entre os vendedores e os organizadores e representantes do Serviço de Apoio Micro e Pequenas Empresas(SEBRAE). Por meio dos questionamentos referentes que sabem sobre a

30 A entrevista com ex-secretário do turismo e ex-vereador, entre os anos de 1997-2000 no município de Miracema/TO em 11/fev/2019.

⁴⁰ Ex- Participante da Organização da 1ª a 4ª edição da festa. Entrevistado em 09/fevereiro de 2019.

⁴¹ Secretário atual da Juventude, Cultura e Turismo entre 2016 a 2019. Entrevistado em 07 de Fevereiro de 2019.

⁴² Secretário de Juventude, Cultura e Turismo de 2016 até momento atual. Entrevistado em 07 de fevereiro de 2019.

micareta, buscou-se alcançar uma apreensão mais ampla sobre origem do festejo e a sua reprodução espacial no contexto local desde sua primeira realização no ano de 1997.

Das respostas obtidas nos questionários observou-se que eles têm 27 a 61 anos dos quais, 54% são do sexo masculino e 33% do sexo feminino, e 13% não responderam. Em relação à temporalidade que atuam na micareta, obteve-se a seguinte resposta (quadro05).

Quadro 04: O tempo de participação dos vendedores atuantes na Micareta.

Vendedores na micareta	O tempo de trabalho na festa
09	Primeira vez
06	2 a 04 anos
04	Entre 06 a 08 anos
03	Mais de 10 anos
02	Não responderam
Total: 24 entrevistados	

Fonte: Coletas de dados da pesquisa (REIS, 2018).

Sobre a micareta, 50% responderam se tratar de uma festa tradicional da cidade, dentre as respostas, tem-se a do (VENDEDOR-A, 2018⁴³) o qual conta que “é um carnaval fora de época.” do (VENDEDOR-B, 2018⁴⁴), afirma “é uma tradição da cidade.” “Em primeiro momento era para divulgar os produtores de abacaxi, era a festa do abacaxi.” (VENDEDOR-C, 2018⁴⁵). 09% falaram que a festa tem a haver com a produção de abacaxi e 41 não responderam. Na questão feita a eles sobre o que gostam na micareta?. Verifica-se as respectivas respostas no quadro 06.

Quadro 05: O motivo da presença deles no circuito da micareta

Nº de Vendedores	Os motivos de está no festejo
07	Vender seus produtos
06	Vender e ouvir as atrações musicais
08	Atrações musicais e por está no meio do povo
03	Pela alegria do local, do trio elétrico e da organização e por ser festa de graça.
Total: 24 entrevistados	

Fonte: Dados da pesquisa (REIS, 2018).

⁴³ Vendedor interno - A. Questionário aplicado em 11 de julho de 2018

⁴⁴ Vendedor interno – B Questionário aplicado em 11 de julho de 2018

⁴⁵ Vendedor interno – C. Questionário aplicado em 11 de julho de 2018

Questionados sobre as possíveis necessidades para a realização da festa que não estão sendo atendidas ou que se tem dificuldade para atendê-las. Constatou-se as seguintes respostas: para 25% dos entrevistados não precisa haver mudanças, já 12,25% consideram o espaço e organização muito boa, para 25% faltam mais organização e comunicação antes da festa. E 37,75% não responderam. Questionados a respeito de mudanças que julgam necessárias para melhoria dos próximos eventos. Obteve-se, no quadro 07 as respectivas respostas:

Quadro 06: Sugestões dadas pelos Vendedores atuantes na micareta

Nº de respostas	As respostas dos vendedores
05	Melhorar a questão da segurança (alto número de furtos e respeito mais com os vendedores).
02	Expandir o circuito da festa devido aumento do público
12	Precisa haver mudanças, mas não justificaram
06	Não precisa haver mudanças
24 total	Respostas

Fonte: Dados da pesquisa (REIS, 2018).

No questionamento, sobre o que eles sabem a respeito do seria um “carnaval fora de época” 29% responderam não ter entendimento da expressão e 25% não responderam. 12,5% ser “uma festa muito boa” e 33,5% conta ser “uma festa tradicional brasileira”, “faz parte do folclore brasileiro” e ocorre no período de férias”. Na indagação sobre a identificação da localidade onde ocorre a micareta durante toda a sua história, obteve-se as seguintes respostas contidas no quadro 08.

Quadro 07: Localização da micareta na cidade de Miracema/TO.

Números de respostas	A localidade onde ocorre a festa
09	Na avenida Tocantins sendo a principal da cidade
06	No ponto de apoio de apoio próximo a praia
05	Não responderam
04	Não souberam
Total: 24	Respostas

Fonte: Dados da pesquisa (REIS, 2018).

Sobre o circuito da festa é perguntado sobre quanto tempo a micareta ocorre neste local. 54% afirmaram que sempre a festa aconteceu foi neste devido lugar, 33% não responderam e 13% informaram não sabiam.

No questionário foi solicitado aos vendedores internos que fizessem uma avaliação dos desafios e mudanças que surgiram este ano em relação aos anos anteriores, 20% ressalta “que a organização é excelente e que a cada ano muda alguma coisa no circuito”, e 20%

aponta “que a organização determinou mudanças, tais como; retiradas de vendedores com caixas de isopores, a proibição de venda de bebidas em garrafas de vidros, dentre outras”. Para 07% “falta dar prioridade aos vendedores internos da cidade, pois a maioria dos vendedores presentes na micareta são de outras cidades”. 20% disseram não haver nenhuma mudança, em relação às edições passadas, 33% não responderam.⁴⁶

Na questão sobre como eles sentem em participar da festa, obteve-se as respectivas respostas; “é muito gratificante.”(VENDEDOR-D, 2018⁴⁷), conta que “me sinto privilegiada em poder comercializar meus produtos e me divertir”. Já outro terceiro, (VENDEDOR-E, 2018⁴⁸) comentou que “a sensação é de realização e alegria”. O (VENDEDOR-F, 2018⁴⁹) diz sentir-se “feliz e quero vender muito e ganhar dinheiro.”, desta maneira, (VENDEDOR-G, 2018⁵⁰).”é um momento que vendo meus produtos e me divirto.” Sobre o local de origem constatou-se também que 82% de são de outras cidades, -15% do município de Miracema do Tocantins e 03% não responderam. Em relação ao tempo que eles participam da micareta, e tipos de produtos na micareta observou-se no quadro 09:

Quadro08: Tipos de produtos comercializados

Nº de vendedores	Tipos de produtos comercializados
08	Bebidas alcoólicas
08	Alimentos e bebidas
07	Alimentos
01	Não responderam
Total: 24	Respostas

Fonte: Dados da pesquisa. Reis (2019).

Na questão direcionada eles, no que diz a respeito às suas barracas no local, se são deles ou são contratadas? Teve-se as seguintes respostas sobre a pergunta; 50% afirmaram ser proprietário e 16% são contratados e 34% não responderam. No caso dos proprietários, 58% afirmaram não venderem apenas o que produzem, pois na maioria dos seus produtos são industrializados. Enquanto 42% disseram que sim, vende apenas o que produz.

No apontamento dos aspectos positivos e negativos 55% responderam e 45% não responderam. Entre os que deixaram suas respostas, 60% deixaram somente os aspectos

⁴⁶Resultado da tabulação do resultado dos questionários aplicado em 12 e 16 de julho de 2018.

⁴⁷ Vendedor interno - D. Questionário aplicado em 11 de julho de 2018

⁴⁸ Vendedor interno E. Questionário aplicado em 11 de julho de 2018

⁴⁹ Vendedor interno F. Questionário aplicado em 11 de julho de 2018

⁵⁰ Vendedor interno G. Questionário aplicado em 11 de julho de 2018

positivos dentre eles ressaltaram que “há presença da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros”, “organização é muito boa”. Dentre os demais 40% deixam os aspectos tanto positivo quanto negativos, sobre as ressalvas negativas, eles conta haver “muita sujeira após término do festejo e falta de planejamento dentro do circuito”.

Na questão voltada as possíveis sugestões vindas dos vendedores para os organizadores da micareta *miracemense*, 50% não responderam, e dentre os outros 50% dos que opinaram. Teve-se de alguns as respectivas colocações, “com a pesquisa pode ajudar a melhorar as condições dos ambulantes?.” Destaca-se seguintes: “espero que melhore”. Em outra, o vendedor respondeu que “esta pergunta precisa também ser feita também com os organizadores,” em outra, é destacada “que os organizadores coloquem mais banheiro e mais segurança.”⁵¹ E a última questão abordada é se eles consideram o festejo do “*Miracaxi*” uma festa típica e própria da cidade de Miracema do Tocantins? Confere - se as respostas no quadro 10.

Quadro 09: O olhar dos vendedores sobre o festejo.

Números de vendedores	O festejo para seus participantes
07	“é uma festa típica e tradicional da cidade”
08	“sim, mais não há justificativa”
02	“é uma festa popular e da cidade”
07	Não responderam
Total: 24	Respostas

Fonte: Coletas de dados da pesquisa (REIS, 2018).

Esta análise qualitativa presume que a micareta é para boa parte destes sujeitos, um momento tanto de aproveitamento para vender suas mercadorias, como também um espaço voltado à diversão a festividade. Considera-se com base na pesquisa apresentada uma festa tradicional popular da cidade, e também atraem muitas pessoas de outros lugares.

Em Linhas gerais, é notável que a festividade é construída e compartilhada por diferente agentes, tantos os vendedores internos que atuam no circuito como também os organizadores e moradores da cidade. Na figura 33, observa-se um dos momentos durante a micareta, onde os vendedores internos presentes no circuito. Observam e interagem com os demais participantes do festejo.

⁵¹ Análise da questão 20 do questionário aplicado em 16 de julho de 2018 com os vendedores internos no circuito da micareta.

Figura 33: Presença dos vendedores com seus produtos no dia da micareta em Miracema - TO.



Fonte: Acervos cedidos pelos organizadores da
Pref. Municipal de Miracema – TO, 2018.

A interação entre os diferentes sujeitos dentro do respectivo espaço demarcado é visto ao mesmo, diferentes situações, seja ela por tensões, emoções, alegria e tristeza são compartilhadas por eles. Nesta perspectiva, além de apresentar a visão do idealizador, e o olhar de alguns sujeitos responsáveis pela organização e também a opinião dos moradores da cidade que participam deste festejo. É por fim, também apresentado o ponto de vista dos vendedores sobre a micareta *miracemense*.

Ao passo que a experiência de cada sujeito presente no circuito do festejo, tem o seu local visto nessa espacialidade da micareta Feitosa (2017 p. 46). Conta que:

o tempo também torna-se importante: "[...] se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar", é essa pausa no movimento que faz com que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor. O lugar é tempo lugarizado pois entre o espaço e tempo, por meio da experiência vivida pelo indivíduo, se dá o lugar.(FEITOSA, 2017 p. 46).)

O festejo em sua natureza própria é assim para Xavier (2010), “uma manifestação de uma cultura, de pessoas manifestando seus desejos suas alegrias.” (XAVIER, 2010, p.74). As mesmas, segundo autora, absorvem elementos dos lugares onde estão se interagindo entre si.

Provocando novas configurações espaciais nos locais de realização. Dando origem as novas configurações espaciais nos locais de realização. Ocorrendo também as contradições a partir da exportação das micaretas como “festa popular”, pois se passou do público para o privado, além do argumento de ser um produto turístico. (XAVIER, 2010). Portanto, segunda autora:

A padronização das festas não requer que necessariamente as de estilo micaretesco estejam simplesmente dadas num local, e as micaretas fundem um lugar. Por mais que se tenha uma consideração pragmática de onde acontece a festa, não, se podem relegar as diferentes percepções do sujeito que experimenta e vivencia o espaço. (XAVIER, 2010, p.74).

Nesta mesma direção, Xavier (2010) afirma que, alguns fatores podem interferir na percepção do espaço, como o uso do espaço privado, ao invés do público, e o caráter popular da festa. Ela aponta que, estes eventos ou festividades similares que ocorrem nos espaços públicos deveriam englobar toda a população, em relação a divulgação da festa com público participante, ela ressalta ainda que:

Na maioria das vezes esses eventos têm a ambição de tratar toda a população, sobretudo, a população da cidade como todo. Segundo a lógica de mercado, não se trata apenas de atrair o máximo de audiências, ou mesmo sugerir este espetáculo para somente consumidores passivos, mais antes convidar o consumidor como a um espetáculo. Em suma, a rua funciona como um espelho, onde uma subjetividade urbana ou emergente é convidada a tomar forma a descobrir sua identidade. (XAVIER, 2010, p.72)

Em linhas gerais, Xavier (2010) ressalta ainda que as festas em locais públicos não têm alcançado o objetivo de envolver toda a população, uma vez que a geração de locais territorializados e a ênfase dada às atrações da festa se superpõem à abrangência da cidade e do popular. Quanto ao carnaval, o que confere sua característica popular é a utilização de espaços públicos e a democratização da participação.

Xavier (2010) comenta ainda que, no caso das micaretas, nota-se a desconstrução, ou melhor, a substituição desse espaço público pelo espaço privado e do caráter democrático pelo seletivo, não podendo ser por esses critérios, consideradas como uma representação do carnaval em outras localidades e fora de época. E assim, ainda segundo autora afirma que:

Apesar disso as micaretas usam o discurso e marketing do carnaval, por isso interessa a vários atores envolvidos neste processo. Atualmente, algumas micaretas como o viés original, ou seja, ocorrem nas ruas, ainda são realizadas no interior da Bahia, no âmbito nacional, as que continuam nas ruas são Carnatal (micaretas da cidade de Natal-RN) Pré-Caju (micareta de Aracajú e a Micareta de Feira de Santana. (XAVIER, 2010, p.72-73)

Refletir o espaço enquanto um local de manifestação coletiva é considerar Xavier (2010) a sua construção em meio a um conjunto de elementos materiais transformados pelas práticas, econômicas e apropriadas pelas práticas culturais e ideológicas. Sobre a apropriação do espaço por uma festa é necessário ressaltar que, em sendo ela micaretasca ou carnavalesca, faz com que certos lugares, do cotidiano adquiram importância simbólica coletiva, a qual se relaciona com a economia, a cultura e a ideologia.

Ferreira (2006) salienta que em um sentido amplo que nas festas populares, é possível observar pelo menos três componentes básicos: a preparação, a execução (conjunto de atividades mais ou menos tradicionais, ritualísticas e formalizadas) e a ideologia presente na festa (isto é, o conjunto de símbolos, valores e crenças que, explicita ou implicitamente, são repetidos pela festa a ideologia, representada também pelos dois outros elementos, juntamente com os conceitos de reprodução/inversão e tradição/ inovação, reprodução entre festa e contexto e entre o tempo festivo e tempo cotidiano).

E assim, não é diferente no caso da micareta em Miracema do Tocantins a cada ano a sua organização, sua execução, tentando seguir uma padronização, com o modelo festejado e existente nas cidades de Feira de Santana e Correntina e dentre outras cidades Baiana.

Em outros momentos, ela sofre mudança, dentre elas, é incorporada as características das tradicionais micaretas que ocorrem no estado da Bahia. Em meio às rupturas e agregação do trio elétrico, dos blocos entre outros elementos, considera nesta pesquisa o festejo enquanto uma micareta, isto é comprovado por meio das evidências levantadas ao decorrer do estudo.

O festejo do *Micaraxi* ao decorrer dos seus 22 anos de realização teve mudanças rupturas, dentre observou-se na pesquisa em relação ao perfil do festejo. Onde cada sujeito tem seu olhar peculiar carregado de suas intenções, ambos compartilham o mesmo local do circuito, estabelecendo relações entre espaço público e privado, produzindo assim uma dinâmica espacial temporária própria da micareta de Miracema do Tocantins.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa realizada apresenta uma compreensão das temporalidades e espacialidades das festas populares bem como a identificação dos seus atores sociais e suas interações. Para fim, da compreensão das tradições e invenções existentes e seus processos de apropriação e (re) apropriação em cada grupo social como estas ações ocorrem.

A revisão bibliográfica foi fundamental, tanto para entender sobre as festas, na questão voltada para a discussão das festas populares existente, como também dos espaços em que elas acontecem, e assim discutiu também o conceito de espaço geográfico. A construção desta relação, entre a festa, o espaço urbano, sendo ele o público e o particular colocados aqui em evidências. O estudo buscou um diálogo entre as diferentes temáticas, elevando assim o estudo em diferentes áreas (Antropologia, Geografia, História e Turismo).

A análise do processo histórico das festas carnavalescas consideradas “fora de época” nesta pesquisa foi necessária para compreender as micaretas, em especial o festejo do *Miracaxi*, no qual em seu início configurava para exaltar a produção da cultura temporária do abacaxi em 1997. Porém com os anos, foram incrementadas características das micaretas baianas, com a presença dos trios elétricos e os tradicionais blocos de ruas (públicos) e os privados (camarotes).

Foi importante a reconstrução de um pouco da história das primeiras micaretas no Brasil, sobretudo nas cidades baiana, em Jacobina na Bahia em 1935 por meio dos relatos do jornal local, mais evidenciada em 1936. E outra cidade é de Feira de Santana na Bahia em 1936, constatou também que ambos os locais eram realizadas inicialmente por bailes em locais fechados e com passar das décadas ganharam as ruas das cidades.

Na pesquisa de campo foram quinze entrevistas com os sujeitos envolvidos nas micaretas sendo eles, os idealizadores, funcionários da prefeitura, moradores e turistas. E também dos questionários aos vendedores atuantes no espaço da festa. Através dos respectivos meios de informações, sobretudo as entrevistas conseguiu se alcançar os resultados finais desta investigação, pois permitiu, mediante a coleta das oralidades dos sujeitos envolvidos na festa e também sobre a história da micareta.

Foram entrevistados os responsáveis pela organização geral da micareta, dentre eles algumas pessoas responsáveis da instituição pública. Na ocasião foram entrevistadas 06 pessoas, em sentido amplo, em suas falas observou-se que a micareta, não trás grande retorno

econômico ao poder público municipal, mas em contrapartida se consolida enquanto uma tradição cultural realizada desde 1997. O festejo é dinâmico, no olhar deste atores, pois antes homenageava a produção do abacaxi, mais hoje nem se faz referência a sua produção.

Os conceitos geográficos tratado é o do espaço em sua totalidade sendo considerado o local onde ocorre a micareta, e de maneira particular as divisões espaciais dentro deste lugar, tomados pelos blocos e camarotes. O qual agrega o conceito de território, sendo aqui visto enquanto o espaço banal, ou seja espaço das tradições e da reprodução dos hábitos e costumes das ações humanas. Nesta relação é possível observar várias territorialidades dentro do circuito geral das micaretas, e em espacial do *Miracaxi* em Miracema do Tocantins desde sua criação em 1997.

Nas entrevistas com 08 moradores que participam do festejo, em geral eles dizem gostar desta festividade, dizem que é tradição e que todo ano na época das férias de meio do ano a cidade recebe muita gente de outras localidades. Sobre o lugar onde ela ocorre, contaram que precisa expandir o seu circuito em decorrência do grande público que tem recebido a micareta nos últimos anos. Outra sugestão citada pelos moradores é de dar prioridade de comercialização para os vendedores informais da própria cidade.

Para os moradores entrevistados, em sua maioria tem a festividade como um dos momentos em que a cidade recebe diversas pessoas e são dias de alegrias, mas para alguns, a questões que precisam melhorar na questão da segurança da micareta. E também, segundo esses a instituição organizadora da micareta deveria pensar em meios para dar a preferência aos vendedores ambulantes da cidade dentro do circuito da festa a prioridade para os moradores da cidade vender seus produtos.

Portanto, em relação aos questionários aplicados as 24 pessoas que vê a micareta enquanto um momento de comercialização dos seus produtos. Que na maioria confirmaram que vendem bebidas alcoólicas e que gostam do festejo, e que considera o mesmo como sendo um evento tradicional que ocorre na cidade. Muitos ressaltam em suas respostas que no mesmo momento vendem suas mercadorias conseguem se divertir também

Constatou-se na etapa qualitativa do estudo que cada participante, no caso dos vendedores atuantes no circuito da micareta, apresenta outro olhar sobre a micareta, em relação ao olhar das pessoas responsáveis tanto pela organização como dos próprios moradores. Pois, compartilham locais distintos dentro do espaço da micareta, pois tem como finalidade de tanto de vender os seus produtos tais como: comidas, bebidas e objetos (canecas,

faixa, fantasias, etc...) como também entre 24 questionários, 08 falaram para aproveitar o momento como diversão para assistir apresentação das atrações musicais. Há aceitação na metade das respostas em relação à tradição do festejo, como é constatado na pesquisa que 50% dos entrevistados consideram a micareta como uma festa tradicional da cidade.

Contudo salienta-se também que este festejo é custeado pelo poder público, mas há grande pressão e apropriação do iniciativa privada em ocupação dos espaços entorno do local público estabelecendo uma lógica de apropriação de interesses próprios sobre espaço público local. Existem também outras atrações culturais na cidade, (Festa do pescador, festa Nossa Senhora Terezinha, Festa de Nossa Senhora de Fátima e as Festas Juninas) que precisam ser estudadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA

ALENCAR, Hélder. **31 anos de Micareta Feira de Santana**. Ed. Feira de Santana-BA: Fundação Senhor dos Passos, 1968.

BALSAN, Rosane, **Espaços de Turismo e Lazer dos Idosos em Rio Claro – SP**, Tese: Orientadora: Lucia Helena de Oliveira Gerardi. Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Rio Claro, São Paulo, 2005, 170f.

BARRIOS, Sonia. **A produção do espaço**. In: SOUZA, Maria Adélia A. de; SANTOS, Milton (org.). *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, 1986. p.1-24

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na Rua**. Campinas: Papirus, 1989.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima, BARBOSA, Fátima Marita, O Carnaval ancestral como contraponto do cotidiano e sua banalização nas sociedades modernas, Iara – **Revista de Moda**, Cultura e Arte - São Paulo, v.5, n.2, 2012.

CORREIA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. In: _____. (Orgs.). **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p.87-103.

_____. Temas e caminhos da geografia cultural: uma breve reflexão. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREIA, Roberto Lobato (Orgs.). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010. p.11-35. 127

COSTA, Carmem Lúcia. **Cultura, Religiosidade e Comércio a Cidade**: A Festa em louvor á Nossa Senhora do Rosário em Catalão – GO: 2010.223f. – Tese (Doutorado em Geografia). Orientadora: Ana Fani Alessandri Carlos, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo, São Paulo, v.1, 2010.

CUNHA, Clementina Pereira. **Ecos da Folia**: Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920/ Maria Clementina Pereira Cunha. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____. **Carnavais e outras festas**: ensaios de história social da cultura. CUNH, Maria Clementina (org.) – Campinas, SP: CECULT, 2002.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e identidade religiosa**: Uma leitura espacial dos padrões e seus festejos em Múquem, Abadiânia e Trindade - GO. 2011. Orientadora: Maria Geralda de Almeida, 254 f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Humanas Universidade Federal do Goiás. Goiânia, 2010.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia de dilema brasileiro, 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. *O que faz o Brasil, Brasil?*. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DINIZ, André. **Almanaque do Carnaval**: A história do carnaval, o que ouvir o que ler, onde curtir, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. **A Cultura popular**: as construções de um conceito na produção historiográficas História. São Paulo. v.30, n.2, p. 401-419, ago/dez.2011. História (São Paulo)

ISSN 1980-4369. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v30n2/a19v30n2.pdf>. Acesso em 24 set. 2018.

FEITOSA, Thalyta de Cássia da Silva. **As Festas da cidade de Porto Nacional: Um olhar dos ativistas culturais**. Orientadora: Rosane Balsan, 2017 Mestrado em Geografia. Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional. 2017. 139f.

FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação, Resistência e Cidadania: as festas populares, **Comunicação e Informação**, São Paulo/SP. v.9, n.1, p.111-117, jan./jun. 2006.

FERREIRA, Ângela Lucía de Araujo; MARQUES, Sônia. Privado e Público Inovação Espacial ou Social? Innovación, Desarrollo Y Medio Local Dimensiones Sociales Y Espaciales De La Innovación. In: Scripta Nova. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociais**. Universidad de Barcelona, n.69, p.20 agosto de 2000.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo, **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 05, n.9, p.65-83, jul./dez., 2000.

FREUD, Sigmund, Totem e Tabu, Beacon Press, 1913.

GASKELL, BAUER, George W. Martin, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Ed. Vozes, 2002. GIL, A.C. São Paulo: Voz, 2015.

GAUDIN, Benoit. Da *mi-carême* ao *carnabeach* – histórias da(s) micare-ta(s). Tempo Social; Revista Sociologia. USP, São Paulo, v.12, p.47-68, maio de 2000.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaços Públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GOMES, Célia Conceição Sacramento. Festas, memórias e representações. In: LOBATO, Lúcia; OLIVEIRA, Érico José Souza de. (Orgs.). **Caderno do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade**. 20. Salvador: UFBA/PPGAC, 2008. p.44-52.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaço público e cidadania a fundamental contribuição da geografia **in**: Reunião do Rio de Janeiro, 2003.

GOMES, Paulo Cesar, Geografia e Modernidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Joseane, **A Micareta de Jacobina: O Resultado da Criação Francesa que virou moda na Bahia e no Brasil**, 2011. Disponível em: <https://geografiadoturismouneb.blogspot.com/2011/02/primeira-micareta-do-brasil-micareta-de.html>. Acesso em: 07 ago.2019.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. As festas romanas, **Revista de Estudos do Norte Goiano** vol.1, nº1, ano 2008, p.26 – 68. Disponível em: http://historia.ufg.br/up/108/o/as_festas_romanas_ana_teresa.pdf. Acesso em 22 jan.2019.

GUARINELLO, Noberto Luiz, FESTA: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa, In: **Festa, Trabalho e Cotidiano**. Vol.II / István Jancsó, Iris Kantor (orgs) – São Paulo: USP:

Fapesp: Imprensa oficial, 2001.

HOBSEW, Eric. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012a. p. 164-178.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. (org) SOVIK, Liv. 2. ed. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart, A identidade Cultural na Pós-Modernidade, Trad. Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro, 11. ed. Rio de Janeiro – RJ DP E A. 2006.

HEERS, Jacques. **Festa de Loucos e Carnavais**. Lisboa – Portugal: Publicações Dom Quixote, 1987.

IBGE, cidades, Disponível em: www.ibge.gov.br/cidadesmiracematocantins.gov.br. Acesso em 23 fev.2020

JORNAL DO TOCANTINS, edições notícias sobre o *MIRACAXI* em Miracema do Tocantins, julho edições 1999.

JORNAL DO TOCANTINS, edições notícias sobre o *MIRACAXI* em Miracema do Tocantins, julho edições 2002

JUNIOR, Annor da Silva, SILVA, Priscilla de Oliveira Martins da, MESQUITA, José Marcos Carvalho de. As dimensões teóricas e metodológicas do grupo focal no contexto da pesquisa qualitativa in: SOUZA, Eloisio Moulin, **Metodologia e análises qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**, (org) Eloisio Moulin Souza, Vitória, Edufes, 2014, 296p.

LAKATOS, Marina de Andrade, MARCONI, Eva Maria, **Metodologia Científica**, 5ed. São Paulo, Atlas, 2009.

MARCONI, Eva Maria, LAKATOS, Marina de Andrade, **Fundamento da Metodologia Científica**, 5ed. São Paulo, Atlas, 2003.

LEMOZ Doracy Araújo. Jacobina, sua história e sua gente/memórias, Jacobina: Grafimorte, 1995.

LEIS, Prefeitura Municipal de Miracema/TO, nº501, 27 de junho de 2017, Prefeitura Municipal de Miracema/TO.

MAUTNER, Thomas, A facticidade inclui todas aquelas minúcias acerca das quais não se tem nenhum . Em *Dicionário de Filosofia* coordenado por Thomas Mautner. Edições 70, 2010 disponível em < em 12. abril/2019.

MARCON, Lilian Cristina, Informações contida no blog sobre a história do carnaval em. Disponível em: www.carnaxe.com.br/historia/historia-do-carnaval-e-sua-origem.htm. Acesso em: 05 mai.2019.

MESSIAS, Noeci Carvalho, **Religiosidade e Devoção: As festas do Divino e do Rosário em**

Monte do Carmo e em Natividade – TO. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da faculdade de História da Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia – GO, 2010.

MIRANDA, Eduardo Oliveira, SILVA, Hellen Mabel S. **(Dês)territorialização e Festa: A mercantilização do espaço público na Micareta de Feira de Santana** in: III encontro Baiano de Estudos em Cultura. Encontro, Feira de Santana, 2012.

MIRANDA, Ricardo Ferreira, **Miracema do Tocantins**: Uma cidade em (dês) construção dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Tocantins, UFT, 2015, Palmas. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/262/1/Ricardo%20Ferreira%20Miranda%20-%20Dissertação.pdf> . Acesso em: 12 fev.2019.

MORAES, Eneida. **História do carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

NASCIMENTO, Aline Santos de Brito, **Carnaval de Ilhéus – Identidade, turismo e sustentabilidade**. Dissertação apresentada, para obtenção do título de Mestre em Cultura e Turismo, à Universidade Estadual de Santa Cruz/ UFBA, Ilhéus, BA, 2003.

OLIVEIRA, Aline Nunes de. **As funções das festas no espaço geográfico contemporâneo**: um estudo de caso de Distritos Rurais de Londrina/PR. Londrina: UEL, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós - Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, 2010.

SANTOS, Vanicléia Silva, Os ritos e os ritmos da Micareta no Sertão da Bahia, proj. História, **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. São Paulo, n.28 p.243-269, jun.2004.

SANTOS, José Paulo dos, O que é cultura. 6. ed. São Paulo: brasiliense, Brasil, 1987.

SANTOS, Rosselvelt José, COSTA, Cláudia Lúcia da Costa, KINN, Marli Graniel, Ensino de Geografia e novas Linguagens. In:MARGARIDA, Marísia, BUITONI, Santiago, **Geografia: Ensino Fundamental**, Ministério da educação, secretaria de Educação Básica 2010.

SUERTEGARAY, Dirce Maria, **Espaço Geográfico uno e múltiplo**. In SUERTEGARAY, Dirce M. A. Basso, Luis A. VERDUM, Roberto. Ambiente e Lugar no Urbano – A Grande Porto Alegre. Ed. UFRGS, 2000. P. 13-34.

PINTO, Florentino Carvalho, JESUS, Amaral Luziane, Micareta de Feira de Santa: uma Festa Popular sob o olhar das relações culturais e Socioeconômicas. Reac – **Revista de Administração e Contabilidade**. Faculdade Anísio Teixeira (FAT), Feira de Santana-Ba, v. 2, n. 2, p. 35-50, julho/dezembro, 2010.

PONTY, Maurice Merleau, **Fenomenologia da percepção**, Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RAFFESTIN, Claude, Por uma Geografia do Poder. Tradução de FRANÇA, M. C: São Paulo Ed. Ática, 1993.

ROQUE, Bianca Beatriz, ROSANELI, Imagens mentais de pessoas Cegas: A percepção Ambiental na Geografia Fenomenológica, **Revista Geograficidade** v.8, n.2, Inverno 2018.

Disponível em :<http://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/13135/pdf>. Acesso, em: 20 fev.2019.

TRÊZ, Thales de A. e, Caracterizando o Método Misto de Pesquisa na Educação: Um continuum entre a Abordagem Qualitativa e Quantitativa. **ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO - PPGE/ME**, v. 7, n. 4, p. 1132-1157, dez. 2012 . Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/viewFile/3231/2342>. Acesso em: 01 nov.2019.

XAVIER, Clarissa Valadares, **Micaretas ou festas Micaretescas?** Sobre espaços públicos e privados, lugares e locais na turistificação da folia em Goiânia. Orientado: Prof Dr. Carlos Eduardo Santos Maia, Tese (doutorado) pela Universidade Federal de Goiás – UFG, 2010, 209 f.

ENTREVISTAS COM ALGUNS ORGANIZADORES E MORADORES DA MICARETA ENTRE OS ANOS DE (1997-2019)

ALENCAR, Genes Francelino. Secretário Municipal do desenvolvimento urbano de Miracema/TO. Entrevistado em 08 de fevereiro de 2019. Entrevistadores: João Paulo Carneiro dos Reis, Rosane Balsan. Miracema/TO, 2019.

BORBA, Junior. Chefe de Gabinete do Prefeito. Entrevistado em 08 de fevereiro de 2019. Entrevistadores: João Paulo Carneiro dos Reis, Rosane Balsan. Miracema/TO, 2019.

OLIVEIRA, Leandro. Secretário Municipal da Juventude, Esporte, Lazer e Cultura de Miracema/TO. Entrevistado em 08 de fevereiro de 2019. Entrevistadores: João Paulo Carneiro dos Reis, Rosane Balsan. Miracema/TO, 2019.

MORAES, Paulo Sardinha. Secretário Municipal de finanças. Entrevistado em 08 de fevereiro de 2019. Entrevistadores: João Paulo Carneiro dos Reis, Rosane Balsan. Miracema/TO. UFT, 2019.

FERNANDES, Kadja. Funcionária da secretária da Juventude, do Esporte, Lazer e Cultura de Miracema/TO.

REIS, André Luiz Ribeiro, participante (fornecedor de equipamentos para camarote presente na festa) em 24 de junho de 2019. Miracema/TO.

SEGATTO, Grazy moradora e comerciante na avenida onde acontece a festa, 19 de junho de 2019. Miracema/TO.

MOTTA, Cristiano Alves Batista da, morador do espaço onde acontece a festa, entrevistada em 19 de junho de 2019. Miracema/TO.

MORAES, Paulo Sardinha, morador do espaço onde acontece a festa, entrevistada em 19 de junho de 2019. Miracema/TO.

LEÃO, Dhieire Rodrigues, moradora e comerciante na avenida onde acontece a festa,

entrevistada em 19 de junho de 2019. Miracema/TO.

CASTRO, Edson, morador na avenida onde acontece a festa, entrevistada em 19 de junho de 2019. Miracema/TO

AQUINO, Maria de Lurdes Delmondes, moradora na avenida onde acontece a festa, entrevistada em 19 de junho de 2019. Miracema/TO.

RAQUEL, moradora da cidade participante da festa, entrevistada em 15 de julho de 2019.

MOREIRA, Carlos Augusto, morador e integrante do bloco que não anda sem beber, entrevista 23 de outubro de 2019. Miracema/TO.

ENTREVISTA – COM O PRIMEIRO IDEALIZADOR E REALIZADOR DA MICARETA.

SANTOS, Frederico Sodré dos, EX-SECRETÁRIO DE TURISMO DE MICARETA ENTRE (1996-2000). Entrevistado em 25 de março de 2019. Entrevistador: João Paulo Carneiro dos Reis, Palmas/TO, 2019.

APENDICE A

O questionário aplicado com os vendedores atuantes- Festa do Miracaxi, Miracema, TO. 20118 - 2019

Vendedor. n.	Data:	8. Descreva o percurso em breves palavras por onde acontece a festa.
1. Idade:	Sexo: () M () F	_____
2. Há quanto tempo o(a) senhor(a) vende seus produtos na festa do Miracaxi?		_____
_____		9. Esse trajeto sempre foi o mesmo? Esse último faz quanto tempo que foi criado?
3. Você sabe quais as origens da festa?		_____
_____		10. Faça uma avaliação dos desafios e mudanças que surgiram neste ano, em relação anteriores?
4. O que você mais gosta durante a festa?		_____
_____		_____
5. Há necessidades para a realização da festa que não estão sendo atendidas ou que se tem dificuldade para atendê-las? Quais?		11. Qual o sentimento de estar presente na Festa?
_____		_____
_____		_____
6. Tem se observado mudanças em relação ao público ou à segurança no local nos últimos anos (se sim, informar a partir de quando)? A que se deveriam tais mudanças?		12. Estado e Cidade de origem: _____
_____		_____
_____		13. Com este, por quantos anos já comercializa na festa da Miracaxi?
7. O que você sabe sobre o carnaval fora de época?		() 1ª vez
_____		() ____ Vezes
_____		14. Há quanto tempo participa da festa?

		O que você vende na festa?
		Tipo de comércio

alimentos _____

bebidas _____

alimentos e bebidas

recreação _____

() artesanato _____

() outros _____

15. Você é proprietário de barraca ou é contrato?

16. Se for proprietário, vende apenas o que produz? _____

17. Há reuniões com os vendedores internos na festa do Miracaxi, você partir delas?

18. Aponte aspectos positivos e negativos em relação a festa Miracaxi?

19. Com relação à festa e/ou a nossa pesquisa – complementos e/ou sugestões.

20. Você considera a festa do Miracaxi, uma festa típica e própria de Miracema? Porque?

APENDICE B

Roteiro de entrevista semi estruturada -- realizada com os moradores de rua próximas ao circuito da festa em Miracema-Tocantins.

Nome:

Idade:

Profissão:

Sua residência é: própria () alugada () cedida () outro

Há quanto tempo mora nesta casa?

Gosta da festa do Miracaxi? Por quê?

Você aluga a causada da sua casa durante a festa?

Quanto recebe pela locação?

Você aluga: () calçada () quartos (banheiros () garagem

Você sabe quando e como surge a festa?

Você acha que a festa transforma sua vida cotidiana? Como? Você tem vontade de mudar deste lugar?